



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA – MESTRADO
LINHA DE PESQUISA: PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL E PSICANÁLISE

**OS DISCURSOS CONTEMPORÂNEOS SOBRE A MULHER, PELA
MULHER, EM BLOGS**

Recife-PE
Agosto, 2023



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA – MESTRADO
LINHA DE PESQUISA: PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL E PSICANÁLISE

JÉSSYCA ALANA OLIVEIRA PEREIRA

**OS DISCURSOS CONTEMPORÂNEOS SOBRE A MULHER, PELA
MULHER, EM BLOGS**

Dissertação para apresentação à
banca, como requisito final para a
obtenção do título de Mestrado em
Psicologia Clínica.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Edilene
Freire de Queiroz

Recife- PE
Agosto, 2023

P436d Pereira, Jéssyca Alana Oliveira.
Os discursos contemporâneos sobre a mulher, pela mulher,
em blogs / Jéssyca Alana Oliveira Pereira, 2023.
155 f.

Orientadora: Edilene Freire de Queiroz.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de
Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Psicologia
Clínica. Mestrado em Psicologia Clínica, 2023.

1. Psicanálise. 2. Feminismo. 3. Análise do discurso.
4. Feminilidade - Aspectos psicológicos. 5. Psicopatologia.
I. Título.

CDU 159.964.2

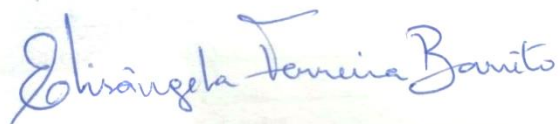
Pollyanna Alves - CRB4/1002

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA –
MESTRADO
LINHA DE PESQUISA: PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL E
PSICANÁLISE

JÉSSYCA ALANA OLIVEIRA PEREIRA

OS DISCURSOS CONTEMPORÂNEOS SOBRE A MULHER, PELA
MULHER EM BLOGS

BANCA EXAMINADORA



PROF^ª. DR^ª. ELISANGELA FERREIRA BARRETO – EXAMINADORA EXTERNA



PROF^ª. DR^ª. PAULA CRISTINA MONTEIRO DE BARROS – EXAMINADORA
INTERNA



PROF^ª. DR^ª. EDILENE FREIRE DE QUEIROZ- ORIENTADORA

RECIFE -PE

2023

Para a menina que brincou no quintal e descobriu que ele é maior que a cidade

Agradecimentos

Gostaria de iniciar agradecendo a mim, por mesmo no período que considero o mais difícil da minha vida, o ano de 2021, não ter desistido do meu sonho. Foi um longo percurso até entender e aceitar que meu lugar é um lugar construído, meu lugar durante o mestrado foi construído com muita dedicação e esforço.

Lacan nos ensina que o desejo deve ser nomeado, portanto não poderia deixar de agradecer a todos aqueles que me ajudaram a sustentar o meu desejo. Quero agradecer a professora Véronique Dornad por ter tornado possível que eu concorresse a bolsa, sem a qual eu não poderia estar no mestrado, meu agradecimento se estende a CAPES e ao CNPQ, pelo incentivo a pesquisa na pós-graduação e financiamento da bolsa.

Á todo corpo docente da UNICAP, em especial as professoras Paula e Consuelo, suas aulas me instigaram a querer saber mais. Aos funcionários da pós-graduação, Dani e Sérgio, pelo apoio e compreensão.

Á minha família, Adriana, Joseci, Joseci Jr, Joison, Zuca, Maria do Carmo e Gevanilde. Por terem me transmitido garra e coragem. Vocês são minha base e meu apoio.

Ao meu amigo, parceiro e irmão, Anderson Barbosa, por tomar meus problemas como os seus, por estar sempre do meu lado, me ouvir e me dizer verdades importantes de serem escutadas.

Ao meu amigo Lucas Amorin, por toda sua paciência em me escutar e acolher. Aos meus amigos e companheiros de jornada do grupo de estudo, Daysa, Cynthia, Will, Severino, Tiago, Aninha. Vocês fazem parte do meu percurso.

Aos meus queridos amigos de infância, que sempre renovam minhas energias entre risos e recordações, João Paulo, Júlia, Douglas, Paulo Filipe, Felipe, Taynah, Larissa, Louise e Dontinha.

Às minhas amigas que me inspiram e tem um lugar especial no meu coração, Alice, Joanne, Anne, Marina e Layanne.

Quero agradecer a toda minha turma do mestrado, em especial a Quezia e a Poly, foi uma surpresa maravilhosa o encontro com vocês, compartilhar as angustias e as felicidades tornou esse processo mais leve, quero vocês comigo para além do meio acadêmico.

Quero agradecer a Gorete, pela escuta acolhedora, sem o processo analítico eu não conseguiria passar por tudo isso.

Um agradecimento em destaque a minha banca, composta por Elis e Paula, vocês são mulheres que me inspiram, que eu confio e que marcaram minha jornada.

Por fim, quero agradecer a minha orientadora, Edilene, por me mostrar possibilidades para além das que eu esperava, obrigada professora!

O indizível só me poderá ser dado através
do fracasso de minha linguagem. Só quando
falha a construção, é que obtenho o que ela
não conseguiu.

Clarice Lispector (1964/2009).

RESUMO

A partir da preposição freudiana sobre a relação desarmônica por excelência entre sujeito e cultura, Lacan propõe os discursos como forma de organizar os laços sociais e engendrar o gozo. Há quatro modalidades de discurso, são eles: o discurso do mestre, da universidade, da histórica e do analista. Defendemos a indissociabilidade entre a prática clínica e as problemáticas culturais, uma vez que o inconsciente do sujeito é o outro. Dessa forma, as mutações no campo do Outro, promove mutações na constituição do sujeito. Pensamos que ao longo da história, em uma posição de mestre, o discurso patriarcal buscou fixar as mulheres em lugares preestabelecidos, entretanto, os discursos feministas, em uma posição discursiva histórica, têm feito os significantes girarem e promoveram mudanças significativas em praticamente todos âmbitos culturais. A hipótese do nosso trabalho é que diante da inexistência da mulher, os sujeitos assumem muitas vezes uma posição discursiva histórica em busca de um saber que não cessa, ora se submetendo ao discurso do mestre enquanto aquele que tem a resposta, ora denunciando o mal-estar que este discurso promove. Esse trabalho trata-se de uma pesquisa psicanalítica que tem como objeto de investigação os discursos de mulheres, a partir da extração dos discursos de mulheres em blogs, temos como objetivo geral: analisar as construções discursivas sobre as mulheres, a feminilidade e o feminino no contemporâneo, e os seguintes objetivos específicos: o que esses discursos nos possibilitam dizer sobre a posição feminina atualmente; e investigar os discursos das mulheres nos blogs feministas a partir da orientação lacaniana. Constatamos que que ao adquirir o status de mestre na atualidade, o discurso capitalista alinhado ao discurso da universidade tem oferecido saídas que excluem a castração e que passam cada vez menos pelo recurso da palavra, há assim a ascensão da lógica mercantil para o tratamento das problemáticas contemporâneas. Alguns discursos encontrados nos blogs, atendem à demanda do mestre atual, de forma que as questões que perpassam as mulheres e a feminilidade, vem sendo construídas a partir real, sabemos que esse é um ponto de partida importante para o sujeito, mas nossa aposta é em construções simbólicas e singulares. Em contrapartida, alguns discursos denunciam o mal-estar provocado pelo discurso do mestre, e apresentam resistências ao rechaço ao Outro gozo, reivindicando um lugar e saídas menos universalizantes. Enquanto praticantes da psicanálise, cabe a nós, reiterar a ética da psicanálise, nos vestir de objeto causa de desejo, tornando possível que algo inédito possa ser construído para além do discurso dominante.

Palavras-chave: Discurso, feminismo, blogs, psicanálise, contemporaneidade.

ABSTRACT

Based on Freudian propositions about the inherently disharmonious relationship between the subject and culture, Lacan proposes discourses as a means of organizing social connections and generating jouissance. There are four discourse modalities: the discourse of the master, the university, the hysteric, and the analyst. We advocate for the inseparability of clinical practice and cultural issues, as the subject's unconscious represents the Other. Therefore, changes in the realm of the Other lead to changes in the subject's constitution. Throughout history, in the master's position, patriarchal discourse sought to confine women to predetermined roles. However, feminist discourses, adopting a hysteric discursive stance, have altered signifiers and induced significant changes in virtually all cultural domains. Our working hypothesis is that, in the face of the absence of women, subjects often adopt a hysteric discursive stance in the pursuit of ceaseless knowledge. Sometimes, they succumb to the master's discourse as the source of answers, while at other times, they expose its harmful effects. This work constitutes a psychoanalytic research focused on women's discourses. It is based on the extraction of women's discourses from blogs. The overarching goal is to analyze discursive constructs pertaining to women, femininity, and the feminine in contemporary times. The specific objectives include understanding what these speeches reveal about the current feminine position and investigating women's discourses in feminist blogs from a Lacanian perspective. We have found that the contemporary capitalist discourse, aligned with the university discourse, positions itself as a master. It offers solutions that evade castration and increasingly rely less on the use of words. Consequently, a commercial logic emerges for addressing contemporary issues. Some discourses encountered in blogs cater to the demands of the present master by constructing women's and femininity-related issues based on reality. While this is an essential starting point, our emphasis lies in symbolic and unique constructions. Conversely, certain discourses expose the discomfort generated by the master's discourse and resist renouncing the Other's jouissance. They advocate for a less universalizing standpoint and alternative approaches. As psychoanalysis practitioners, it is our responsibility to reaffirm the ethics of psychoanalysis. By positioning ourselves as an object of desire, we enable the creation of something unprecedented beyond the dominant discourse.

Keywords: Discourse, feminism, blogs, psychoanalysis, contemporaneity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Os lugares dos discursos segundo Lacan.....	22
Figura 2 - Os quatro discursos propostos por Lacan.....	24
Figura 3 – Tábua da sexuação.....	45

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. CAMINHOS METODOLÓGICOS	19
2.1. Pesquisa em psicanálise	19
2.3 Desenvolvimento da pesquisa	24
2.4 A coleta de dados.....	26

PARTE I

3. OS DISCURSOS FUNDAM A CULTURA	29
4. DARK CONTINENT, A MULHER QUE NÃO EXISTE E OS FEMINISMOS	41
4.1 A pluralidade dos feminismos	50
4.2 Os feminismos e a teoria lacaniana.....	52
5. O DECLÍNIO DA FUNÇÃO PATERNA E A ASCENSÃO DA LÓGICA DO MERCADO	55

PARTE II

6. ESCREVER O QUE NÃO CESSA ATRAVÉS DOS BLOGS	65
7. SER MULHER É MUITO DIFERENTE DE SER MÃE	68
8. PODE UMA MULHER DESEJAR NÃO TER UM FILHO?	81
8.1 A constituição de um corpo e o gestar	85
8.2 A mulher e a função materna.....	89
8.3 O tabu do aborto	92
9. O AMOR NOS TEMPOS DE INDEPENDÊNCIA E AUTONOMIA	95
10. A VIOLÊNCIA DIANTE DA ALTERIDADE.....	109
11. O TRAUMÁTICO DA LIBERAÇÃO SEXUAL	126
12. MOMENTO DE CONCLUIR... POR ENQUANTO.....	142
REFERÊNCIAS	145

1. INTRODUÇÃO

Desde o surgimento da psicanálise, há um diálogo entre a teoria psicanalítica e o movimento feminista. Por vezes, Freud foi questionado por feministas da chamada primeira onda por defender conceitos polêmicos como a inveja do pênis; outras vezes a teoria freudiana foi interessante ao movimento feminista por recorrer ao cultural, através do Édipo, para explicar o tornar-se mulher ou homem. Esse movimento paradoxal acompanhou o desenvolvimento de ambas as teorias, as feministas da chamada segunda onda questionaram Lacan, e os feminismos atuais, em sua pluralidade, também convocam os psicanalistas a participar do debate (Cossi, 2016).

De acordo com Soler (2020), a psicanálise tem um lugar importante nesse debate, uma vez que, ao estar em uma posição de analista, o julgamento social é suspenso e o analista encarna uma posição de objeto causa de desejo, essa condição torna possível que os sujeitos falem de seus desejos inconscientes e contraditórios e torna os psicanalistas capazes de se posicionarem com segurança nos debates sobre a sexualidade e a diferença entre homens e mulheres.

Colette Soler e Maria-Hélène Brousse são psicanalistas que se destacam entre as que fomentam debates entre a psicanálise e as problemáticas contemporâneas, as autoras chamam a atenção para a relação inseparável entre a cultura e a clínica, visto que as mudanças no campo do Outro têm efeitos sobre a subjetividade e os laços sociais. Pensamos que os movimentos feministas têm um lugar de destaque nas mudanças sociais que ocorrem atualmente, pois ao tomar a voz, as mulheres puderam falar e não apenas serem faladas, o que tem provocado mudanças significativas em praticamente todos os âmbitos da cultura.

A relação entre o sujeito e a cultura sempre foi um tema de destaque na teoria psicanalítica. No texto *O mal-estar na cultura* (1930), Freud deixa clara a relação desarmônica e impossível de cura entre o sujeito e a cultura. Entre as fontes de sofrimento humano, Freud elege a relação entre os pares como a que causa maior sofrimento aos sujeitos. Lacan parte desta tese freudiana para o desenvolvimento de sua teoria dos discursos nos anos 70. A partir do que Freud toma como tarefas impossíveis: governar, educar, e analisar, Lacan propõe o discurso do mestre, da universidade e do analista. Acrescenta ainda outra tarefa impossível, o fazer desejar, o qual alude ao discurso da histórica.

Desde o início de suas elaborações, Lacan propõe uma relação dialética entre o discurso do mestre e o discurso da histórica, uma vez que o discurso da histórica demanda ao outro a

produção de um saber; o fazer desejar faz parte desta estrutura discursiva, ao passo que o discurso mestre responde a essa demanda, produzindo saberes que dominam o laço social. A relação entre a demanda de saber e a produção de saber não cessa, são posições que se retroalimentam.

Os discursos têm assim a função organizativa de promover os laços sociais entre os sujeitos e a cultura, essa relação é por excelência desarmônica. Os discursos são uma forma de dar tratamento a essa desarmonia, engendra os modos de gozo, através da linguagem, ordena e regula os laços sociais. De forma que o que está em jogo são as estruturas discursivas, pois ao longo da história os significantes mudam, mas a estrutura permanece, tendo em vista o resto pulsional impossível de ser totalmente simbolizável.

Coulto *et al* (2018) destacam a época em que Lacan desenvolveu a teoria dos discursos. Para os autores, Lacan, assim como outros intelectuais da época, estava sofrendo os impactos do movimento de 1968, que tinha como lema “é proibido proibir”, em suma, esse movimento reivindicou a liberdade e a democracia, de forma que teve importantes desdobramentos no que diz respeito a conquista de direitos. Para os autores citados acima, a teoria dos discursos foi uma forma de posicionar a psicanálise diante os debates efervescentes da época.

Nesse sentido, Xavier (2022) aponta uma aproximação entre o discurso da histórica e os movimentos sociais, pois ao coletivizar a fala e propor reivindicações em comum, os movimentos sociais podem destituir o mestre do seu lugar e alcançar as reivindicações proposta pelo movimento. No caso dos movimentos feministas, o patriarcado assumiu uma posição de mestre e tentou fixar ao longo da cultura as mulheres em lugares preestabelecidos, porém, ao questionar esse lugar, ao reivindicar direitos e lutarem por isso em coletivo, os movimentos feministas promoveram uma verdadeira revolução nos modos de vida.

Paralelo ao interesse teórico sobre esse tema, o problema objeto deste estudo adveio de inquietações oriundas da clínica, especialmente a fala de um paciente, que disse “eu não sei o que é uma mulher, eu só sei que não quero ser igual a minha mãe”. Essa fala me marcou, fez-me perguntar sobre o meu próprio ser e perceber que a famosa pergunta freudiana “afinal, o que quer uma mulher?” é uma constância na clínica, esse não saber emerge de diferentes formas, para mulheres e homens.

Esse não saber me pôs a trabalhar, pois ao perceber que esse enigma relacionado ao feminino causa angustia aos sujeitos, passei a sentir desejo de investigar o tema. Juntamente às supervisões e à análise pessoal, venho compreendendo que não há uma resposta para esse questionamento, este percurso tem me ajudado a suportar o não-todo e o excesso que se

presentifica neste Outro gozo. Poder estar em uma posição de analista é então compreender a importância do enigma, servir-se do enigma para que o sujeito possa fazer algo com o impossível, no sentido não de se livrar dele, mas de construir algo único e singular.

Assim, a escuta clínica denuncia o mal-estar contemporâneo, o que nos possibilita questionar as premissas fálicas e refletir sobre saídas menos universalizantes. Dessa forma, esta pesquisa se mostra relevante por reafirmar o compromisso da psicanálise com a cultura, não há promessa de extinção da angústia causada pelo não-todo, mas outras formas de gestão deste sofrimento para além do discurso dominante.

Os estudos teóricos supracitados atrelados à escuta clínica fizeram surgir a necessidade de investigar os efeitos dos discursos contemporâneos sobre os sujeitos, no caso deste trabalho, o foco são os efeitos dos discursos atuais sobre as noções construídas sobre as mulheres, a feminilidade e o feminino.

Trata-se de uma pesquisa psicanalítica que tem como objeto de investigação o discurso de mulheres. A partir da extração dos discursos de mulheres através de blogs, temos como objetivo geral: analisar as construções discursivas sobre as mulheres, a feminilidade e o feminino no contemporâneo, e os seguintes objetivos específicos: o que esses discursos nos possibilitam dizer sobre a posição feminina atualmente; e investigar os discursos das mulheres nos blogs feministas a partir da orientação lacaniana.

O campo de pesquisa é o ciberespaço, mais especificamente os blogs feministas, nos quais foram investigados quatro blogs e a coluna de uma revista feminista. Os depoimentos foram extraídos de acordo com a transferência da pesquisadora, a partir de uma leitura flutuante, em conformidade com os temas que apareceram com mais intensidade. Por ser um campo relativamente novo, deparamo-nos com dificuldades específicas em que a literatura ainda não oferece um consenso com resoluções bem definidas, mas permite a criatividade do pesquisador para se abrir a (re)invenções e (re)construções contínuas.

A metodologia desse trabalho foi inspirada nos trabalhos de tese de Nádya Laguárdia de Lima (2009) e Isabela Lemos Arteiro (2017), as autoras trabalharam com blogs e explicitaram ao longo de suas pesquisas a importância que os blogs adquiriram na atualidade, uma vez que através destes sítios as pessoas falam sobre suas angústias, desejos, inquietações, interagem umas com as outras e contam de suas experiências. Os blogs promovem, assim, laços sociais, e denunciam alguns elementos sobre a subjetividade contemporânea, o que se apresenta como um dos objetivos deste trabalho, sendo, portanto, uma ferramenta interessante a nossa pesquisa.

Além disso, a escrita pode ser entendida como um suporte importante no processo de subjetivação das mulheres, uma vez que Lacan aponta uma maior aproximação das mulheres com o real, logo a escrita pode, então, ajudar a circunscrever a insistência do real no feminino. Desta forma, a hipótese do nosso trabalho é que, diante da inexistência da mulher, os sujeitos assumem muitas vezes uma posição discursiva histórica em busca de um saber que não cessa, ora se submetendo ao discurso mestre enquanto aquele que pode dar a resposta, ora denunciando o mal-estar que este discurso promove.

É importante deixar claro que ao longo do nosso trabalho a categoria mulher e homem são pensados a partir da perspectiva lacaniana, ou seja, a partir da tábua da sexuação podemos pensar em uma posição feminina e masculina, o que não diz respeito ao aparato biológico do sujeito, mas a sua modalidade de gozo.

Para fins didáticos, esta dissertação foi dividida em duas partes. Na primeira parte, foi explorada a teoria dos discursos proposta por Lacan, assim, articulamos o discurso da histórica aos movimentos feministas, uma vez que em uma posição socrática foi possível promover giros discursivos e as mulheres puderam ocupar outros lugares na sociedade. O discurso da histórica também foi motor para o desenvolvimento da teoria psicanalítica, o que Freud e posteriormente Lacan produziram a respeito das mulheres, da feminilidade e do feminino também influenciaram a forma como a cultura entende estes lugares, assim, também foi explorado o diálogo entre o desenvolvimento da teoria psicanalítica e dos feminismos. Partindo de pressupostos diferentes, ambas as teorias se influenciaram e se fazem importantes para esta temática.

Como a prática clínica é indissociável da cultura, também procuramos entender os efeitos da união entre os discursos capitalistas e da universidade sobre os sujeitos que se encontram em uma posição feminina, já que estes discursos assumem a roupagem de mestre no contemporâneo. Constatamos que na atualidade há o declínio da função paterna ao passo que há ascensão dos uns-sozinhos, o que nos possibilitou refletir sobre o rechaço da cultura atual aos sujeitos que estão em uma posição feminina. Assim, a primeira parte desse trabalho diz respeito ao embasamento teórico necessário para a compreensão dos resultados da nossa pesquisa, que foram explorados na segunda parte.

A segunda parte do trabalho é dividido por temáticas, a partir do que extraímos dos blogs, em que encontramos com maior constância escritas relacionadas a cinco temas: “Ser mulher é muito diferente de ser mãe”, “Pode uma mulher desejar não ter um filho?”, “O amor nos tempos

de independência e autonomia”, “A violência diante da alteridade” e “O traumático da liberação sexual”.

Podemos notar que os discursos que perpassam as mulheres na atualidade são plurais e mudam bastante de concepções e ideais a partir do contexto social que estão inseridas. A maternidade, por exemplo, enquanto uma escolha e não uma imposição como acontecera outrora, é encontrada em todos os sites pesquisados, entretanto, as nuances emergem quando nos questionamos quem pode ter a maternidade enquanto uma escolha. Nesse sentido, as questões relacionadas à distribuição desigual dos meios de consumo se sobressaem muitas vezes ao desejo íntimo dos sujeitos.

Os resultados da nossa pesquisa mostram que, ao adquirir o status de mestre na atualidade, o discurso capitalista e o da universidade têm oferecido saídas que excluem a castração e que passam cada vez menos pelo recurso da palavra. Desse modo, embora tenha havido giros discursivos importantes, que possibilitaram a pluralidade de discursos sobre as mulheres, a imposição do discurso capitalista alinhado ao da universidade trata do sujeito contemporâneo pelo viés da lógica do mercado. Por esse viés, um sujeito torna-se mulher a partir do que pode obter, do que pode comprar, de qual lugar social pode ocupar. Essas saídas são frágeis e inconsistentes, pois a lógica do mercado é a de tornar objetos obsoletos para que se possa comprar sempre mais.

Nesse sentido, os movimentos feministas contemporâneos têm se preocupado em trazer ao centro dos debates questões relacionadas ao sexismo, mas também ao racismo e ao capitalismo, pois são questões enraizadas e estruturadas em nossa cultura que produzem diferenças estruturais.

Quanto a nós, psicanalistas, é fundamental manter o discurso psicanalítico na pólis. Diante da lógica universalista, é preciso comparecer aos debates atuais, dar visibilidade ao discurso psicanalítico enquanto uma prática e teoria que tem muito a dizer sobre os novos modos de vida. Desse modo, é preciso que a prática clínica compareça para além do consultório, mas estar envolvido também nas urgências da cultura, propor uma gestão de conflito entre sujeito e cultura que não seja apenas a de extinção ao sofrimento, como é o que vem acontecendo.

A ética da psicanálise se faz em continuar a dar um lugar ao que a sociedade rechaça, que se apresenta atualmente como aquilo que não é funcional. É preciso, portanto, que continuemos a nos interessar por aquilo que não pode ser comercializável, que só pode ser

construído no um a um: as coisas do amor e da não relação sexual, como apontam Miller (2004) e Barillot (2016).

2. CAMINHOS METODOLÓGICOS

Este trabalho trata-se de um estudo psicanalítico e tem como objeto de investigação os discursos contemporâneos sobre as mulheres. Apresenta o objetivo geral de analisar as construções discursivas sobre as mulheres, a feminilidade e o feminino no contemporâneo, e os seguintes objetivos específicos: o que esses discursos nos possibilitam dizer sobre a posição feminina atualmente; e investigar os discursos das mulheres nos blogs feministas a partir da orientação lacaniana. O campo de pesquisa são os blogs feministas da internet, e uma coluna específica de uma revista feminista, totalizando cinco sites pesquisados.

A extração dos depoimentos de mulheres nos sites pesquisados culminou em cinco temáticas que se apresentaram com maior constância em suas escritas e serão abordadas na segunda parte dessa dissertação, são eles: “Ser mulher é muito diferente de ser mãe”, “Pode uma mulher não desejar um filho?”, “O amor nos tempos de independência e autonomia”, “A violência diante da alteridade” e “O traumático da liberação sexual”. Para melhor compreender nossas escolhas metodológicas e caminhos percorridos, iremos discorrer sobre o referencial teórico adotado e como ele direcionou o passo a passo de nossa pesquisa.

2.1. Pesquisa em psicanálise

No anseio de elevar o status da psicanálise à ciência, Freud se preocupou em responder várias críticas sobre seu método de pesquisa. Alguns críticos da psicanálise buscaram demonstrar que a obra freudiana não deveria ser julgada como trabalho científico, mas como realização artística. Embora Freud tenha considerado isso um elogio, negou veemente que a psicanálise estivesse no âmbito da literatura (Freud, 1920-1923/2011).

Gerbase (2020) aponta que Freud revolucionou a concepção de sujeito clássico da filosofia a partir da descoberta do inconsciente, cita como exemplo Kant: “O eu penso deve poder acompanhar todas as minhas representações”, que viria a ter outros desdobramentos depois da descoberta freudiana, “isso pensa”, pois há muitos pensamentos que funcionam sem o “eu penso”.

Ou seja, a psicanálise tem como objeto de estudo o inconsciente, o que a diferencia dos demais saberes. De acordo com Iannini (2019b), Freud logo percebeu que a psicanálise exige do pesquisador habilidades que não são aprendidas em laboratórios e que seria necessário forjar um método próprio que combinasse o rigor conceitual do cientista natural com o rigor conceitual do poeta. De forma que “a metodologia de pesquisa em psicanálise não equivale a

discurso universitário e, ainda, que a metodologia em psicanálise não se limita ao consultório privado, mas pode habitar instituições e lidar com as urgências de nossa atualidade.” (Vorcaro, 2020, p. 8).

No posfácio, a questão da análise leiga, de 1927, Freud enfatiza que o ganho científico do trabalho analítico se situa em uma associação entre curar e pesquisar, ao mesmo tempo em que são feitas novas descobertas teóricas, pois obtêm seus efeitos a partir da experiência analítica e vice-versa. Assim, a prática clínica e as formulações de conceitos psicanalíticos caminham juntos. Entretanto, embora o pesquisador e o analista estejam interessados na pesquisa do inconsciente, esses são lugares diferentes, pois em uma análise quem pesquisa o inconsciente é o analisante. Já em uma pesquisa em psicanálise, parte-se do interesse do pesquisador, o seu desejo e inconsciente entram em jogo na condução de uma pesquisa.

Dessa forma, a pesquisa em psicanálise deve ter como fundamento os princípios da clínica psicanalítica, como é o caso da associação livre, atenção equiflutuante e transferência (Figueiredo & Minerbo, 2006). No caso da nossa pesquisa, apesar de não ser realizada no *setting* tradicional, tomamos como direcionamento esses princípios para realizar a coleta de dados, que se deu pela extração de textos escritos em blogs, que tocaram a pesquisadora e chamaram a atenção por responderem aos objetivos desta pesquisa.

Ao construir o método de sua tese, Isabela Arteiro (2017) indica que o pressuposto de que todo texto é endereçado ao outro torna-o passível de interpretação. Ao investigar a organização de um texto, seus deslizos e movimento em direção ao outro é possível identificar uma relação transferencial, e, por conseguinte, pode-se realizar uma investigação psicanalítica a partir de um texto. Há uma transferência daquele que posta ao outro que lê e interage a partir desses textos, nessa interação, algo dos significantes circulam.

De outra parte há a nossa transferência na escolha não só dos discursos das mulheres, também nesta modalidade online. Textos escritos em primeira pessoa, hashtags com o nome feminilidade, sexualidade, títulos que assim que foram lidos ressoaram ou contestaram a teoria, como: “desformando a feminilidade”, ou “o que é uma mulher” chamaram a atenção imediatamente por denunciarem algumas construções que estão sendo feitas atualmente sobre as mulheres e a feminilidade.

Constatamos que, na atualidade, o discurso do capitalismo e da universidade na condição de mestre tem oferecido saídas fálicas, que passam pelo ter, e que, por estarem submetidas à lógica do mercado, apresentam-se como frágeis e inconsistentes, mas, na verdade, alimentam muito mais a essa pergunta do que possibilita a construção de uma resposta.

É importante destacar que o objetivo ao analisar os discursos de mulheres não é atribuir um juízo de valor ao que foi encontrado. Como lembra Lacan, no seminário XX *O saber e a verdade* (1973-72/2008), toda realidade é fantasmática, é uma ficção construída pelos sujeitos, sendo impossível dizer toda verdade. A pesquisa psicanalítica, portanto, difere das ciências duras, pois parte do um põe em questão o universal. Nosso objetivo não é dizer qual é o discurso atual das mulheres, mas explorar as pluralidades de discursos construídos por elas, tendo como luz a realidade psíquica e não a factual.

2.2. O campo de pesquisa

De acordo com Ribeiro (2008), os discursos encontrados em blogs podem ser comparados aos da literatura. A internet como campo de pesquisa corresponde à literatura, pois oferece uma riqueza de significantes por tratar-se de um discurso espontâneo, sendo possível analisar nas entrelinhas do texto os desejos que os sustenta.

Nesse sentido, cabe recordar que Freud recorreu à literatura, aos artistas e à arte como uma correspondência ao método analítico, como é o caso dos textos: *Uma lembrança de infância de Leonardo da Vinci* (1910), *O Moisés de Michelangelo* (1914), *Dostoiévski e o Parricídio* (1928), entre outros.

De acordo com Soler (1998), Freud equivaleu as obras artísticas e literárias aos sonhos, lapsos, atos falhos e sintomas, sendo, portanto, passíveis de interpretação. Já para Lacan, como ressalta Soler, “o texto escrito não deve ser psicanalisado; antes é o psicanalista que deve ser bem lido” (Soler, 1998, p.14). Ou seja, para Lacan, a interpretação passa pelo efeito da obra em quem a vê ou lê, pois um enigma permanece do lado da obra de arte. Se é possível interpretar um texto, é porque ele provoca no observador o surgimento da palavra, faz falar.

Santiago (1996) aponta que os fenômenos e as manifestações subjetivas sofrem alterações em função das transformações culturais. O lugar do Outro não pode ser concebido como um lugar fixo e estável, mas como um lugar aberto às eventualidades próprias das mutações da história. As expressões subjetivas revelam a ação do discurso no sistema de significantes e dos ideais. Assim, Santiago salienta que essas manifestações obedecem ao processo de metamorfose das configurações dominantes do mal-estar da cultura.

Podemos pensar que as mulheres, na atualidade, encontram, na cultura, formas específicas de manifestação e de expressão simbólicas, de subjetivação e de inserção social. Lima (2009) frisa que, por se constituir como discurso do Outro, como centro de uma determinada cultura, o inconsciente se manifesta de forma diferente em cada momento da civilização. Ao tomar os blogs como uma dessas formas atuais de expressão, a autora sublinha

que: “O blog, como uma página em branco, permite qualquer tipo de construção. Cada sujeito imprime, nesta página, as próprias marcas, fazendo um percurso singular, conduzido por sua posição subjetiva.” (Lima, 2009, p.157)

Assim, através de recortes nos blogs, buscamos conhecer um pouco mais sobre as noções construídas sobre as mulheres na atualidade. Sabemos que a psicanálise enquanto método parte de uma lógica que considera o singular como portador de saber e capaz de pôr em questão os universais na generalização. Não há, portanto, qualquer pretensão universalizante dos discursos encontrados.

Dessa forma, a escolha do campo virtual como campo de investigação se deu devido ao leque de possibilidades encontradas nesse ambiente. Primeiramente, em uma busca sem refinamento realizada através da ferramenta de busca do *Google*, foram encontrados muitos blogs feministas, eles são de fácil acesso, apresentam ideias, debates, opiniões, compartilhamento de histórias e interatividade bem diversificadas. Além de apresentarem temáticas que muito interessam a esta pesquisa, apresentando-se como uma possibilidade interessante.

Assim como os campos de pesquisa mais antigos, a internet apresenta potências e desafios para a realização de pesquisas. Soares e Stengel (2021) apontam a disponibilidade de informações e a facilidade do acesso a elas como o grande triunfo da internet. Há um menor risco de perda de informações e otimização do processo de produção e análise de dados. Paradoxalmente, a maior vantagem desse campo se apresenta como um grande desafio para os pesquisadores, pois diante do excesso de informações e a superficialidade da multiplicidade de dados, a delimitação do material que fará parte da análise da pesquisa exige critérios metodológicos bem definidos.

Pesquisas que têm como campo o espaço virtual são cada vez mais comuns no meio acadêmico. As autoras supracitadas defendem que a internet está cada vez mais enraizada em nossa cultura, em atividades da vida cotidiana, e que não há perspectivas, pelo menos até o momento, de que a tecnologia deixe de ter um papel importante para a humanidade. É necessário, portanto, que os métodos de pesquisa acompanhem as mudanças forjadas pela época.

Por que blogs feministas?

A escolha por blogs feministas enquanto ferramenta para extração do discurso atual sobre as mulheres se deu por três vias. Primeiramente, pela relação entre a psicanálise e o feminismo. Mesmo partido de lugares diferentes para se pensar as questões que perpassam as

mulheres, estudos como a tese de Cossi (2016) mostram que o movimento psicanalítico e o feminista se influenciam mutuamente ao longo da história.

As descobertas e as formulações psicanalíticas sobre as questões da feminilidade, da mulher e do feminino estão sempre provocando embates, contrastando ou endossando o discurso feminista e vice-versa. Seja nas primeiras ondas do movimento feminista, ou agora, no contemporâneo, em que os debates sobre o gênero têm tomado a centralidade, a psicanálise vem sendo convocada a dialogar, a contribuir, a fazer contraponto e até tensionar com o que vem sendo debatido.

Soler (2020) afere a psicanálise um lugar de privilégio nesse debate, pois o dispositivo freudiano permite recolher depoimentos verídicos, recolher o que as mulheres e os homens podem formular de si mesmos no quadro inventado por Freud. Longe das entrevistas ou dos divãs da televisão e do cinema, com as censuras sociais suspensas e garantindo a “neutralidade benevolente” do analista, a psicanálise pode dizer com segurança algumas coisas sobre a questão da sexualidade e das diferenças entre homens e mulheres.

Em segundo lugar, através dos blogs feministas, é possível ter acesso ao que mulheres falam de si próprias e sobre outras mulheres, logo é fundamental voltar-se ao que os sujeitos constroem sobre suas próprias narrativas. Isso também é uma questão para essa pesquisa, já que, ao longo da história, seja na literatura ou no meio científico, as mulheres são quase sempre retratadas por olhares masculinos. Sendo assim, entende-se a necessidade do sujeito falar por si, de dar espaço para o que há muito tempo foi calado.

Em terceiro lugar, a internet tem se mostrado um ambiente em que as pessoas compartilham ideias, sentidos de vida e debatem sobre temas emergentes, denunciando assim a subjetividade da nossa época. A partir de sua pesquisa, que teve como campo de investigação um blog, Braga (2008) conclui que:

Mostrou-se um ambiente privilegiado para reflexão da configuração contemporânea dos papéis de gênero, na apropriação social dos ambientes de Internet, sobretudo, no lugar que essas dinâmicas comunicacionais ocupam na vida cotidiana neste início de século, em que a Internet ainda está nos seus primórdios. Tecnologias a serviço da interação, reconfigurando hábitos, produzindo cultura, reiterando ou desafiando padrões, em trânsito, em fluxo. Como tudo na vida. (p. 6)

Assim, entendemos que os blogs emergem no contemporâneo como uma forma de expressão da subjetividade que podem proporcionar elaborações de aspectos de si, de identidades, formação de laços, e nos permite, portanto, compreender alguns pontos sobre a posição feminina na atualidade.

2.3 Desenvolvimento da pesquisa

O primeiro impasse foi identificar: o que são blogs feministas? Foram considerados blogs feministas aqueles que assim se autointitulam, que são escritos e administrados por mulheres. A seção “quem somos nós” dos blogs foi importante para esta seleção, pois nessa seção é apresentado o blog, a equipe, seus objetivos, a quem se endereça essa escrita e principais temas abordados.

Nesse primeiro contato com os blogs, pode-se observar que mesmo tendo as mesmas características acima mencionadas e se proponham discutir as questões que perpassam as mulheres na atualidade, eles denunciam de imediato que não somos todas iguais. De acordo com Pachá e Piedade (2021), atualmente, o feminismo é plural. Temos o feminismo branco, o feminismo negro, o transfeminismo etc. Os feminismos revelam os contextos diferentes que as mulheres enfrentam.

As autoras apontam a importância do diálogo entre os feminismos para a construção de um espaço comum. Ângela Davis (1970/2016) propôs pensar em pautas de gênero, de classe e de raça como algo que se entrelaçam, que caminham juntos, forjando o termo interseção. A interseção mostra os pontos de aproximação e de distanciamento dos feminismos, o que tornam o debate ainda mais complexo. Optou-se, portanto, em não determinar quais feminismos seriam retratados nesta pesquisa, mas em explorar as pluralidades dos discursos que atravessam os discursos das mulheres.

Embora não tenha sido feito um recorte social do perfil das mulheres que escreveram nos blogs pesquisados, entendemos que as mulheres que podem ter acesso a blogs e dispor de tempo para participar de debates e contar suas experiências são aquelas que têm acesso à internet, que apresentam um grau de escolaridade que as possibilitam contestar discursos, e que não apresentam, necessariamente, altos recursos socioeconômicos, mas que, necessariamente, não estão abaixo da linha da pobreza.

Considerando as exigências do Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos quanto ao uso e a análise de dados, selecionamos blogs de caráter público, ou seja, aqueles que todos podem ter acesso a eles sem restrições. Embora esta questão ainda seja polêmica e não haja consenso quanto a atitude a ser tomada, mesmo no meio científico, como observa Soares e

Stengel (2021), o fato de tomar para análise informações públicas significa que os procedimentos da pesquisa não causaram invasão, risco e constrangimento, uma vez que as informações foram postadas por iniciativa de seus autores e não induzidas pelo pesquisador. Mesmo assim, Soares e Stengel (2021) interrogam se não seria uma atitude antiética fazer uso de conteúdos em redes sociais, ainda que públicos, sem a anuência, para fins de pesquisas.

Nossa compreensão é que se este uso não causa consequências constrangedoras aos envolvidos e, ainda, se os dados analisados se mantêm no anonimato, é possível trabalhar com este campo. Assim para efeito de nossa pesquisa mantivemos em sigilo as fontes e a identificação das autoras das postagens.

Para delimitar melhor a escolha dos blogs, utilizou-se como critério blogs atualizados, com postagens pelo menos quinzenais. Excluíram-se blogs com finalidade restritamente comercial e informativa. Feita a seleção, contamos com quatro blogs e incluímos uma revista feminista porque nela há uma sessão de postagens femininas interessantes ao nosso trabalho, como veremos na descrição a seguir dos blogs selecionados.

Blog 1- Nãomekhalo surgiu em 2013 com um grupo de discussão no Facebook, com o crescimento da página, com a finalidade de expandir suas ideias com textos mais aprofundados e influenciar ainda mais mulheres a aprenderem sobre temas que lhes dizem respeito, assim, mantém um blog colaborativo e se propõe debater de maneira interseccional as questões de gênero, de machismo, de racismo, de lgbtfobia, entre outros temas. Link para acesso: <https://naomekahlo.com/>

Blog 2- Hysteria se define como uma plataforma de conteúdo produzida por mulheres, que tem como objetivo sair da teoria da equidade de gênero e ir para a prática, ampliando as vozes das mulheres através de vídeos, de textos, de podcasts. Esta página tem como parceria marcas famosas, além disso, conta como colaboradoras um grande número de mulheres, entre elas cantoras, atrizes e escritoras. Link para acesso: <https://hysteria.etc.br/>

Blog 3- Blogueirasnegras teve origem com um projeto: a Blogagem Coletiva Mulher Negra, cujo objetivo foi a aproximação de discussões acerca do Dia da Consciência Negra e do Dia Internacional da Não Violência Contra a Mulher. Devido ao sucesso do projeto, elas criaram um espaço de escrita como ferramenta de combate ao racismo, ao sexismo, à lesbofobia, à transfobia, à homofobia e à gordofobia. Esta página também se propõe a ser uma comunidade, um espaço de acolhimento, de empoderamento e de visibilidade voltados para a mulher negra e afrodescendente. Link para acesso: <http://blogueirasnegras.org/>

Blog 4- QGfeminista se declara como uma coletiva de mulheres brasileiras feministas e radicais. Reúne mulheres de diversas partes do Brasil e do mundo; de diferentes histórias, trajetórias, idades, raças, classes, formações profissionais e orientações sexuais. Acreditam que o feminismo é a luta pela libertação de todas as mulheres e defendem a abolição de todas as instituições patriarcais e a criação de novos paradigmas civilizatórios. Link para acesso: <https://qgfeminista.org/>

E por último a revista feminista Azmina. Sua inclusão se deu principalmente porque em seu site há um tópico “divãdazmina”, que se caracteriza por ser um espaço destinado a publicações das leitoras de modo anônimo. Nesse espaço, as leitoras são convidadas a desabafar e enviar suas histórias por e-mail para as administradoras do site, posteriormente a história é publicada sem relevar de quem se trata. Esse tópico de nome bem sugestivo se mostrou com material muito rico para esta pesquisa, pois há narrativas que não poderiam ser publicadas de outra forma que não anônima, como ocorre com a questão do aborto, por ainda ser considerado crime no Brasil.

Revista 1- Azmina se definem como uma organização e veículo jornalístico feminista que acreditam que homens e mulheres devem ter direitos e oportunidades iguais. Surgiram em 2015 com um financiamento coletivo, lançaram campanhas de conscientização e luta contra o machismo, como #MachismoNãoÉBrincadeira, Carnaval Sem Assédio e #VamosMudarOsNúmeros. Link para acesso: <https://azmina.com.br/>

2.4 A coleta de dados

A leitura e a exploração do material se deram de forma livre como um modo de atenção flutuante de busca e leitura, durante seis meses. No texto, *Recomendações ao médico para o tratamento psicanalítico* (1912), Freud evitou propor regras, procedimentos ou protocolos para a prática psicanalítica, apontando a associação livre como a única regra fundamental da psicanálise e em contrapartida da única regra propõe a atenção flutuante por parte do analista. O autor (1912) adverte-nos, que:

Se na seleção seguimos as nossas expectativas, corremos o risco de nunca encontrar algo diferente daquilo que já sabemos; se seguirmos as nossas inclinações, certamente falsificaremos a possível percepção. Não nos esqueçamos de que em geral ouvimos coisas cuja importância só se revelará a posteriori. (p.94)

Apesar de ser uma leitura fluida, o pesquisador, por efeito de transferência, é tocado pelos discursos encontrados e, a partir dele, recortaram-se os temas mais comuns abordados pelas mulheres em seus blogs, considerando a intensidade com que eles apareceram como um elemento indicativo importante para compreender para onde as mulheres estão olhando. Foi, então, criadas seções temáticas com a finalidade de organizar o conteúdo coletado.

A coleta deste material passou pelos estudos teóricos para a fundamentação das análises. Após a leitura dos depoimentos, realizamos novos recortes, tendo em vista os objetivos da pesquisa, processo que consistiu na redução de textos, realces de palavras e expressões significativas.

Após este trabalho de garimpagem, estabelecemos as seguintes seções temáticas: “Ser mãe é muito diferente de ser mulher”, “Pode uma mulher não desejar um filho?”, “A violência diante da alteridade”, “O amor nos tempos de independência e autonomia” e “O traumático da liberação sexual”. Cada temática será objeto de reflexão e discussão com base nos materiais postados que serão apresentados e interpretados pela ótica da psicanálise Freud-laciana, presentes na segunda parte da dissertação.

PARTE I

3. OS DISCURSOS FUNDAM A CULTURA

“O inconsciente do sujeito é o discurso do outro.” (Lacan, 1953/1998, p.266).

Neste capítulo, iremos explorar a teoria dos discursos proposta por Lacan no seminário XVII, *O avesso da psicanálise*. As articulações que ele faz entre discurso, linguagem e gozo são fundamentais para entender como o discurso dominante buscou fixar as mulheres em lugares pré-determinados ao longo da cultura, ao mesmo tempo em que os questionamentos socráticos fizeram girar os significantes, possibilitando as mutações nos laços sociais. Tendo como norte o nosso objetivo geral, que é investigar as noções construídas sobre as mulheres, a feminilidade e o feminino, os efeitos destas mutações muito interessam a nossa pesquisa.

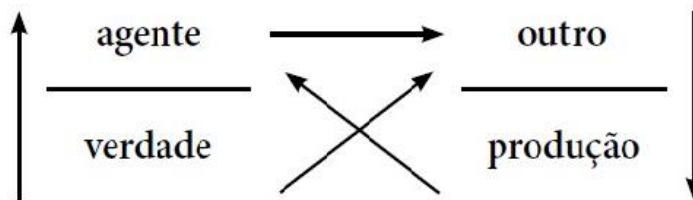
Ainda que no seminário XVI, de um *Outro ao outro*, Lacan já tenha começado a discutir algumas questões relacionadas aos discursos, é no seminário *O avesso da psicanálise* que ele propõe sua formalização. A partir do que Freud (1930/2020) aponta como a maior fonte de sofrimento humano, os relacionamentos entre os pares, sendo inerente aos sujeitos uma desarmonia entre a cultura e as pulsões, Lacan aponta os discursos como forma de gerenciar a desarmonia. Propõe então pensar os discursos pelo viés das tarefas afirmadas pelo pai da psicanálise como impossíveis: governar, educar e analisar, acrescenta ainda o fazer desejar como mais uma tarefa impossível.

Diante da impossibilidade de harmonia, os discursos têm a função de ordenar e de organizar os laços entre o sujeito e o mundo. Com os discursos, há uma tentativa de regular o excesso pulsional que sobra da equação entre sujeito e cultura, Quinet (2009, p.17) define discurso assim:

O discurso como laço social é um modo de aparelhar o gozo com a linguagem, na medida em que o processo civilizatório, para permitir o estabelecimento das relações entre as pessoas, implica a renúncia da tendência pulsional em tratar o outro como um objeto a ser consumido: sexual e fatalmente. Pois a inclinação do homem é ser o lobo do outro homem, ou seja, abusar dele sexualmente, explorá-lo, torturá-lo, matá-lo, saciando no outro sua pulsão de morte erotizada. A civilização exige do sujeito uma renúncia pulsional. Todo laço social é, portanto, um enquadramento da pulsão, resultando em uma perda real de gozo.

O discurso tem, portanto, uma função organizativa, funda-se a partir de uma articulação entre significantes, de modo que o que está em jogo não são os conteúdos das palavras, essas são voláteis, ainda que tenham efeitos para os sujeitos, mas sua estrutura, que se mantém. Lacan define a estrutura dos discursos como um “discurso sem palavras”, ao formalizar os discursos, explana-os a partir de suas posições e termos. As posições são permanentes, o que vai girando e mudando de acordo com o discurso são os termos. Assim, todo discurso é formado pelos seguintes lugares:

Figura 1- Os lugares do discurso segundo Lacan



Fonte: (Lacan, 1969-1970/1992, p. 48).

De forma que o agente constitui a produção discursiva, esse domina o laço social. O outro é aquele a quem o discurso se direciona, o outro é constituído pelo agente. A produção diz respeito ao efeito do discurso, é aquilo que sobra, o resto. A verdade sustenta o discurso a partir dos semblantes, conceito elaborado mais tarde por Lacan, para dizer de uma verdade acessível apenas parcialmente, uma vez que há uma interdição entre a verdade e a produção, nunca sendo possível acessá-la inteiramente. Já os termos dos discursos ocupam lugares alternados, a depender de qual dos quatro discursos propostos por Lacan estamos nos referindo. São eles: S1, S2, objeto (a) e sujeito barrado (\$) (Coelho, 2006).

Lacan (1969-1970/1992) define o sujeito barrado como aquele que é dividido, o sujeito resulta da articulação de um significante com outro significante, ou seja, o sujeito é representado por uma bateria de significantes. Esta bateria de significantes é produzida por $S1 + S2 + (..)$, o S1 é entendido como o significante mestre, que produz algum saber sobre o sujeito, mas que nunca pode ser acessado a não ser por sua articulação com o S2. Dessa maneira, o sujeito é pensado como um efeito da cadeia significativa, logo, o desejo é entendido como desejo do desejo do Outro. “O Outro (A), aqui, não é concebido de outro modo a não ser como um lugar que comporta o vasto conjunto dos significantes da língua.” (Couto *et. al*, 2018, p. 96).

Um sujeito só pode ser pensado a partir da articulação entre os significantes, o S2 é a repetição do S1 – o intrigante nesta equação é que ao repetir o S1, não é mais dele que se trata e sim do S2. Lacan define o significante como algo opaco, ele diz que “é preciso definir o significante como aquilo que representa um sujeito para outro, isso significa que ninguém saberá nada dele, exceto o outro significante (Lacan, 1968-1969/2008 p.21). Assim, ao mesmo tempo em que algo do sujeito aparece, isso também é apagado, pois ao se produzir algo do sujeito, necessariamente há uma perda. Lacan denomina esta perda de objeto a.

Segundo Quinet (2009), Lacan pensa a repetição do significante no campo do gozo, a partir de um conceito fundamental da psicanálise, proposto por Freud: a repetição da satisfação primária. O sujeito tenta, ao longo das suas experiências, reaver um gozo, gozo este perdido assim que há a entrada na linguagem, porém essa tentativa de reviver a experiência é fadada ao fracasso, pois é impossível atingir um gozo pleno. Na própria tentativa de se reaver com a satisfação primária há um gasto de gozo, é uma conta que não fecha, pois o sujeito está sempre em falta com seu gozo. “Como numa máquina, há um gozo que se perde pelo próprio funcionamento do aparelho, o que se chama entropia, que é o gasto de energia. A entropia da energia que cai desta repetição que é o objeto a.” (Quinet, 2009, p. 32).

O objeto a pode ser pensado como causa de desejo e como mais-de-gozar. No campo do gozo, não diz exatamente sobre a causa de desejo, mas é definido como mais-de-gozar, ou seja, diz respeito ao impossível de ser nomeado, ao fracasso na tentativa de experimentar novamente a satisfação primária, isso que falta, que não pode ser recuperado. Trata-se do que se perde ao entrar no mundo da linguagem, ao mesmo tempo em que estimula o sujeito a recuperar o impossível. Nesse sentido, Lacan faz uma homologia entre o conceito marxista de mais-valia e o mais-de-gozar:

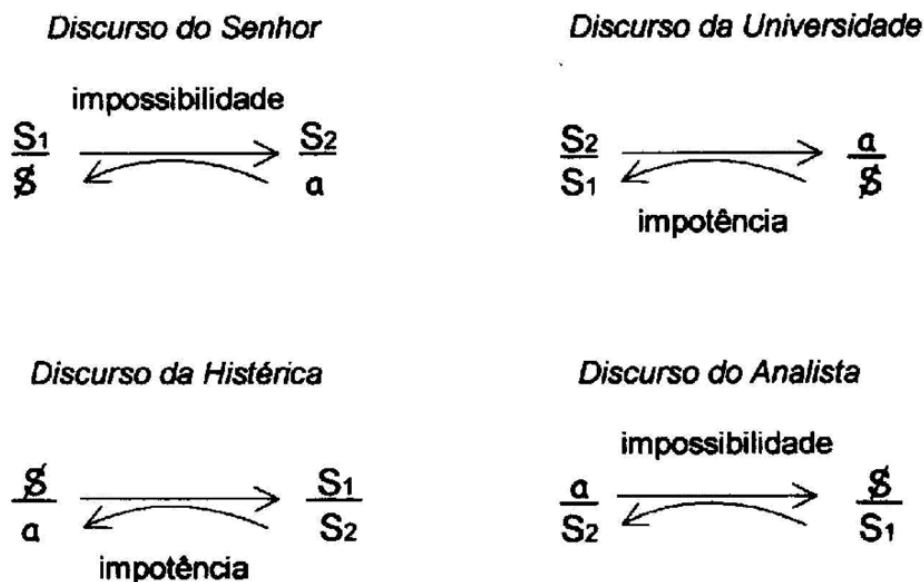
Um sujeito é aquilo que pode ser representado por um significante para outro significante. Não será isso calcado no fato de que, no que Marx decifrou, isto é, a realidade econômica, o sujeito do valor de troca é representado perante o valor de uso? É nessa brecha que se produz e cai a chamada mais-valia. Em nosso nível, só importa essa perda. Já não idêntico a si mesmo, daí por diante, o sujeito não goza mais. Perde-se alguma coisa que se chama o mais-de-gozar. Ele é estritamente correlato à entrada em jogo do que determina, a partir de então, tudo o que acontece com o pensamento (Lacan, 1968-1969/2008 p.21).

Na teoria marxista, portanto, a mais-valia é entendida como algo extraído do trabalho, uma quantidade jamais recuperada. Isto que se perde é instantaneamente forcacluído, pois o mercado torna imediatamente sua subtração irreversível, trata-se, pois, de uma quantidade impossível de ser calculada e que impulsiona a cadeia metonímica das trocas (Laurent, 2007).

Assim, apesar do discurso ser estruturado a partir da linguagem, há um ponto de impossibilidade real, este ponto impossível de ser simbolizável é o gozo, que pode ser pensado a partir do objeto mais-de-gozar. Os lugares e os elementos descritos acima formam os discursos, eles compõem a estrutura a partir da qual todos os quatro discursos são produzidos. Podemos pensar os discursos como as formas de poder que organizam a vida social, eles dizem respeito ao laço social, ao modo dos sujeitos se relacionarem e se vincularem uns aos outros. Lacan os chama de “pequenos quadrúpedes giratórios”, pois apesar de terem essa mesma estrutura, os elementos que constituem os discursos se deslocam.

Os quatro discursos são: o do mestre, da histérica, da universidade, e do analista. Mais tarde inclui o discurso capitalista como um desdobramento do discurso mestre. Essas são as quatro fórmulas que ele utiliza:

Figura 2- Os quatro discursos propostos por Lacan



Fonte: (Lacan, 1970/2003, p. 447).

As fórmulas nos mostram que os discursos são estruturados pela lógica da linguagem, de forma que a combinação entre os elementos em diferentes posições desenrola nos modos de se relacionar, de se posicionar no mundo. Os discursos são uma tentativa de contornar a

impotência e o impossível, ou seja, a castração, tanto do próprio sujeito, como os efeitos da castração do outro sobre o sujeito, nas palavras de Lacan, referem-se “a estrutura de cada discurso exige aí uma impotência, definida pela barreira do gozo, para se diferenciar dele como disjunção, sempre a mesma, entre sua produção e sua verdade” (Lacan, 1970/2003, p. 445).

Para explicar sobre o discurso do mestre, Lacan se volta para Hegel, é na dialética entre o senhor e o escravo que pode existir um discurso do mestre, pois para que haja mestre é necessário que haja pelo menos um escravo. Assim, o discurso do mestre ou do senhor é definido por Lacan (1969-1970/1992) como aquele que tem como ato governar sobre o sujeito, a dominante é a lei, S1, que opera de forma absoluta sobre o sujeito, assim, a verdade é tida como tirânica, uma vez que o S1 articulado ao S2 produz uma cadeia de significantes, que dizem alguma coisa sobre o sujeito. O discurso do mestre está, então, sempre produzindo significantes, o que é demandado pelo discurso da histórica. Brousse (2019, p.87) define o discurso do mestre da seguinte maneira:

Um discurso sem falas, que se constitui num determinado momento histórico, com a linguagem instaurando certo número de estruturas fundamentais a partir do depósito quase arqueológico de enunciados passados e presentes. O discurso do mestre prescreve aos sujeitos as modalidades de gozo aceitas por determinada sociedade num determinado momento e organiza o laço social sob todas as suas formas e em todos os domínios da realidade. Podemos dizê-lo de outra maneira: é um palco "esse lugar onde as coisas [...] vêm a se dizer" (Lacan, 1962-3: 42). O palco "é a dimensão da história" (: 43), esse palco do mundo sobre o qual Descartes diz que avança, mascarado.”

Desde o início, Lacan fala do discurso da histórica se referindo ao discurso do mestre, e vice-versa, pois, como citado acima, eles só podem ser pensados através dessa dialética, em um movimento duplo. O discurso da histórica tem como dominante o sintoma de um sujeito barrado e dividido, ou seja, um sujeito que diante sua insatisfação em busca da verdade, demanda a produção do saber, tem assim como ato o fazer desejar, logo a posição mestre atende a essa demanda produzindo um saber.

É o desejo pelo saber histórico que faz movimentar a produção dos significantes no discurso do mestre. Com o intuito de manter seu lugar de maestria, é produzido mais e mais saberes. Contudo, a verdade, como já situamos, só pode ser semi-dita, o que significa uma produção infinita de respostas perante a demanda histórica. Assim, o discurso do mestre

encontra seu motor pelo discurso da histérica, uma vez que seu agente se faz de onipotente, e o mais-de-gozar a satisfaz apenas pela fantasia.

Lacan ainda afirma que a verdade recalcada no discurso da histérica é que no fundo se sabe sobre a impotência, sobre a castração, de forma que quando o mestre dá o que o sujeito histórico demanda, o sujeito abandona aquele mestre em busca de um novo, pois assim é atestada sua impotência e a fantasia se esvai.

De acordo com Lacan (1969-1970/1992, p. 87), um ponto importante do discurso da histérica está “em manter na instituição discursiva a pergunta sobre o que vem a ser a relação sexual, ou seja, de como um sujeito pode sustentá-la, ou, melhor dizendo, não pode sustentá-la”. E a resposta a esse questionamento é a verdade que está recalcada.

Em *radiofonia* (1970/2003), Lacan afirma que o discurso da histérica faz um contraponto aos demais discursos, pois ao não se deixar dominar totalmente, faz o governar, educar e curar abandonar suas pretensões. “No tocante à histérica, é a impotência do saber que seu discurso provoca, animando-se no desejo – que revela em que o educar fracassa.” (Lacan, 1970/2003, p.445).

Cabe aqui um parêntese sobre a forma como Lacan nomeia o discurso da histérica, segundo ele, “demos-lhes agora o gênero sexual sob o qual esse sujeito se encarna mais frequentemente” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 98). Xavier (2022) problematiza a cola feita entre o gênero feminino e histeria, uma vez que isso ocorre desde os primórdios, já que a palavra histeria derivou da palavra grega que significava útero. A autora indaga sobre os efeitos dessa vinculação e questiona se a maior incidência a qual Lacan se refere não seria justamente fruto do discurso, logo, perceber essa vinculação com normalidade é uma visão acrítica, que pode reforçar os lugares e a estigmatização de papéis, não sendo, portanto, interessante à teoria psicanalítica.

Quanto ao discurso da universidade, ele tem como dominante o saber, S2, e produz um sujeito barrado, incompleto, que tem como desejo o saber, sempre mais. O S1 está no lugar da verdade, que diz: “– Vai, continua. Não para. Continua a saber sempre mais” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 98). De acordo com Couto e colaboradores (2018), muito embora o que dá nome a esta modalidade discursiva nos remeta a produção de um saber universitário, o que concerne a este discurso está muito além dos muros acadêmicos, de forma que esse discurso diz sobre como o saber circula no laço social. Esse saber se empenha no controle, domesticação total e funcionalidade da vida, tem assim o objetivo de atingir a seguridade plena.

Já o discurso do analista é o único das modalidades em que não há a tentativa de excluir a castração, pelo contrário, o discurso do analista visa dar um lugar ao impossível para o sujeito. A dominante deste discurso é o rechaço ao discurso mestre, operando em seu avesso, ou seja, sustenta um lugar de impotência para que algo possa emergir do sujeito para além das identificações.

Lacan (1969-1970/1992) aborda a importância da histerização do discurso para que se possa iniciar uma análise, pois a entrada em uma análise se dá a partir de um querer saber, logo é preciso que o sujeito queira saber de seu inconsciente, questione-se sobre seus sintomas, sua posição. Para isso, também é fundamental que o analista faça semblante de causa de desejo, uma vez que a histérica tenta colocá-lo em uma posição de mestre, assim, sustentar a causa do desejo é o que pode fazer uma análise caminhar.

Assim, o discurso do analista renuncia a todo discurso de domínio, ao contrário disso, vai ao caminho oposto, solicita que o sujeito abandone as referências ao outro, para que a associação livre possa reinar, fazendo, portanto, o paciente se tornar agente e produzir algo inédito:

É somente ao acuar o impossível em seu último reduto que a impotência adquire o poder de fazer o paciente transformar-se em agente. É assim que ela surge em ato em cada revolução com que a estrutura não tem a ver, para que a impotência mude de modalidade, é claro. Assim, a linguagem faz uma novação do que revela do gozo e faz surgir a fantasia que ele realiza por algum tempo. Ela só se aproxima do real à medida que o discurso reduz o dito a cavar um furo em seu cálculo (...) (Lacan, 1970/2003, p. 446).

Lacan aborda, assim, quatro modalidades discursivas que estabelecem os laços sociais. Cada modalidade é um modo de dar um tratamento ao gozo, tal como é um modo de se posicionar frente ao outro. Ainda que os discursos se fomentem a partir dos tecidos e das estruturas da linguagem, Lacan estabelece que não há linguagem que diga tudo sobre o sujeito, pois o sujeito é marcado pela impossibilidade e impotência, assim, só é possível pensar o sujeito o situando em relação aos significantes e em sua posição em relação ao seu gozo.

Segundo Brousse (2019), o discurso constitui um modo de uso de gozo ajustado a uma determinada época e sociedade. Dessa forma, em uma psicanálise de orientação lacaniana, os homens e as mulheres são entendidos como seres de discurso, ou seja, são semblantes que se

modificam pelo aparecimento de novas coordenadas via emergência de outro discurso. Não há, portanto, “definição de ser homem ou de ser mulher fora da linguagem, nem do modo de uso para ser um homem ou uma mulher fora do discurso, no qual mergulhamos, chafurdamos, e do qual somos efeito.” (Brousse, 2019, p. 95). A autora pontua que no campo simbólico é possível pensar em uma definição de homem e de mulher, através de categorias de discurso, prescrições de lugares, de papéis diferenciados e funções, que são atribuídas a uma identificação masculina e feminina. Essas são formas de engendrar os modos de gozo no laço social.

Como afirmado anteriormente, diante de um saber não todo, há uma demanda no discurso da histórica para a produção de mais e novos saberes que tentam dar alguma resposta, pelo momentaneamente, e produzir um todo. Podemos pensar então, no discurso da histórica enquanto um motor que instiga o discurso do mestre a produzir novos significantes acerca das atribuições, das funções e dos papéis das mulheres e homens na sociedade. Esses novos lugares vêm sendo produzido pelo discurso capitalista, que assume uma posição de mestre na atualidade.

Além das quatro modalidades discursivas, Lacan se refere ao discurso capitalista como uma forma contemporânea do discurso do mestre. De acordo com Quinet (2009), assim como Freud esteve atento ao mal-estar de sua época, Lacan também se mostrou preocupado com o mal-estar contemporâneo, apontou em *Televisão* (1974) que o mal-estar na atualidade emerge como produto do discurso capitalista.

Apesar do discurso capitalista ser uma forma atualizada do discurso do mestre, ele difere dos demais discursos, uma vez que as quatro modalidades discursivas regulam o gozo e promovem os laços sociais. Já o discurso capitalista exclui o outro do laço social, pois o que está em jogo nesse discurso são os objetos-mercadorias, o que assume o posto de significante mestre é o capital, não havendo uma relação entre o agente e o outro a quem o discurso se direciona. Dessa forma, “no lugar da verdade encontra-se o capital (S1) como significante-mestre desse discurso; o sujeito é reduzido a um consumidor (S) de objetos, os gadgets (a) produzidos pela ciência e tecnologia (S2).” (Quinet, 2009, p. 39).

Ainda de acordo com Quinet (2009), o discurso capitalista tem como característica a exclusão da castração de forma exacerbada, o que opera não é a lei, mas os imperativos de gozo, assim a mais-valia é entendida como os objetos de gozo, um gozo prometido pelo agente do discurso, o capital, mas nunca alcançado, pois isso é impossível. Este compasso produz sujeitos insaciáveis em sua demanda de consumo, ao mesmo tempo em que há uma fabricação infinita

de objetos – fabricados através do saber científico – e que operam como objetos pulsionais, promovendo, assim, uma nova economia libidinal.

Ao estudar sobre as consequências do discurso capitalista na atualidade, Silva (2017) aponta para os efeitos nefastos desse discurso, especialmente em sua pior versão, o neoliberalismo, esse que tem produzido uma sociedade que rechaça a castração, de forma tão intensa que se cria a promessa de que tudo é possível, pois tudo pode ser vendido e comprado. Com isso há perdas do pacto civilizatório que constitui as nações, estas perdas incluem uma maior dificuldade em lidar com as diferenças e conseqüentemente há uma maior violência, pois já não há uma lei que opere para todos, a lei vai depender do sujeito estar incluso na lógica mercantil, a partir desse privilégio, a lei opera ou não, isso aumenta as desigualdades e o sentimento de injustiça social.

Segundo Soler (2016), o Eros freudiano, que tinha como objetivo a união dos pares, está em crise, quando Lacan estabelece sua teoria dos discursos, nos anos 70 do século XX, é justamente na época em que o discurso capitalista (entendido como a versão contemporânea do discurso mestre) e o da universidade estão passando por profundos questionamentos. Apesar de todos os quatro discursos estabelecerem certa ordem de disparidade entre os indivíduos, os efeitos da união entre o discurso capitalista e o da universidade chegam a promover de forma ampla esta disparidade no campo social e econômico. Esses discursos vão, portanto, em desencontro ao ideal de igualdade defendido pelos movimentos sociais em nossa época, suscitando revoltas e indignações, que instigam as pessoas a fortalecerem os movimentos – em especial o movimento dos povos e das mulheres – e denunciam o poder dos mestres e os semblantes do saber na atualidade.

Há, assim, um duplo movimento, pois ao mesmo tempo em que o discurso da histórica “pede” por respostas, e o discurso capitalista alinhado ao discurso da universidade produz mais e mais significantes que tentem dar uma resposta convincente e total, o discurso da histórica também denuncia o fracasso destes discursos, uma vez que as respostas totais são da ordem do impossível. Soler acrescenta que os movimentos igualitários não excluem as diferenças individuais, mas exige uma igualdade entre os pares no que se refere aos direitos.

Podemos pensar assim que, quando Lacan afirma que o discurso do analista é um discurso ao avesso do mestre, necessariamente o discurso analista é um discurso anticapitalista. Entretanto, isso não o coloca no mesmo patamar que o discurso histórico, é preciso ter cautela. Barillot (2016) afirma que Lacan pensa a psicanálise como uma possível saída para o discurso capitalista, não no sentido da ruína do sistema econômico produzido por esse discurso, pois isso

fortaleceria ainda mais esse discurso, ou traria outro mestre em seu lugar como o discurso histórico faz. Desse modo, cabe recordar por meio de Freud que o mal-estar é inerente ao sujeito em todas as formas de sociedade.

Assim, a psicanálise se faz anticapitalista na medida em que uma análise possa primar sobre o capitalismo. Isso significa que diferente do discurso capitalista, que privilegia um lugar de mais-de-gozar, oferecendo objetos à nossa disposição, com a promessa de um gozo sem limites, contrariando isso, o discurso analítico deve operar no sentido oposto. É ao dar um lugar a castração, fazendo-se de objeto de desejo, que o analista pode conduzir o sujeito à verdade singular de seu gozo.

Barillot (2016) aponta que se quisermos que a psicanálise sobreviva a esses tempos, e não seja absorvida pela lógica capitalista como aconteceu com outras psicoterapias, é preciso insistir naquilo que o discurso capitalista não está interessado: nas coisas do amor e da não relação sexual. A produção desse saber é no singular, não pode ser vendida no mercado, com isso, é deixado, mesmo que não totalmente, um gozo excessivo para dar lugar ao desejo.

Dessa forma, os discursos e suas nuances demonstram que é impossível pensar o sujeito da psicanálise sem levar em consideração conjunturas políticas, inclusive, como citado acima, os acontecimentos históricos ressoam sobre a teoria psicanalítica. Segundo Couto *et al.*, (2018), no seminário XVII, *O avesso da psicanálise*, quando Lacan se dedicou as questões dos discursos enquanto laços sociais, era uma época que ainda sofria os efeitos do que ficou conhecido como o movimento de maio de 1968.

Esse momento foi de grande efervescência política na França, marcada por greves estudantis e protestos que reivindicavam uma ampliação dos direitos civis, bem como uma renovação dos valores da sociedade, de forma tão intensa que houve desdobramentos políticos, filosóficos e dos costumes da época. Tendo como lema “é proibido proibir” e a força do movimento estudantil e jovem, entre as críticas do movimento estavam as formas organizativas das instituições, as desigualdades geradas pelo capitalismo, as formas de poder que reinavam soberanas, dentre elas, a forma como o saber é construído e transmitido. Muitos intelectuais da época foram criticados, a obra de Lacan não se manteve imune as críticas estudantis:

Lacan foi acusado de adotar uma posição política conservadora e também de aproximar a psicanálise do formalismo assumido pelo discurso da ciência. Em que pese a razão e/ou a desrazão por trás desses ataques, certamente ele não se manteve imune a eles. Se, por um lado, Lacan se mostrou acidamente crítico em relação ao que causava e ao que

se podia esperar da revolução; por outro lado, contudo, propôs um Seminário, o décimo sexto, intitulado De um Outro ao outro (Lacan, 1968-1969/2008), no qual incorporaria à psicanálise parte da teoria marxista e produziria uma passagem do primado da lei simbólica (A) para o primado do objeto (a), revelando, por meio dela, a sua atenção para os acontecimentos nada triviais do seu tempo. (Couto. *et al.*, 2018, p.97)

Os efeitos do movimento de 1968, bem como as mutações sociais intensas que aconteciam simultaneamente naquela época, não passaram despercebidas por Lacan, Couto. *et al.*, (2018) consideram que a teoria dos discursos pode ser pensada como uma resposta frente a esses acontecimentos, seus desdobramentos em relação aos vínculos sociais, como também uma forma de posicionar a psicanálise no debate.

Nesse sentido, Xavier (2022) aponta uma aproximação entre o discurso histórico e a política, uma vez que, a partir dos questionamentos socráticos produzidos por esse tipo discursivo, é possível fazer circular os significantes mestres e produzir novos sentidos, menos universalizantes. A autora então propõe pensar que quando opera de forma coletiva, quando, por exemplo, os movimentos sociais ocupam o lugar de agente, é possível haver mudanças significativas no campo da cultura.

Pensamos, assim, que os movimentos feministas ao longo da história ocuparam uma posição discursiva histórica, a partir dos questionamentos frente a um discurso hegemônico, que foi ocupado pelo patriarcado, colocou em xeque os lugares impostos às mulheres pelo discurso do mestre. Ao fazer os significantes circularem, pode-se pluralizar os lugares das mulheres na cultura.

Ressaltamos que quando fazemos um paralelo entre o discurso da histórica e os discursos feministas, não estamos falando do gênero, ou da histeria enquanto uma sintomatologia neurótica, mas de uma modalidade discursiva que tem como estrutura o questionamento sobre o que é considerado universal, logo é um discurso que, por demandar sempre novos saberes, torna possível novas construções e deslocamentos de lugares considerados fixos na cultura.

O circuito discursivo opera de forma velada, não deixando claro os efeitos dos significantes mestre sobre a forma de se estabelecer os vínculos. Assim, muitas vezes entendemos como natural o lugar das mulheres na cultura, de tal forma que os significantes circulam sem que algo precise ser dito. Porém Lacan nos recorda que “não há nenhuma

realidade pré-discursiva. Cada realidade se funda e se define por um discurso” (1972-73/2008, p. 37).

Segundo Xavier (2022), o sistema discursivo é tão complexo que todas as pequenas particularidades provocam desdobramentos no lugar da mulher no laço social, que não é o mesmo que da mulher trans, da mulher negra, de determinada classe social, e assim por diante. É importante enfatizar ainda que, quando um sujeito histeriza ou toma o lugar de agente na política, isso possibilita a construção de um lugar novo não só para ele, mas tem efeitos no campo do Outro, modificando-se, assim, as coordenadas discursivas.

Porém, o discurso histórico apresenta como limitação a busca incansável por um novo mestre, mesmo que seja para atestar mais uma vez sua castração. Nesse sentido, embora os significantes deslizem, não se produz algo realmente inédito, pois a estrutura se mantém.

Assim, ao tomar a voz, os movimentos feministas tornaram possível pensar outros lugares para as mulheres na cultura. A maternidade, a sexualidade, os relacionamentos amorosos e a violência de gênero foram os pontos abordados em nossa pesquisa para pensar as modificações na cultura atual. Até que ponto, ao ocupar o lugar de agente político, os femismos produziram algo novo? Ou se cai mais uma vez na armadilha do discurso da histórica, em que se desliza os significantes, mas a busca pelo mestre se mantém?

Para responder a esses questionamentos iremos compreender como o discurso histórico influenciou o desenvolvimento da teoria psicanalítica. Posteriormente, abordaremos o que muitos autores têm chamado de declínio da função paterna e suas consequências para a constituição do sujeito na contemporaneidade. Esse percurso nos fornecerá a base teórica necessária para compreender os resultados da nossa pesquisa, presente na segunda parte da dissertação.

4. DARK CONTINENT, A MULHER QUE NÃO EXISTE E OS FEMINISMOS

“Tudo pode ser imputado à mulher, já que, na dialética falocêntrica, ela representa o Outro absoluto.” (Lacan, 1960/1998, p.741).

O discurso da histérica foi fundamental para o desenvolvimento da psicanálise, foi a partir da escuta deste discurso que Freud fundou o inconsciente. Os casos de histeria da época colocavam em xeque o saber médico que tanto se desenvolvia naquele momento, as histéricas eram vistas como dissimuladas que só queriam chamar atenção, esta ideia, aliás, é relacionada até hoje ao sofrimento feminino. Ao evidenciar a falência dos modelos biológicos e religiosos como insuficientes para o cuidado, as histéricas abriram caminhos para o desenvolvimento da psicanálise (Iannini & Tavares, 2019).

Dessa forma, neste capítulo, iremos abordar algumas formulações realizadas por Freud e Lacan a respeito das mulheres, da feminilidade e do feminino, bem como a influência exercida pelo feminismo(s) sobre a psicanálise e vice-versa nessas construções. Esta influência mútua afetou o desenvolvimento de ambas as teorias, assim como provocou a tentativa de respostas frente às lacunas teóricas, fez com que os autores reformulassem conceitos, voltassem atrás, ou sustentarem ainda com mais afinco suas formulações.

De acordo com Finker (2008, p.165), “do ponto de vista histórico, as histéricas representam uma verdadeira força motriz por trás da elaboração médica, psiquiátrica e psicanalítica das teorias relativas à histeria”. Os casos atendidos por Freud o convocaram a produzir um novo saber, um saber inconsciente, que deixa o sujeito cartesiano em segundo plano e passa a enfatizar o sujeito dividido, aquele que também é ali onde não sabe, imerso em desejos indizíveis e contraditórios.

Ao de longo de sua obra, Freud publicou inúmeros textos, considerados por vezes repetitivos, pois ele era o tipo de autor que se mostrava preocupado em se fazer entendível. É interessante notar como ele toma a clínica como sua principal fonte teórica e a destina a sua prática de forma quase experimental, de tal modo que ele reformula vários conceitos ao longo de sua obra a partir do que vai aprendendo com seus pacientes, é o que acontece, por exemplo, com sua teoria da sedução.

Em seus casos, alguns considerados por ele como fracassados, outros exitosos, ele logo chegará à conclusão que a verdadeira dificuldade encontrada em uma análise diz respeito ao manejo da transferência. Especialmente nos casos de histeria em que é demandado pelos

pacientes que o analista assuma uma posição de mestre, verifica-se que o manejo da transferência se mostra delicada. Mesmo os casos que não percorreram o caminho considerado por Freud como adequado, foram publicados, como é o caso de Dora.

Esse é um dos méritos de Freud enquanto teórico, ele não hesitou em demonstrar publicamente suas dificuldades, o que possibilitou o avanço de construções dos fundamentos da clínica psicanalítica, bem como novas leituras de um mesmo caso, a partir de novos construtos teóricos, como é o que aconteceu na releitura proposta por Reis e Silva (2020) do caso Dora, a partir da teoria dos discursos de Lacan.

Os autores apontam que Freud assumiu uma posição de mestre em relação a Dora, isso o impediu de fazer uma escuta singular, já que o pai da psicanálise realiza sua prática envolvido em preconceções. Segundo os autores, nesse momento de sua obra, Freud ainda estava às voltas com a questão da bissexualidade, na ânsia de fazer da psicanálise um saber científico, então há uma tentativa de encaixar as questões de Dora em um drama edípico clássico.

O que Freud não pode ler na época é que um sujeito em uma posição discursiva histórica demanda ao outro que responda suas questões, coloca assim o outro na posição de mestre, para que ela mesma possa atestar sua castração, de tal modo que, ao atender sua demanda, aquele não servirá mais como mestre e há uma procura de um próximo que possa lhe dizer da sua verdade, que no fundo ela não quer saber (Reis & Silva 2020).

De acordo com Coelho (2006), ao ser inquirido pela demanda histórica, o analista deve assumir sua posição de causa de desejo, própria do discurso analítico, não respondendo a sua demanda, mas trabalhando para que haja a implicância do sujeito sobre seus próprios questionamentos. O sujeito precisa, assim, haver-se com sua falta de saber e passar a demandar de si, e não mais do outro, suas questões fundamentais, daí a importância da historicização do discurso em um percurso analítico. Conforme Serge André (1986, p. 15), “a histeria constitui bem a neurose de base, da qual as outras são apenas variantes ou dialetos, a única, aliás, que Lacan vai elevar ao nível de estrutura de discurso.”

Assim, a demanda incessável presente no discurso da histórica fez Freud refletir sobre questões fundamentais para a psicanálise, entre elas: “afinal, o que quer uma mulher?” “o que é a feminilidade?” Em sua busca por respostas, Freud percebeu que o desenvolvimento sexual masculino e feminino não são equivalentes.

No texto *Sobre a sexualidade feminina*, de 1931, Freud discute sobre a dificuldade de explicar o complexo de Édipo em relação a menina, primeiramente pela tarefa da menina abandonar a zona erógena originária, o clitóris, e se direcionar à vagina. Posteriormente, há uma

segunda tarefa, trocar a mãe como objeto originário de amor pelo pai, sendo essa fase de orientação masculina ou complexo de masculinidade nomeada por Freud de fase pré-edípica, pois assim como para o menino, a menina tem como primeiro objeto de amor e prazer sexual a mãe. A travessia do Édipo, então, exige um movimento a mais no caso da menina, uma vez que em um desenvolvimento “normal” ocorreria esta troca de objeto.

Essa não é uma simples troca de objeto e não acontece sem sentimentos hostis contra a mãe. Quando a menina se dá conta de seu “defeito genital” e que não possuirá um órgão genital tal qual o do pai ou irmãos, recai sobre a mãe a ira de não ter lhe concebido um genital correto, ocorrendo, então, uma desvalorização da feminilidade e da mãe, pois ela lhe dá notícias sobre a castração.

Freud (1933/2019) situa as três orientações de desenvolvimento na menina em sua conferência *A feminilidade* que se desdobram a partir do descobrimento da própria castração: a inibição sexual ou a neurose, o complexo de masculinidade e a feminilidade normal. Com a mudança do órgão genital excitatório do clitóris para a vagina, há uma renúncia da atividade masturbatória e da subsequente rejeição ao amor pela mãe e, ao mesmo tempo, recalque de boa parte de seus anseios sexuais. Este abandono da masturbação clitoriana culmina na renúncia de uma parte da atividade, o que faz prevalecer as moções pulsionais passivas que auxiliam a virada em direção ao pai.

A rejeição à mãe não ocorre de uma só vez, seu amor à mãe estava relacionado à mãe fálica, a descoberta que a mãe também é castrada torna o caminho possível para o endereçamento de amor ao pai. O desejo com que a menina se volta para o pai está relacionado ao desejo do pênis que a mãe lhe negou. Contudo, a situação feminina só se estabelece através de uma equivalência simbólica, se o pênis for substituído por um filho. É, portanto, através do complexo de castração, com a influência da inveja do pênis, que a menina entra na situação de Édipo. É nessa virada que a passividade se torna prevalente e abre espaço para o desenvolvimento da feminilidade, segundo a teoria freudiana.

Assim, Freud traz como resposta ao desenvolvimento “normal” da posição feminina a substituição da inveja do pênis pelo amor de um homem ou por um filho que represente o falo, a inibição sexual ou a neurose e o complexo de masculinidade. A explicação freudiana conversa com o discurso sobre feminilidade da época vitoriana e é criticado não só pelas feministas como também por estudiosos da psicanálise.

As feministas dos anos 20-30 do século XX, conhecidas como as feministas da primeira onda, criticavam em especial a teoria da inveja do pênis proposta por Freud e reivindicavam a

igualdade entre os sexos. Embora o movimento feminista e a psicanálise tenham se influenciado mutuamente, Freud não abriu mão de seus conceitos e descobertas clínicas. Para ele, o feminino não cessou de aparecer em sua clínica como um *dark continent* – nome que ele encontrou para falar sobre o real enigmático feminino –. Ao mesmo tempo, as analistas que também adeririam ao movimento feminista o fizeram rever pontos importantes da sua teoria, como é o caso do Édipo feminino (Fuentes, 2009).

Ao explanar sobre algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos em 1925, Freud se opõe às objeções feministas que defendem uma total igualdade e equiparação entre os sexos, mas admite que todos os indivíduos, devido a sua bissexualidade enquanto constitucional e da herança cruzada, reúnem em si características femininas e masculinas, sendo uma falácia a pura feminilidade e a pura masculinidade.

Na conferência sobre a *Feminilidade* (1933), Freud reconheceu que os analistas homens, o qual se inclui, não conseguiram superar determinados preconceitos profundamente arraigados contra a feminilidade e que as contribuições das analistas mulheres acerca da temática seriam fundamentais, pois elas gozam de uma posição privilegiada na transferência, atribuiu o esclarecimento sobre a fase pré-edípica da mulher às investigações realizadas por Ruth Mack Brunswick, Jeanne Lampl-de Groot e Helene Deustch.

Dentro da psicanálise, as posições freudianas também foram contestadas. Em 1931, Freud apresentou respostas às divergências encontradas em suas investigações e às de Melanie Klein, Karen Horney e Ernest Jones, pois elas criticavam a centralidade proposta por Freud ao complexo de castração, a ênfase a inveja do pênis e ao primado do falo, conceitos do qual Freud não abriu mão e seguiu defendendo.¹

Segundo Fuentes (2009), as mulheres deixaram marcas na obra freudiana, a correspondência entre Freud e Lou Andreas-Salomé mostra que Freud reconhecia outras possibilidades para a mulher para além de suas teorias (renúncia, masculinidade, maternidade), pois ela era muito diferente daquilo que ele pôde escrever. Seria, inclusive, influenciado por ela que em seu texto *Introdução ao narcisismo* de 1914 teria escrito sobre a mulher narcisista, como aquela autossuficiente que ama a si mesma com intensidade semelhante a que são amadas pelo

¹ Entre os anos 20 e 30 uma onda de debates efervescentes sobre a sexualidade feminina separou as vertentes vienense e inglesa, a primeira mais de acordo com a perspectiva freudiana, a segunda mais crítica, de um lado Ruth Mack Brunswick, Jeanne Lampl-de Groot, Helene Deustch e Marie Bonaparte; de outro lado Melanie Klein, Karen Horney e Ernest Jones (Iannini & Tavares, 2019).

outro, sendo sua maior necessidade ser amada e não necessariamente amar. Ou seja, a mulher tentaria encobrir sua falta fálica através do narcisismo, fazendo-se de objeto de desejo pelo outro, o que nela é bastante exacerbado quando comparado ao homem. Soler (2006) comenta que o complexo de Édipo produz o homem, mas não produz a mulher e que Freud percebeu que a referência fálica não esgotava a questão da feminilidade.

Ao longo de sua obra, Freud manteve interlocuções com outros saberes, publicou vários textos em resposta a autores que criticavam sua teoria, respondeu a críticas feministas de sua época, rompendo por vezes até mesmo com psicanalistas do seu círculo por manter suas posições. As mulheres se apresentaram para Freud como fonte de enigma, ele se refere a elas durante sua obra como *dark continent*. Ao final de sua conferência sobre *a feminilidade (1933)*, ele admite que não consegue avançar mais nas questões sobre a feminilidade e os que se interessam pelo assunto devem se voltar às experiências pessoais, aos poetas, ou aguardar o avanço da ciência.

Ainda que Freud tenha sido um homem de sua época, ou seja, tenha se deixado influenciar pelo discurso hegemônico da época vitoriana, é inegável que a partir da invenção da psicanálise houve um giro discursivo sobre o que se entendia acerca das mulheres e da feminilidade. Ao fazer uma análise sobre os primeiros casos de histeria atendidos por Freud, Kehl (2008) aponta que diante da falta de alternativas, de escolhas para o destino das mulheres na época freudiana para além de uma “escolha de neurose”, produziu-se entre os pós freudianos uma equivalência entre a histeria e a feminilidade. “Neste caso, é como se a histeria fosse a única solução de compromisso, para as mulheres, entre a castração simbólica, a demanda imaginária de falo e o corpo Real desprovido de pênis.” (Kehl, 2008, p. 223).

Os sintomas histéricos denunciam justamente o mal-estar provocado pelo discurso hegemônico, o discurso do mestre, pois diante da impossibilidade de se adequar ao que se espera socialmente de uma mulher, todas as restrições e podas, a histeria seria uma salvação para as mulheres, e, de acordo com Kehl (2008), a dimensão conflitiva da feminilidade na cultura se expressa através da histeria.

Não é que o sofrimento psíquico seja reduzido a uma questão de inadaptação ao meio, mas é impossível negar que o sofrimento mental e a produção de neurose incluem os discursos vigentes de cada época. O pensamento freudiano nasceu na contramão das certezas daquela época, Freud foi sensível a pobreza da vida cultural de suas pacientes histéricas e enfatizou em seus estudos “o papel das fantasias no sentido de oferecer alguma compensação a esta estreiteza

de perspectivas, assim como para a relação entre a estagnação de libido e a produção de sofrimento psíquico” (Kehl, 2008, p. 220).

Freud se viu assim afetado pelo sofrimento de suas pacientes, pelas críticas feministas feitas a sua obra e pelas contribuições das analistas na construção da teoria psicanalítica. O discurso da histérica, no sentido de ser o discurso que causa desejo, que faz desejar o querer saber sempre mais, teve um papel fundamental na história da psicanálise, pois o desejo de poder responder a essas questões levou Freud a descobertas importantes. O próprio limite encontrado por Freud diante do que ele chamou de fonte de enigma abriu precedentes para que os pós-freudianos dessem continuidade a essas investigações.

O que Freud viu nas mulheres como fonte de enigma e mistério, Lacan leu como uma maior proximidade com o real, pois o seu gozo não tem limites, está não todo submetido a lógica fálica, assim, para Lacan, (1960/1998, p.741) “tudo pode ser imputado à mulher, já que, na dialética falocêntrica, ela representa o Outro absoluto.” Ou seja, Lacan pensa as mulheres pelo viés do real, a partir de uma outra lógica, que não pode ser todo capturada pela ordem simbólica, há algo nela e em seu gozo que não pode ser todo dito.

Assim, Lacan defende a tese de que a mulher está não toda submetida a lógica do significante, isso quer dizer que não há representação para a mulher no inconsciente, algo que inclusive Freud já havia atestado desde 1905, quando diz que no inconsciente só há a representação do pênis. Lacan passa a enfatizar que não se trata do órgão, propriamente dito, mas de um significante que representa o pênis, mas não apenas ele, o falo.

Lacan inicia a significação do falo (1958/1998) expondo a função de nó presente no complexo de castração inconsciente, essa função seria a de em um primeiro momento instalar no sujeito uma posição inconsciente frente à castração, é isso que torna possível o sujeito se identificar com o tipo ideal de seu sexo. Ele prossegue a discussão afirmando que o falo não diz respeito a um órgão ou a um objeto, mas a uma função, a de significante, que deixa sua marca desde muito cedo na vida do sujeito.

O falo encontra seu lugar de significante ao ser designado pelo outro, o outro lança uma demanda ao sujeito, que sempre lhe chega de uma forma alienada, é nesta relação com o outro que o falo adquire sua marca, com a ameaça ou nostalgia da falta-a-ter. De acordo com Lacan, as estruturas das relações entre os sexos girarão em torno de um ser ou ter, que dizem respeito a um significante, o falo, de forma que:

E isso pela intervenção de um parecer que substitui o ter, para, de um lado, protegê-lo e, de outro, mascarar sua falta no outro, e que tem como efeito projetar inteiramente as manifestações ideais ou típicas do comportamento de cada um dos sexos, até o limite do ato da copulação, na comédia. (Lacan, 1958/1998, p.701).

Assim, segundo Soler (2006), na comédia dos sexos, cada um dos parceiros está “bancando o homem” ou “bancando a mulher”, o termo bancar se refere a “parecer”. Na dialética fálica, parecer ser ou ter o que falta ao outro cria a ilusão de completude, “um desfila como desejante, a outra como desejável” (p.32). Isso nada tem a ver com o aparato anatômico do sujeito, mas a forma de cada um se posicionar frente a falta. Nesse jogo, os semblantes têm uma função fundamental.

Os semblantes, em sua dimensão fálica, seriam aquilo que dá consistência à verdade do sujeito, uma vez que o semblante é vinculado a um discurso. Nesse sentido, um homem só pode ser definido como homem em relação à mulher, e vice-versa, isso quer dizer que é preciso passar pela diferença sexual para identificar-se a um semblante. Se homem e mulher, cada um está no discurso através do semblante, é porque são uma invenção da cultura, são históricos, o que se entende por homem e mulher muda conforme o discurso de cada época.

Se nos anos 50 Lacan entende a diferença entre os sexos a partir da referência ao falo, ter ou ser o falo seriam posições masculinas e femininas, respectivamente. No seminário XVIII, *De um discurso que não fosse semblante*, o autor passa a trabalhar com a noção de semblante. Essa noção é importante porque ela nos dá subsídios para relacionar a dimensão histórica e cultural nas concepções de homem e mulher, estes são efeitos de um discurso, que se materializam através do semblante. Ainda neste seminário, Lacan enuncia que a relação sexual não existe, segundo Cossi (2016), ele dá um passo a mais nesse seminário, para o que mais tarde vai desenvolver com maior rigor conceitual nos seminários XIX, *...Ou pior* e XX, *Mais, ainda*, além da não existência da relação sexual, a inexistência da mulher.

Ao longo do Seminário XVIII, *De um discurso que não fosse semblante*, Lacan afirma várias vezes que homem e mulher são efeitos de um discurso vinculado a um semblante, entretanto, há algo além do discurso que diz respeito ao real e ao campo do gozo. Aqui encontra-se o limite do discurso, a própria vacilação dos semblantes demonstra a incapacidade de recobrir totalmente o real e o gozo. Para explicar sobre o real e o gozo que escapa a linguagem, Lacan recorre à lógica.

De acordo com Soler (2006), esse seria um ponto de divergência entre Freud e Lacan, Freud se deteve ao simbólico, talvez por isso, por vezes, deixou-se levar pelas normas. As saídas que Freud encontra para a feminilidade davam um lugar para a mulher na sociedade, porém Lacan mais tarde chama a atenção para o fato de que aí não se esgotam as questões femininas. Além de sua leitura estabelecer de uma vez por todas que na teoria psicanalítica não se trata do aparato biológico – ainda que isso tenha efeitos para o sujeito, não como um destino, mas como um ponto de partida –, ele introduz a partir da lógica as modalidades de gozo, para falar sobre a diferença entre a posição masculina e feminina.

Não se trata mais das identificações edípicas, de parecer homem ou mulher, conforme os semblantes dos papéis ou atributos culturais, a lógica da sexuação diz respeito às diferentes formas de gozar. De acordo com Lacan (1972-1973/2008), quem quer que seja ser falante se encontra na tábua da sexuação. De um lado, está o gozo masculino, essa é a modalidade de gozo fálico, um gozo contabilizável, organizado a partir de significantes. Nessa modalidade é possível formar grupo, pois há a exceção de pelo menos um, o pai que funda a horda. Segundo a lógica, se há exceção, há um todo.

Já o gozo feminino seria o gozo não todo submetido à lógica fálica, há algo de irrepresentável nesse gozo, trata-se de uma experiência que não pode ser dita, mas vivida, daí a proximidade das mulheres com o real, pois ainda que elas também estejam incluídas no gozo fálico, há algo impossível de ser simbolizável nesse Outro gozo. Uma vez que nessa modalidade de gozo não há exceção para formar o grupo, “A mulher não existe”. Isso quer dizer que as mulheres não conseguem se reunir ao redor de um significante que represente um grupo de mulheres, só sendo possível falar de uma mulher no singular. Vejamos abaixo a tábua da sexuação:

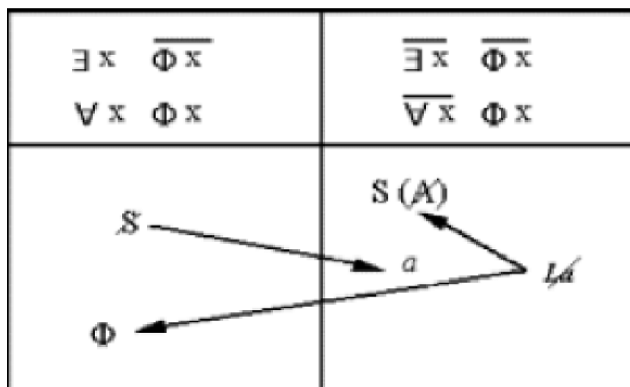


Figura 3: Tábua da sexuação. Fonte: (Lacan, 1972-73/2008, p. 84).

Se observamos o quadro da sexuação, perceberemos que não há complementariedade entre os gozos, uma vez que as setas presentes em cada lado apontam para lugares diferentes do outro lado, logo, ao invés de uma complementariedade, encontramos uma desarmonia. Lacan nos adverte que o Outro gozo não se trata de um gozo complementar, mas sim suplementar, o que desemboca na não existência da relação sexual, outro aforisma lacaniano. Assim, ainda que o gozo fálico tenda para a formação do um, o Outro gozo vem a atestar esta impossibilidade (Moreira, 2021).

A partir da lógica e dos modos de gozo, Lacan explana sobre as formas de posicionar no mundo, isso não diz sobre as questões biológicas, de gênero ou sobre as escolhas amorosas ou sexuais dos sujeitos, mas diz respeito às formas como os sujeitos se posicionam diante da castração, pois todos sem exceção são castrados.

Dessa forma, assim como no trabalho de Moreira (2021), nessa dissertação, entendemos a diferença sexual a partir da tábua da sexuação, logo, as categorias “homem” e “mulher” serão utilizadas ao longo das discussões em termos de posições distintas de modalidades de gozo, conforme proposto pela teoria lacaniana.

Segundo a autora, devido à inexistência da mulher, a relação sexual não existe, e vice-versa, pois não há como estabelecer uma relação de complementariedade entre aquele que está todo submetido à lógica fálica e aquele que está não todo submetido. Que a relação sexual não exista, não quer dizer que os sujeitos não façam sexo, ou que as pessoas não possam encontrar com as coisas do amor. A inexistência da relação diz respeito à impossibilidade de se formar um, a não complementariedade entre o não todo e o todo, entre o homem e a inexistência da mulher, nesse sentido, todos os objetos de amor são inadequados, sejam eles hetero, homo, ou o que for. No campo da psicanálise, trata-se de parcerias, parcerias amorosas, sintomáticas, mortíferas. As idealizações são deixadas de lado e nos deparamos com as contingências dos encontros.

De acordo com Fuentes (2009), dizer que a mulher não existe é o mesmo que afirmar que não há significantes que definam a mulher, o que não quer dizer que a condição feminina não exista. Esse aforisma foi entendido erroneamente como uma denegação da existência feminina, o que rendeu muitas críticas a Lacan. Ao comentar Zizek (1994), Fuentes (2009) afirma que a teoria lacaniana não entende o sexo como uma prática exclusivamente discursiva, é justamente no ponto que o simbólico fracassa que a diferença sexual e a sexualidade emergem.

“Ou seja, somos seres sexuados justamente por que a diferença sexual não se simboliza; do contrário, teríamos duas metades, masculino e feminino fazendo Um todo.” (p. 99).

Assim como Freud sofreu críticas das feministas da primeira onda, Lacan manteve um diálogo com as feministas de sua época, o movimento feminista desse momento ficou conhecido como segunda onda do feminismo, muitas inclusive participavam de seus seminários. Antes de prosseguir com o diálogo entre Lacan e os feminismos que sucederam, cabe uma breve discussão sobre o desenvolvimento dos movimentos feministas, afim de compreender melhor esse diálogo.

4.1 A pluralidade dos feminismos

Uma das questões que emergiram ao longo da nossa pesquisa é de qual feminismo estamos falando. Sabemos que devido à diversidade de correntes e de perspectivas, é mais interessante falamos do feminismo no plural. Dessa forma, optamos não por escolher uma única corrente, mas exploramos justamente as múltiplas formas como os discursos feministas influenciam as noções construídas sobre a feminilidade e a mulher, dentro da psicanálise e de uma forma mais ampla no laço social.

De uma forma geral, o feminismo é entendido como uma luta contra a opressão das mulheres e pela igualdade de direitos entre homens e mulheres. Ao longo da história, ele é didaticamente teorizado em ondas, essas ondas têm pautas e lutas específicas de cada época. Assim, o feminismo é uma práxis política que possibilitou transformações culturais e sociais de diversas maneiras. Especialmente a partir dos anos 80 do século XX, adentrou de forma mais significativa os espaços acadêmicos e, nos últimos anos, tem ocupado as redes sociais de forma intensa, bem como as ruas (Xavier, 2022).

Diante da efervescência dos debates acerca do feminismo nos anos 60-70, Cossi (2016) chama a atenção para uma separação que passou a ser configurada dentro do movimento feminista, através dos termos gênero e diferença sexual. Por um lado, os estudos de gênero ganham destaque, o psiquiatra e psicanalista Robert Stoler e o psicólogo e sexólogo John Money são considerados os pioneiros nos estudos de gênero, eles forjam o termo gênero, como algo que se opõe radicalmente ao sexo biológico, ou seja, o gênero diz respeito ao “sexo social”, fruto da educação e ambiente; homem e mulher não são dados inatos. Nos anos 70, o feminismo anglo-saxão se apropria do termo e nos anos 80 os *Gender studies* se desenvolvem bastante nos Estados Unidos.

Por outro lado, a maioria do feminismo europeu manteve em seus estudos o termo diferença sexual, ou diferença dos sexos, que não por acaso remete ao biológico, como um reconhecimento de um conflito inerente à relação entre os sexos. O feminismo francês foi muito influenciado por Freud, Foucault e Derrida. O termo diferença também alude a não uma igualdade frente aos homens, nem uma possível definição do que seria a mulher, mas tem como interesse a associação entre linguagem e representação com a produção da subjetividade, a investigação do sexismo da língua, tida como falocêntrica. Assim, muitas feministas francesas dessa época frequentavam os seminários de Lacan e usufruem da psicanálise para a construção de suas teorias (Cossi, 2016).

Uma das dificuldades encontradas no feminismo diz respeito a quem é o seu sujeito que, apesar das reivindicações centrarem na figura da mulher, as diferentes opressões que as mulheres sofrem a partir da classe social, raça e escolhas sexuais mostram o quão complexo é este debate. Assim, quando as teorias feministas passam a ocupar as universidades e se populariza no cotidiano, os grupos que não se sentiam representados, como as mulheres negras, lésbicas, pobres e trans passam a reivindicar a legitimidade de ser sujeito do movimento, denunciando a invisibilidade de suas narrativas no movimento, que até então se centrava em pautas de mulheres brancas (Sarmiento, 2015).

Apesar do esforço do feminismo representar as mulheres enquanto um movimento identitário, houve rupturas epistemológicas e de lutas sociais, por isso a importância de se falar dos feminismos, no plural. Surgiu então a necessidade de defesa de um movimento que leve em consideração as diferenças entre as mulheres, assim, a intersecção entre as opressões sofridas passa a ser amplamente debatido. Os feminismos passam a levantar bandeiras não só da igualdade de gênero, mas a considerar as questões raciais e capitalistas, já que essas questões produzem uma desigualdade estrutural entre os sujeitos (Sarmiento, 2015).

Nos últimos anos, os movimentos feministas têm se consolidado como um referencial importante para novas epistemologias e criação de políticas, tanto de forma ampla, modificando as relações cotidianas, como as relações amorosas e de parentesco, nas construções de novas feminilidades, novos entendimentos sobre o corpo, sobre a sexualidade - como no âmbito das políticas públicas - modificaram o campo da política, do acesso aos direitos e bens e da vida pública. Especialmente com o firmamento da chamada terceira onda do feminismo, tem-se pensado em estratégias políticas que consigam incluir as diferenças (Xavier, 2022).

Dessa forma, em nossa pesquisa, não nos centramos em um tipo de feminismo, mas exploramos justamente esta pluralidade de feminismos. Os resultados encontrados mostraram

que no contemporâneo há uma diversidade de reivindicações que ora se aproximam, mas que em outros momentos há um distanciamento de concepções acerca do entendimento sobre sexualidade, vida amorosa, sobre o sujeito do feminismo, pautas, entre outros. Essas diferenças mostram que os discursos construídos sobre as questões que tocam na feminilidade são indissociáveis da construção histórica de cada grupo, bem como tem influência nos tipos ideais que se busca alcançar, nas escolhas e forma de ver a si e ao outro no mundo. Essas questões serão exploradas na parte dois da dissertação.

4.2 Os feminismos e a teoria lacaniana

Voltando ao debate entre a psicanálise lacaniana e os feminismos, de acordo com Fuentes (2012), o feminismo que hoje critica a psicanálise já não é mais aquele feminismo que ia a desencontro a Freud e os pós-freudianos. O feminismo assume novos contornos baseados nos *Gender studies*, que levantam a bandeira das minorias sexuais, dos “gêneros não-inteligíveis”, terminologia criada por Judith Butler, uma das principais estudiosas sobre o tema na atualidade e que faz críticas severas à teoria psicanalítica.

Segundo Cossi (2016), entre as principais críticas da autora a Lacan, destaca-se o conceito de simbólico, instituído a partir do estruturalismo de Saussure e Lévi-Strauss. Para ela, esse conceito é totalitário, dualista, inflexível e é tendo ele como base que se sustenta o universalismo masculino e a continuidade de uma heterossexualidade compulsória. Butler problematiza se o que seria estruturado pela ordem simbólica seria passível de transformação; para a autora, a psicanálise se serve da linguagem para inviabilizar mudanças no campo social:

A filósofa argumenta que os vínculos amorosos da criança a subordina a inescapáveis regulações normativas. Seus primeiros objetos (pais, parentes e cuidadores), nos quais seu amor é investido, são aqueles dos quais ela é dependente física e emocionalmente para sobreviver. Tal relação de dependência, no fundo, é uma relação de poder. Não precisamos ir muito longe para deduzirmos que é tendo isso como pano de fundo que Butler interpreta o complexo de Édipo no contexto da constituição do sujeito em psicanálise. O Édipo, para ela, é um processo de assujeitamento à lei do Pai, equiparada à ordem simbólica.” (p. 130).

Assim, Butler considera que a submissão à lei paterna é uma forma de estabilizar e legitimar as formas de parentesco, logo é uma forma de controle, o que foge dessa lei é

considerado como algo anormal, sendo patologizado e afirmando o lugar de uma heterossexualidade normativa. Ao tentar fornecer uma leitura alternativa à concepção de Butler sobre o simbólico, Cossi (2016) recorre a Charles Shepherdson, autor de *Vital signs* (2000), para os autores, o registro simbólico não elege um sistema social predominante, mas seria justamente o que fornece as condições estruturais para que qualquer relação de parentesco seja criada. “Nesse sentido, o simbólico, em si, não é reestruturável, mas sim as organizações socioculturais criadas a partir dele” (Cossi, 2016, p. 129). Logo, o simbólico em Lacan é entendido pelos autores não como a organização heteronormativa da sociedade, mas sim como o sistema social predominante escolhido pela cultura.

Apesar das críticas feitas à teoria lacaniana, Butler usou de conceitos psicanalíticos para construir seus argumentos, como pulsão e forclusão, além disso, Cossi (2016) propõe uma aproximação entre o conceito de Butler de performance e a noção de semblante empregada por Lacan, o que promoveu um diálogo interessante para se pensar um ponto de intersecção entre essas teorias. Moreira (2021) também propõe uma aproximação entre a Teoria *Queer*, no sentido de ser uma teoria que problematiza a categoria identitária e seus limites discursivos tanto no âmbito representativo como nas políticas públicas e a inexistência da mulher, proposta por Lacan. A partir dessas aproximações, é possível construir um diálogo entre essas teorias, apesar de elas apresentarem pontos de divergência essenciais. Essas discussões serão aprofundadas na segunda parte desta dissertação.

De acordo com Leguil (2016), uma das confusões que ocorrem entre as teorias de gênero e a psicanálise se dá pelo fato de que elas partem de pressupostos diferentes, pois a psicanálise não trabalha com conceitos como gênero e identidade. Além disso, a psicanálise busca enfatizar o que acontece fora da cena social, em que as normas e os pactos sociais não podem dizer do sujeito, parte, pois, dá mais profunda singularidade presente no sujeito, o que não a impede de participar do debate, ao contrário, ao partir de onde as regras não dão conta, torna-se uma ferramenta interessante tanto para repensar as práticas universalistas, como pra denunciar o fracasso cultural ao tentar domar totalmente as pulsões.

A psicanálise não trabalha com os conceitos de gênero e de identidade como as teorias de gênero, entretanto, é possível abordar gênero e identidade com base na psicanálise, pois essas categorias são dadas pelo Outro. Assim, pelo viés psicanalítico, abordaremos esses conceitos através da linguagem, dos discursos e dos significantes, pois o inconsciente é estruturado como a linguagem.

Segundo Brousse (2019), abordar a identidade e o gênero através da psicanálise é uma oportunidade de insistir na elaboração da noção do discurso do mestre, e seus efeitos, apreendidos através da fala dos analisantes. Esse é um dos meios de revigorar a teoria psicanalítica e reafirmar sua importância nos debates atuais.

Há, dessa forma, vários pontos de intersecção entre a psicanálise e os feminismos, bem como pontos de divergência. É certo que assim como com o feminismo pode subverter a lógica, e as mulheres puderam se deslocar para outros lugares, a psicanálise, ao longo de suas investigações, contribuiu também para uma nova ordem, um novo tipo de sociedade.

5. O DECLÍNIO DA FUNÇÃO PATERNA E A ASCENSÃO DA LÓGICA DO MERCADO

“Que renuncie a isso, portanto, quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época” (Lacan, 1953/1998, p.322).

A partir dessa orientação de Lacan, este capítulo é dedicado à exploração da subjetividade de nossa época, se o sujeito da psicanálise é constituído a partir do Outro, o que nos diz o Outro de nossa época? Quais efeitos o Outro tem produzido nos sujeitos atualmente? Esses questionamentos se fazem necessários para alcançarmos um dos objetivos desta dissertação, que é compreender alguns pontos sobre a posição feminina na atualidade.

Em função do campo da fala e da linguagem, Lacan (1953/1998) afirma que a única fonte que a psicanálise tem para desenvolver sua técnica é a fala dos pacientes. É a partir da fala que pode ser extraída a verdade do sujeito, a fala do sujeito, seu discurso, é alienado ao outro, isso significa que o sujeito é efeito da linguagem. Ao entrar na linguagem, o sujeito necessariamente aliena-se ao outro, o choro de um recém-nascido, por exemplo, é interpretado pelo outro, ele lhe confere um sentido, é a partir desse sentido dado pelo outro que o sujeito adquire reconhecimento na cultura.

Assim, o desejo humano é sempre o desejo do outro, não porque o outro carrega os segredos dos desejos, mas porque o sujeito só existe ao ser reconhecido pelo outro. Dessa forma, algo é transmitido de geração em geração sem que necessariamente haja palavras, mas há algo implícito nessa transmissão que situa o sujeito perante a lei da linguagem. O reconhecimento pelo outro não ocorre sem perdas, o sujeito renuncia a uma parcela de seu gozo para se fazer presente no mundo simbólico, ou seja, o preço que se paga pelo reconhecimento é a subordinação à lei. Seria a lei primordial, portanto, que faz com que o sujeito saia do reino animal para se estabelecer no reino da cultura (Lacan, 1953/1998).

Essa transmissão ocorre através do complexo de Édipo. De acordo com Viera e Rêgo (2015), o Édipo seria através do qual a criança assume interdições e identificações que desembocam em uma normatização, o sujeito passa de polimorfa perversa, para uma posição definida da partilha sexual, com um objeto prevalente, não qualquer um. Os autores fazem uma distinção do complexo de Édipo em Freud e Lacan, uma vez que o Édipo em Freud é um romance, já a leitura lacaniana do Édipo diz respeito a estrutura da linguagem.

Com Freud, a mãe é entendida como objeto, o primeiro objeto de amor, o qual a criança disputará com pai, entendido como aquele que interdita o incesto, ou seja, aquele que subordina a criança à lei. Vieira e Rêgo (2015) apontam que na obra freudiana o foco está no desejo da criança pela mãe, ao passo que em Lacan há uma virada do desejo da mãe em relação à criança. Na teoria lacaniana, pai e mãe adquirem o status de função. A função materna é entendida como o desejo por aquela criança, o desejo pela criança pode ser pensado no sentido de preencher aquela mãe, como pode também atestar sua falta. Já a função paterna seria aquilo que faz com o que o desejo da mãe possa se deslocar metonimicamente para além da criança.

Isso permite, pelo menos minimamente, que a simbiose entre a mãe e a criança não seja total, a criança pode, assim, deslocar seu olhar para além da mãe também. Lacan se refere então aos Nomes-do-Pai, como os significantes que dão um direcionamento à constituição subjetiva de um sujeito. É através da articulação entre a função materna e os Nomes-do-Pai que um sujeito vai se constituindo, a função paterna é entendida como a ordem simbólica a qual o sujeito está submetido.” É no nome do pai que se deve reconhecer o suporte da função simbólica que, desde o limiar dos tempos históricos, identifica sua pessoa com a imagem da lei.” (Lacan, 1953/1998, p. 279).

Lacan abandona o romance e recorre à linguística para explicar sobre a constituição do sujeito, isso não quer dizer que há uma ruptura entre Freud e Lacan, mas que eles partem de pontos diferentes. Assim, para a teoria lacaniana, não se trata do pai e da mãe de carne e osso, pois muitos podem ocupar esse lugar, o que realmente está em jogo é a função. De acordo com Brousse (2019, p. 87), “em psicanálise, chamamos Nome-do-Pai, um sistema de lugares regulado por um entre eles, no topo da hierarquia, comandando todo laço social.” Através do nome do pai é possível dar um valor fálico ao desejo da mãe, ou seja, dá um sentido ao gozo, o organiza na cadeia significante. Entretanto, é preciso levar em consideração os limites da função paterna, pois ao longo de sua obra Lacan nos recorda que há pelo menos um “para-édipo”, o psicótico, havendo, portanto, outras formas de subjetivações (Vieira & Barros, 2015).

Se o sujeito é fruto da articulação entre a função materna e a linguagem- ainda que não totalmente, pois há um gozo nessa equação, impossível de ser simbolizável- quais os efeitos das novas conjunturas familiares a partir das várias modalidades de laço sobre a constituição dos sujeitos no contemporâneo? Dito de outra maneira, de que forma a nova ordem simbólica tem operado na constituição dos sujeitos?

Alguns autores têm relatado que não há mais um Nome-do-Pai que reine na cultura, mas o que tem se observado é uma pluralização dos Nomes-dos-Pais. Os movimentos sociais, o qual

estamos nos referindo especificamente nesse trabalho aos movimentos feministas, produziram mudanças significativas na sociedade, em praticamente todos os âmbitos, como abordado no primeiro capítulo, isso possibilitou deslocamentos nos significantes mestres, e, conseqüentemente, uma pluralização dos Nomes-dos-Pais em nossa sociedade atual.

Segundo Vieira (2019), na cultura atual, a ordem patriarcal foi seriamente abalada, isso se dá por inúmeros motivos, entre os quais o autor chama a atenção para a reprodução assistida e os novos paradigmas em relação ao saber. No primeiro caso, a reprodução assistida sacralizou a diferença macho e fêmea, isso produziu o efeito da família perder a função principal de transmitir a diferença binária entre os sexos. No segundo caso, o autor exemplifica através do *Google* como se dá a relação com o saber na atualidade, de forma infinitamente disponível, em que já não se precisa que a transmissão do saber passe pela alteridade. Por essas e outras razões, pai e mãe, homem e mulher deixam de ser vitais para a sobrevivência da espécie.

Com isso, há no contemporâneo uma explosão de gêneros, tribos e identidades, com múltiplas variações e combinações. É importante ressaltar que a pluralização da vida para além do binário não é uma preocupação para a psicanálise, como muitos críticos gostam de dizer. O que realmente é importante problematizar é que, de acordo com a teoria lacaniana, a identidade está do lado do outro, pois o sujeito é constituído pelo outro, é efeito da linguagem, e no contemporâneo as relações de parentesco vêm perdendo sua função de transmissão da alteridade e do saber, assim, a qual outro o sujeito tem se vinculado para se constituir?

De acordo com Rolnik (1997), a globalização alinhada ao capitalismo selvagem fabrica através de diferentes meios a ilusão de identidades. As identidades são fabricadas em uma escala global, das mais distintas maneiras para que se possa abranger todos os sujeitos. Ao contrário do que se poderia esperar, a abertura para o novo não necessariamente traz a abertura para o estranho, ou a tolerância ao diferente, pois há uma desestabilização que caminha de acordo com as leis do mercado, da oferta e da procura, de forma que o diferente pode até ser aceito, desde que consiga ser consumido, vendido, explorado, replicado. A subjetividade é assim tomada como algo que é facilmente desestabilizada, despersonalizada e ameaçada pelo aniquilamento.

Vieira (2019, s/p) afirma que o ego, em sua constituição, necessita de algum tipo de estabilidade:

A cultura falocêntrica propõe duas formas básicas para ela. Em sua modalidade democrática, eurocêntrica, tem proposto algumas outras mais (57 gêneros no facebook

americano, por exemplo). Seja como for, do ponto de vista de Freud, haverá sempre uma identidade principal sustentando a coesão do eu. Freud nunca propôs que ela devesse ser necessariamente fálica. O essencial é que o analista trabalhe com o inconsciente, reino de fixações libidinais polimorfos, sem gênero. Uma análise é se expor à multiplicidade libidinal do inconsciente para reconfigurar a unidade do ego. No entanto, quando não há identidade que tenha lugar no Outro, como no caso do negro no Brasil, promover a desidentificação pode ser o pior. Alguma visibilidade precisa ser conquistada a partir das coisas invisíveis do inconsciente.

A identidade, ainda que assuma novos contornos atualmente, mantém seu modo de funcionamento é dado pelo Outro. Podemos inferir que o sujeito não está mais submetido à lei paterna, mas o que opera é a lei do mercado. Segundo Brousse (2019), Lacan antecipou o declínio da função paterna, de forma que o que viria a tomar o seu lugar seria a função de “nomear-para”. Isso quer dizer que, com o declínio do pai, há uma dissolução do “Um acima dos outros”, e a ascensão dos “Uns-sozinhos”, saímos da ordem vertical hierárquica para a ordem horizontal de todos os uns individuais, o que promove segregações, no plural, e que Lacan em 1968 já havia previsto:

Parece-me que em nossa época o vestígio, a cicatriz da evaporação do pai é o que poderíamos situar sob a rubrica e o título geral de segregação. Acreditamos que o universalismo, a comunicação de nossa civilização homogênea as relações entre os homens. Eu penso o contrário: que o que caracteriza nosso século - e não podemos deixar de perceber isto – é uma segregação ramificada, reforçada, que se sobrepõe em todos os graus, e não faz senão multiplicar as barreiras (p.7).

A segregação a qual Lacan se refere como efeito da evaporação do pai aparece de forma ainda mais acentuada nos dias de hoje. De acordo com Brousse (2019) em vários momentos de sua obra, Lacan chama atenção para a ascensão da segregação como uma das consequências do progresso da ciência. O discurso da universidade elevado ao estatuto de mestre promoveu mudanças no laço organizativo entre os sujeitos falantes, de forma que o imperativo e o modo de gozar específico de nossa época se dão pelos números, pela tecnociência e pelas formulações matemáticas.

Ainda de acordo com a autora, nesse contexto, o sujeito não é abordado a partir da fantasia, não há lugar para o sujeito do inconsciente, do desejo dividido, ele é reduzido ao sujeito do puro saber, da ciência moderna. Não há mais nome, o que há são sujeitos reduzidos a um número, nesse cálculo não há lugar para o nada, para o vazio. Os dados estatísticos, por exemplo – ferramenta usada pelo discurso capitalista de forma ampla – podem segregar o sujeito a partir da categoria do que mais se compra e oferecer produtos semelhantes a aquele, através do cálculo de algoritmos, mesmo o desejo mais íntimo pode ser capturado pelo modo segregativo.

Há, assim, uma tendência que está produzindo uma modificação no Outro. Com o enfraquecimento do pai, a metáfora paterna está perdendo sua potência no discurso – uma vez que o pai está ligado à substituição que produz sentido –, isso resulta em uma separação entre o discurso e a interpretação, dito de outra maneira, o significado se sobressai ao sentido, há, portanto, o declínio do sentido (Brousse, 2019), “isso figura o que Lacan chamou de ‘real sem lei’, ou seja, um real disjunto do simbólico e que o supera.” (Miller, 2006, p.11). Assim, partindo dos três registros que Lacan propõe, o real, o simbólico e o imaginário, é como se o real estivesse em detrimento das outras, assim, trata-se da importância de manter as três juntas, formando um nó e não de fazer de um dos registros o todo (Laurent, 2013).

Nesse sentido, ao fazer uma articulação entre o que foi posto acima com os objetivos da nossa pesquisa, entre eles, investigar a posição feminina na atualidade, percebemos que na medida em que há o declínio da função paterna, as questões que perpassam os sujeitos contemporâneos são cada vez menos tratadas pela via da palavra. O discurso do mestre atual, ao qual nos referimos ao discurso da universidade alinhada ao discurso do capitalismo, tem produzido em larga escala significantes mestres que tentam ser definitivos e excluir a castração dessa operação, de forma que os objetos, os produtos gerados por esses discursos tentam tamponar as dúvidas, as angústias, o sofrimento que o não-todo impõe aos sujeitos. Há uma tentativa de exclusão do não-todo e que tudo possa contabilizado e ser o suficiente.

O Outro gozo vem sendo rechaçado no contemporâneo, uma vez que sua condição de não-todo e sua impossibilidade de ser contabilizado são condições que vêm sendo excluídas pelo discurso do mestre atual. Dessa forma, há uma verdadeira negação a aquilo que não é apreendido pela lógica desse discurso. É certo que o Outro gozo sempre se apresentou como uma problemática para a cultura, pois coloca em xeque a lógica universalista e explícita os furos dos laços, entretanto, atualmente isso se apresenta de forma mais acentuada, pois contamos menos com os recursos simbólicos para fazer a mediação entre o gozo e a cultura.

Entretanto, a gestão dos conflitos entre o sujeito dividido e a cultura é feita através da fala e da linguagem. “Se esses sujeitos são reduzidos a dados cifrados e a uma escrituração, a gestão se faz sem fala. A segregação é o modo de gestão das massas humanas que permite curto-circuitar a divisão.” (Brousse, 2019, p.157). Segundo Laurent (2007), o pai foi substituído pelo espermatozoide, essas células podem ser estocadas e vendidas como qualquer outra mercadoria. O que é muito conveniente, pois reduz o conflito das parcerias que envolvem o desejo por um filho aos espermatozoides disponíveis no mercado, de forma que basta pagar um pouco mais caro para que se possa escolher até as características do doador. Depois é realizada a avaliação daquele produto, o que pode encarecer ou baratear a compra de determinado espermatozoide, mais segregação.

Dessa forma, o que opera na civilização não é mais uma busca pela harmonia, não estamos mais na época em que o sujeito se angustiava pela culpa por gozar, e por isso buscava uma gestão entre o que se renunciava e o que se ganhava socialmente. Ele já está aliviado, o que reina agora são os imperativos do gozo, quanto mais, melhor, é isso que o significante mestre da atualidade exige do sujeito, “esse discurso produz o objeto a, cavando a falta da mais-valia. A mais-valia foracluída é um significante e, como tal, retorna no real como gozo.” (Laurent, 2007, p. 163).

Lacan (1970) falou sobre a ascensão ao zênite social do objeto a, ainda que seja impossível adquirir ou obter esse objeto, pois o mercado de bens de consumo se apoia na ilusão de que é possível adquiri-lo de várias formas, alimenta-se, assim, um gozo excessivo que produz proporcionalmente uma falta. Brousse (2019) nos lembra que não devemos confundir o objeto a com os objetos desejados ou desejáveis, pois o objeto a diz respeito a nossa capacidade de desejar, o que causa nosso desejo por vários objetos, há, portanto, uma diferença importante aí, que parece não ser levada em consideração pelo sujeito contemporâneo e que o mercado usa como forma de estimular o gozo dos sujeitos. Laurent (2007) usa a expressão “overdose” para se referir a forma de gozar contemporânea, o sujeito experimenta a um gozo excessivo, que chega muitas vezes a ser mortífero e conta cada vez menos com a palavra para mediar esse gozo.

Brousse (2004) observa que há um certo descaso do sujeito contemporâneo no que diz respeito ao seu desejo e em contraponto um acúmulo de seu gozo através da repetição. O que está em jogo não é mais a vergonha do gozo, há uma permissividade em relação a ele, a vergonha agora se apresenta perante o desejo, pois este está articulado à falta. A falta se apresenta como um ponto insuportável para o homem, em virtude disso, as coisas criadas pelo

homem são tentativas de tamponar a falta, nessa tentativa, há também uma obstrução do desejo. Há, assim, uma fabricação e consumo de objetos de forma excessiva na tentativa de tampar a falta, que desemboca em uma demanda cada vez mais desatrelada da dialética do desejo.

Entendemos, dessa forma, que a posição feminina no contemporâneo vem sendo rechaçada, uma vez que essa posição está submetida além da lógica fálica, ao não-todo, presentificado no Outro gozo. Assim, as tentativas do discurso do mestre atual em eliminar a castração e dominar totalmente o sujeito têm como consequência a intolerância aos que se apresentam em uma posição feminina.

Como vimos, o discurso do mestre fixa o sujeito em seu modo de gozo, entretanto, atualmente, além de fixar, há um incentivo do mestre para que o sujeito goze, cada vez mais. Isso tem produzido consequências devastadoras para os sujeitos, e os laços se apresentam de forma cada vez mais segregadas, o que a psicanálise pode diante disso?

De acordo com Miller (2004), o discurso do mestre atual em consequência de seu sucesso produziu um desconforto para os psicanalistas. Diante da ascensão do capitalismo e da ciência, a psicanálise se viu um tanto quanto encurralada, o autor divide três posições que os analistas assumiram perante o mal-estar atual. Temos aqueles que tentam a todo custo recuperar o pai, no sentido de trazer de volta os costumes e as tradições, clamam por uma lei universal, e tentam reconstruir de forma artificial o inconsciente que foi regido pelo Édipo, é observado, assim, uma prática reacionária, o qual Miller chama de fundamentalistas freudianos. Uma segunda posição seria um tipo de psicanalista neutro, o seu posicionamento é de que nada está acontecendo e tudo está exatamente igual ao que era antigamente, a essa segunda posição Miller chamou de passadista. A terceira posição o autor chama de progressista, consiste em tentar fazer com que a psicanálise caminhe de acordo com o progresso da ciência. Em todos os casos há um apelo para que a psicanálise possa funcionar, e mais, em todos os casos, para que assim possa ser reconhecida pela conjuntura atual.

Entretanto, enquanto praticantes de uma psicanálise de orientação lacaniana, o autor chama a atenção para o que deve nos distinguir das posições comentadas acima, que é justamente o princípio de uma prática que rateia, que falha:

Ela é a manifestação da relação com um impossível. E Lacan foi levado a isso, a partir da indicação de Freud, não é? A psicanálise é uma profissão impossível. Portanto, nós, seus alunos e leitores, fomos tomados pelas noções de falha e de impossível. Ele nos inoculou esses termos que, precisamente, nos protegeram, nos protegem, são como

anticorpos em relação ao discurso do "isso funciona" e das novas práticas da psicanálise que, todas, têm esse princípio. Chego até a dizer: a prática lacaniana exclui a noção de sucesso!

Miller (2004) comenta que ao alcançar o lugar de dominante, o mais-de-gozar comanda na verdade não um “isso funciona”, mas sim “isso falha”, tanto que a insistência à repetição se dá justamente porque falha, porque não cessa. De modo que a partir do momento que o objeto a ascendeu ao zênite social, ficou evidente e explícito que a relação sexual não existe, assim, os significantes mestres, que antes tentavam recalcar essa verdade, já não chegam a tentar fazer existir a relação sexual, agora são os imperativos de gozo que reinam: “já que não existe a relação sexual, goze”, esse imperativo realça a condição do sujeito sozinho, o sujeito cada vez mais só com seu gozo, ao mesmo tempo em que fragiliza as possibilidades de construir laços. É certo que a teoria lacaniana pensa na inexistência da relação sexual como algo atemporal, pois diz respeito a impossibilidade de operar uma relação. O que se coloca como desafio é: quando o sujeito está em conformidade com a não relação sexual, como gozar sem que isso seja a única coisa em sua vida?

Laurent (2007) chama a atenção para a importância de o analista ocupar lugares na pólis para que o discurso analítico possa circular para além do consultório particular. De acordo com o autor, por muito tempo, os analistas ocuparam uma posição neutra em discussões importantes, com isso, a psicanálise vai perdendo o lugar de um saber para o qual a sociedade se reportava para dar lugar a outros saberes que seguem a lógica da ciência pura e do capitalismo.

O analista enquanto um sujeito neutro diz respeito às suas crenças pessoais diante o discurso do analisante, isso nada tem a ver com a posição do analista diante a cultura e a política a qual estamos submetidos. Assim, Laurent (2007) convoca os analistas a se posicionarem perante os debates atuais, as decisões da pólis, pois se os analistas não comparecem, outros comparecerão e tomarão suas vozes, é preciso, portanto, responsabilizar-se também pelo que não é dito, pelo não comparecimento. Ao não fazer um contraponto, ao se isentar diante dessas discussões, estamos de certa forma reforçando o discurso dominante.

Isso obriga os psicanalistas a se indagarem sobre os modos como a sociedade se organiza. É preciso ter como direção que o regime político ao qual estamos submetidos diz muito sobre a forma como os sujeitos gozam, assim, segundo Brousse (2004, p.57) “a posição do analista é central na pólis. É como um observatório, um desfile dos modos de gozo e de vida.” Brousse (2004) critica os analistas que se mostram saudosistas ou reacionários, que se

horrorizam com os novos modos de parentalidade, por exemplo. A autora nos recorda que não há modo de gozo melhor que outro, os analistas estão mais habituados a se darem conta que a disciplina familiar é patogênica, agora, há novas fontes de sofrimento, o que não quer dizer que uma forma de sofrer seja menos dolorosa do que a outra.

Ao refletir sobre o futuro da psicanálise diante esses novos cenários, Brousse (2004) aposta na insistência do sintoma. Os sintomas vêm a atestar o ponto onde o discurso do mestre falha, impede o sujeito de responder a demanda do discurso mestre, pelo menos por completo e pelo menos nos casos dos neuróticos. Por exemplo, uma mãe com depressão pós parto não consegue retornar ao trabalho, ou um sujeito que apresenta uma sintomatologia ansiosa não consegue sair de casa, os sintomas, então, apontam para o sem sentido. É certo que tentamos simbolizar os sintomas, dar um sentido a eles, mas eles apontam justamente para o sem sentido, para a falha da simbolização. Os sintomas impedem que a civilização funcione perfeitamente como o planejado.

Assim, em um tratamento psicanalítico, o sujeito é conduzido a perceber que a realidade tem estrutura de fantasma, há uma tentativa de elevar o sentido à dignidade de semblante, ou seja, é um processo que propõe uma nova aliança entre real, simbólico e imaginário que, diferentemente de outros discursos, não há um rechaço ao real, pois o discurso analítico entende como necessário o nó entre essas três estruturas. Há, pois, uma elevação do sintoma enquanto dignidade humana, em que não se tenta se livrar do que não funciona, mas justamente dar um lugar ao que não é funcional. Claro que uma análise tem efeitos terapêuticos, tal quais outras psicoterapias, mas diferentes dessas, o discurso psicanalítico não está submetido ao discurso do mestre, ou seja, não há uma tentativa de que o sujeito seja útil aos ideais da sociedade, a ética proposta pela psicanálise é justamente essa (Brousse, 2004).

Desse modo, a sobrevivência da psicanálise depende da insistência nessa ética, isso implica no desejo, para que não se recue frente ao Outro gozo, que pode se apresentar como insuportável. O que a civilização propõe como insuportável nada mais é que o humano. Assim, Miller (2004) pensa no amor como o que pode fazer a mediação entre os uns-sozinhos, não em um nível imaginário, em uma utopia harmônica, mas o amor enquanto aquilo que torna o sujeito capaz de suportar o não-todo, conferindo-lhe um lugar e não recuar diante seu desejo.

PARTE II

6. ESCREVER O QUE NÃO CESSA ATRAVÉS DOS BLOGS

“Então aqui e agora, parece suficiente dizer assim: quando o mundo me sufoca, eu escrevo pra existir.” (Blog 3, 26/04/2021).

A hipótese do nosso trabalho é que diante da inexistência da mulher, os sujeitos assumem muitas vezes uma posição discursiva histórica em busca de um saber que não cessa, ora se submetendo ao discurso mestre enquanto aquele que pode dar a resposta, ora denunciando o mal-estar que este discurso promove. Assim, a escrita das mulheres em blogs pode ajudar a subjetivar as experiências, como uma tentativa de bordejar o real presente no feminino. Este capítulo é uma introdução com o intuito de situar o leitor sobre os efeitos discursivos através da circulação da escrita. A extração dos escritos em blogs será abordada nos capítulos seguintes.

Lacan (1953/1998) afirma que é pela relação com o outro que um sujeito se constitui e, ao ser inserido no campo da linguagem, o sujeito vetoriza suas questões, significantes e desejos. Esta relação com o outro lhe confere um lugar no simbólico que possibilita a organização dos modos de gozo. Assim, podemos pensar que os blogs, enquanto uma modalidade de comunicação social, que possibilita interações, em que há uma escrita endereçada ao outro, podem ser entendidos como um meio que revela as problemáticas do sujeito com a linguagem.

A partir do momento em que há uma mensagem endereçada ao outro, demanda-se uma resposta do outro, o outro assume uma posição perante o sujeito de quem tem uma resposta ao que se demanda, o que de certa forma direciona o desejo do sujeito, uma vez que o desejo do sujeito é sempre o desejo do outro. Claro que, como sabemos, isso ocorre de forma imaginária, pois o outro também não tem a resposta ao que se demanda, mas o que está em questão é que a partir dessa dialética o sujeito se inclui no mundo simbólico e se estabelecem os discursos.

De acordo com Leão (2018), quando tratamos da linguagem pelo viés da teoria lacaniana, estamos atribuindo um sentido onde existia o vazio, esse processo fantasioso é importante, pois graças ao simbólico o sujeito não sucumbe. O paradoxo dessa relação é que na verdade a comunicação vem atestar que há algo impossível de ser comunicado, tornando exposta a ausência de significante, de forma que isso estimule ainda mais o sujeito a falar, na tentativa de simbolizar o que não se consegue. Há, assim, um limite impossível de ser ultrapassado.

Esse talvez seja o motivo que leva a escrita a ter tanta importância para as mulheres, como vimos no segundo capítulo: de acordo com Lacan, as mulheres estão mais próximas ao real. Lima (2009) também defende essa ideia, tendo em vista que, a partir de sua pesquisa sobre a escrita em blogs na adolescência, a autora constatou que 82% dos blogs pesquisados eram escritos por meninas. Ela faz um percurso interessante para demonstrar que a escrita é um recurso fundamental encontrado pelos adolescentes para lidar com os conflitos relacionados à construção da identidade.

Segundo Lima (2009), esse recurso é importante especialmente para as meninas, pois diante do encontro com o real do sexo, ao qual são confrontadas com ainda mais intensidade na entrada da puberdade, a escrita em blogs tem a função de auxiliar na subjetivação desse processo. A autora afirma que a partir da escrita em blogs, o sujeito se coloca em uma posição de ser vista pelo outro, se oferece a ser olhada como um convite ao desvelamento. “O adolescente, ao endereçar a pergunta sobre o seu ser a um outro, se histeriza, como solução à feminilidade.” (Lima, 2009, p. 174).

Articulando a nossa pesquisa, levando em consideração que exploramos blogs feministas escrito por mulheres, podemos pensar que quando elas estão se dirigindo ao outro, supostamente especular, há na verdade uma interrogação à própria linguagem, pois ao questionar sobre a maternidade, as relações amorosas, a violência, a sexualidade, entre outros, o Outro enquanto um lugar simbólico, tesouro dos significantes, envia ao sujeito sua mensagem invertida. Assim, a partir do que é endereçado ao outro, o sujeito vai construindo sua própria resposta a esses questionamentos.

Diante da inexistência da mulher que culmina na pergunta freudiana, que não cessa, “afinal, o que quer uma mulher?”, a escrita em blogs pode ter a função de bordejar o real presente no feminino e pode se inscrever no registro do discurso histórico, no sentido de uma busca pela verdade que não se esgota, pois é impossível de ser encontrada. Podemos então pensar na escrita em blogs como uma forma de constituição de laços sociais, pois a comunicação faz os significantes circularem e algo novo pode ser construído.

Dessa forma, a segunda parte desta dissertação é dedicada a explorar as escritas de mulheres nos blogs, a partir de uma escuta flutuante atrelada à transferência da pesquisadora. Em consonância com os temas que mais se repetiram em nossa busca, propomos cinco temas para refletir sobre as noções construídas sobre as mulheres: a feminilidade e o feminino no contemporâneo.

A articulação teórica feita entre a psicanálise e os discursos feministas foi guiada a partir dos depoimentos recolhidos. Percebemos que a pergunta inesgotável sobre o que é a mulher assume novas roupagens no contemporâneo, as saídas atualmente estão muito ligadas ao discurso capitalista e da universidade, que assumem o status de mestre hoje. Porém, ainda que esses discursos prometam respostas esclarecedoras, que tentam excluir a castração, a nossa pesquisa demonstra que o não-todo insiste, ainda que venha sendo tão rechaçado pela cultural atual. Enquanto analistas de orientação lacaniana, temos a tarefa de insistir no não-todo, de garantir o seu lugar, essa é a forma da psicanálise se manter na cultura e não ser capturada pela lógica do mestre contemporâneo.

Sendo assim, a seguir será apresentado os depoimentos recolhidos nos blogs, além disso, será discutido os discursos das mulheres nos blogs a partir de uma orientação lacaniana e o que esses depoimentos nos dizem sobre a posição feminina no contemporâneo.

7. SER MULHER É MUITO DIFERENTE DE SER MÃE

“Não é porque temos útero que devemos procriar. Se existir o desejo, se o desejo for genuinamente nosso. Aí tudo pode. Estamos validadas. Levei muito tempo para entender isso e mais, entender que ser mulher é muito diferente de ser mãe”. (blog 2, 31/08/2021).

A maternidade nunca foi tão debatida como nos dias atuais. Boa parte dessas discussões emergiu dos movimentos feministas. Através das lutas por direitos, as mulheres hoje podem ocupar outros lugares sociais para além da mãe, condição imposta como próprio da natureza feminina durante séculos e que faz eco até hoje.

Os movimentos feministas diferem em muitos aspectos, de fato, as questões que perpassam as mulheres negras, brancas, trans, lésbicas, que estão em distintas classes sociais, grau de escolaridade, entre outros, faz sobressair particularidades próprias a cada grupo. Entretanto, a questão pela luta da maternidade enquanto uma escolha e não imposição social foi um ponto de convergência encontrado em todas as páginas pesquisadas.

Como o trecho acima mostra, as mulheres têm reivindicado cada vez mais uma posição de sujeito, que leva em consideração o desejo, com isso, elas estão cada vez mais se dando conta das diferenças entre uma mãe e uma mulher, algo que foi associado como uma mesma posição no discurso do mestre ao longo da cultura.

Ao refletir sobre a construção da feminilidade ao longo do tempo, Kehl (2008) aponta que a cultura europeia do século XVIII e XIX construiu inúmeros discursos que promoviam uma perfeita adequação entre as mulheres e a procriação. Essa adequação era justificada a partir da anatomia e da “natureza feminina”, como aquela que concebe a vida. Todas as mulheres estavam naturalmente destinadas a cumprir o papel de mãe e de esposa, tendo conseqüentemente um único lugar social: o da família. A isso era considerado uma feminilidade dita normal, é inclusive a maternidade que tornaria a mulher plenamente realizada sexualmente. Ou seja, a ideia predominante nesse momento era o da maternidade determinada a partir do aparato biológico.

A maternidade vista enquanto escolha, ou, pelo menos, discutida publicamente, em ampla proporção, é relativamente nova, é possível observar que inúmeros estudos vêm se desenvolvendo acerca dessa temática. Podemos citar o livro de Elisabeth Badinter - *Um amor conquistado: o mito do amor materno*, de 1985 - como de grande importância nesse debate, pois, neste livro, a filósofa põe em xeque o discurso dominante da época, a partir do seguinte

questionamento: será o amor materno um instinto próprio das mulheres ou depende e varia de acordo com a situação e os costumes de cada época?

Depois de um percurso histórico detalhado, a autora percebeu que a concepção sobre a maternidade muda de acordo com os preceitos filosóficos de cada época, logo chegou à conclusão de que o sentimento materno sofre muitas mutações de acordo com a cultura, ambições e frustrações da mãe, podendo aparecer ou desaparecer como qualquer outro sentimento. Conclui que o amor materno não é uma condição inerente à mulher, não é pré-determinado, mas algo que se adquire. Vejamos o que as mulheres nos dizem a respeito disso:

Eu sempre me senti acompanhada de um sentimento fantasma de não pertencimento. Sendo mais clara, por mais realizações que eu tivesse, faltava algo para permitir meu ingresso no clube das mulheres completas (...) E qual foi a história contada para nós, seres dos cromossomos XX? Nos últimos séculos e por necessidade econômica nos foi dito que ser mãe era a tarefa máxima, a realização maior, o amor supremo, incondicional e incomparável. Eu acreditei por muito tempo, por tanto que passei grande parte da minha vida adulta tentando me encaixar nesse padrão. De alguma forma, meu inconsciente me salvou (blog 2, 31/08/2021).

É possível observar que a hipótese da maternidade enquanto algo inato à mulher, puramente biológico, vem sendo cada vez mais contestado. Embora não seja superada, a ideia da maternidade como uma construção social vem ganhando espaço nos debates, sendo assim, as mulheres têm usado suas vozes para demonstrar que o amor materno é uma construção e que a maternidade não se apresenta como desejo para todas, fazem, assim, furo no discurso dominante.

Esses debates têm promovido verdadeiras mudanças acerca da maternidade, este tema apareceu de forma intensa nos resultados da nossa pesquisa. A maternidade segue sendo uma questão conflituosa para as mulheres. Nos depoimentos recolhidos, percebemos que se enfatiza a maternidade enquanto uma escolha, como um apelo, pelo direito de não ser mãe, ou, se escolher ser mãe, pelo direito de se arrepender, pelo direito de assumir outras posições na vida para além da mãe. Reivindica-se a legitimidade do sofrimento materno e mais, há uma tentativa de desconstruir a imagem da maternidade perfeita, como observamos no seguinte trecho:

Meu Deus, me deixem ser uma péssima mãe, por favor! Não, na pandemia não temos status para isso (...) vi o lado sombrio da maternidade (...) senti o ódio correr pelas minhas veias. Ele tinha perfume de esgotamento e notas de fracasso. O ódio materno é rancoroso e absurdamente esclarecedor. (blog 2, 16/09/2020).

O recorte acima demonstra que se vem discutindo os sentimentos negativos presentes na maternidade. Há uma tentativa de naturalizar esses sentimentos, no sentido de se falar publicamente sobre eles, cria-se, assim, um lugar em comum, em que se pode falar sobre o que é, ainda hoje, considerado um tabu: a rejeição, a raiva, a hostilidade, presentes na relação mãe-filho. Badinter (1985) atribui a isso à vinculação da maternidade ao amor incondicional, identificada à imagem da virgem Maria.

De acordo com a autora, para os defensores da maternidade enquanto algo inato e puramente biológico, os sentimentos hostis presentes na maternidade são vistos como anomalia, patológico, ou ainda como um crime, um pecado indesculpável. Desse ponto de vista, a mulher foi feita para ser mãe, e mais, uma boa mãe. O relato acima nos põe a refletir sobre o seguinte: por que quando uma mulher fala abertamente sobre as dificuldades encontradas na maternidade, sobre o ódio, a raiva, relacionadas ao filho, ou o arrependimento em ser mãe, causa desconforto e até indignação? Vejamos o trecho abaixo:

Resumidamente, se desejar, esta mulher pode optar pela maternidade, pode optar pela não maternidade, mas, em ambas, haverá as “regras sociais” sobre tais escolhas. Se quiser ser mãe, receberá a conduta que a tornará a grande mãe, a mãe boa, a que se sacrifica e renuncia aos seus desejos e vontades e advoga seu filho como prioridade de vida. Se não quiser ser mãe, será confrontada pela indignação e será lembrada do seu destino solitário e sem plenitude por não escolher este caminho (blog 1, 18/10/2021).

O texto do relato acima tem como título: *Arrependimento materno*. A autora esclarece que a escolha por ser ou não mãe é recheada de regras, e que o arrependimento materno é encontrado com frequência nas conversas entre mulheres, mas que isso não chega a público. Podemos supor que esses sentimentos causam recriminações por escancarar que o discurso do mestre não consegue dominar o sujeito presente na mãe. Os relatos acima mostram que as mães não são todas iguais, que a maternidade não é inerente à mulher e que não há, necessariamente, nada de patológico nisso. Quando uma mulher traz ao centro o sofrimento causado pela

maternidade, questiona-se o universal, nesse sentido, podemos pensar que a ideia do amor materno como uma contingência faz furo naquilo que supostamente é inato a todos e que o discurso do mestre endossa.

Badinter (1985) defende a importância de admitirmos que o universal e as necessidades devem ser deixados aos animais, e que o particular e as contingências são próprios aos seres humanos. Há uma confusão entre o determinismo social e imperativo biológico, uma vez que os valores sociais são por vezes tão imperiosos que causam impactos sobre os nossos desejos. Assim, quando a maternidade, por exemplo, deixa de ter um alto valor social, passa a não ser, necessariamente, um desejo inerente às mulheres.

Kehl (2008) argumenta que a mulher que não era mãe era praticamente invisível enquanto entidade civil no século XVIII e XIX: “se a mulher só produz filhos, só se produz como mãe - o que indica, no mínimo, um repertório muito estreito de opções, além de provocar um impasse no plano das identificações.” Kehl (2008, p.66). A autora critica Freud por perceber, mas não compreender que o destino da libido feminina ao estar enclausurado ao casamento e aos cuidados dos filhos teria muitas vezes como consequência o esgotamento da descarga pulsional, o que agravaria ainda mais os casos de histeria.

O que parece não ter ficado claro naquele momento, e que as próprias questões sociais que a época vitoriana impunha, é que há muitas saídas para a ausência feminina, saídas essas que podem ser construídas e inventadas longe da maternidade. Freud também percebeu ao longo de sua experiência clínica e estudos que, em muitos casos, o apaziguamento provindo da maternidade era temporário, algo da insatisfação e da incompletude retornava ao sujeito.

Soler (2006) critica as doutrinas analíticas sobre a mãe, pois muitas vezes transmitem as recriminações dos neuróticos, que permanecem registradas na memória como aquilo que Freud designou pelo termo de “neurose infantil”, e esquece da distância entre a mãe que é falada e a mãe que fala, a primeira tem a ver com as fantasias dos neuróticos, a segunda com um sujeito, às voltas com sua própria divisão do falasser. Além disso, os seguidores imediatos de Freud, especialmente Melanie Klein, tendiam a privilegiar o lugar da mãe na rede de relações complexas que constituem as experiências fundamentais e formadoras do sujeito, e reduzir o pai, deixando-o em segundo plano, como um elemento imaginário nas fantasias inconscientes das crianças (Zalcborg, 2003). Vejamos o que as mulheres nos dizem sobre isso:

Quantas mulheres não se tornam completamente obcecadas com a ideia de que devem dar conta de cada detalhe da vida do seu filho, seus sucessos e fracassos? Quantas

mulheres não carregam sozinha a responsabilidade de cuidado dos pais, sogros, irmãos, sobrinhos, enteados, primos, sob os olhares despreocupados dos homens da família que acham que não tem nenhuma obrigação com os seus?

Quantas vezes uma mulher diz não para as próprias necessidades, sonhos e desejos e diz sim para as necessidades, sonhos e desejos das outras pessoas, impelida pela obrigação internalizada de cuidar e servir? Quantas mulheres não chegam infelizes ao fim de suas vidas e olham no espelho e concluem que nunca conseguiram fazer nada por si mesmas? (blog 4, 15/04/2020).

Podemos tirar como consequência da fala acima que, embora tenha havido muitos ganhos sociais em relação à liberdade das mulheres, isso tem gerado uma sobrecarga em relação às funções assumidas por elas, pois o discurso do mestre, em sua condição patriarcal, continua a exigir que as mulheres cumpram sua função de mãe, ao passo que a exigência para que os homens cumpram uma função paterna não se apresenta de forma consolidada. Vejamos:

O que não impede de construirmos uma rede de apoio que envolve família, amigos e vizinhança e, sim, exigir a participação da outra parte, pois, se existe uma mãe que está fazendo “100%, 80%, 70% e se sente exausta é porque tem um outro lado que não está fazendo seus 50%”, parafraseando Ruth Manus.

Mas, voltando ao ponto de início, e falando de nós mulheres como um todo, suportar toda essa carga de fazer a maior parte do trabalho doméstico, bem como o cuidado com os filhos, é cansativo e frustrante. Nessa toada de funções, lutamos contra a exaustão e a sensação de impotência todos os dias. (blog 4, 15/04/2020).

O trecho acima denuncia que as mulheres têm reivindicado que os homens assumam sua função paterna, e que as tarefas sejam de fato divididas. Chamamos atenção para o cansaço e a impotência no que diz respeito à função materna, pois talvez a dificuldade salte no que se refere ao suportar. Suportar faltar para um filho, suportar o não-todo presente nessa função fadada ao fracasso.

Lacan (1956/1995) defende o pai e a mãe enquanto uma função, portanto, não se trata do sujeito homem e mulher em si, mas da função que se exerce e que é primordial na constituição de um sujeito. A função materna aqui é entendida como desejo. Lacan enfatiza o desejo da mãe endereçada à criança. Ele nos ensina que o desejo do sujeito é o desejo do outro.

“Podemos dizer a partir disso que a operação começa no Outro. Quer dizer, é a partir de uma moção desejante do Outro que o sujeito não só responde efetivamente, como também ganha existência subjetiva.” (Vieira & Barroso, 2015, p. 28). Assim, ser desejado ou não implica em existir ou não.

A função paterna é entendida aqui como Lacan (1959-1960/2008, p. 217) define o pai: “se encontra no ponto em que se tece um “nó estreito” do desejo com a Lei.” É justamente a função paterna, é o Outro da mãe, aquele que possui o que a criança não tem, que o funda como ser faltante, desejante e furado, logo, castrado, imprimindo a lei primordial a qual está submetido. Assim, é ao tentar se localizar no desejo da mãe que busca um lugar para se situar no Outro.

No texto retirado do blog 1, cujo título é: *Por muito tempo fui o HD de alguém*, a autora relata sua luta em deixar que o pai de seu filho assuma suas responsabilidades, a autora sofre por deixar que o pai aprenda, a partir de sua experiência própria, a exercer sua função. Esse se deixar faltar, apresentando-se como um desafio. Vejamos:

Eu estava acostumada a assumir esta função e, por diversas vezes, eu deixei escapar as respostas. Por outras, eu estava simplesmente cansada de ver meu filho sofrendo porque ele não soube levar uma muda de roupa ou um lanche adequado. Em outros momentos, a depressão tomou conta de mim e eu simplesmente não funcionava direito. Mas a luta não parou! (...) Um dia eu consegui. Simplesmente percebi que não era mais costume meu agir naquele padrão. As perguntas? Ainda aparecem, muitas e diversas vezes. As respostas? Não mais. E isso se estendeu por várias áreas na minha vida. Rompi ser a cuidadora de outras pessoas. Pedi para ser cuidada por aquelas às quais me dediquei e foi assim que filtrei os relacionamentos desequilibrados que me rodeavam. (Blog, 10/12/2021)

Podemos dizer que se colocar em uma posição de quem também precisa de cuidado é trazer ao centro os limites da função materna, é se colocar em uma posição de quem também é castrado e de quem também não tem as respostas para lidar com esse impossível. Compreendemos que para além das dificuldades presentificada em todos em relação a lidar com a castração, na maternidade, isso se apresenta de forma exacerbada, pois o discurso do mestre tenta eliminar o sujeito presente na mãe, de forma que há grandes recriminações feitas às mães

que se deixam faltar para seus filhos. É ao se deixar faltar para um filho, que esse pode se descolar metonimicamente para além da mãe.

As recriminações feitas às mães parecem ter se popularizado e, não à toa, a culpa materna e a maternidade aparecem como um peso enorme para as mulheres, o que logo são evidenciadas nos consultórios dos psicanalistas e também podemos encontrá-lo no seguinte trecho:

Ao longo dos anos fui absorvendo inconscientemente a ideia de que ser mãe é cuidar dos outros e esquecer de si – e eu não gostei nada disso. Parecia que, se eu gerasse outra vida, a minha perderia a importância quase imediatamente, que eu deixaria de ser eu e viraria uma mãe, como todas as outras, afinal, mãe é tudo igual, né? (Quem nunca ouviu/disse essa, que atire a primeira pedra.) (Blog 2, 11/01/2022).

Podemos inferir que as recriminações feitas às mães têm como consequência uma maior hesitação em relação à decisão de se tornar mãe, pois essa decisão parece implicar em uma perda em sua condição de sujeito. Se a cultura diz que as mães são todas iguais, os relatos expostos em nossa pesquisa mostram que a mulher presente na mãe torna cada mãe também única, cada uma enxerga as questões relativas à maternidade à sua maneira.

Soler (2006) aponta o reducionismo que a culpabilização materna carrega, pois, muitas coisas são transmitidas entre as gerações, mas não a causa dos sintomas. Este raciocínio de causa/efeito tornaria ininteligíveis os efeitos de uma análise sob transferência, mas isso não impede que o sujeito traga a marca do Outro primordial no mais íntimo de si.

Os analisandos dão provas das exigências feitas à mãe. Ao que parece, na relação mãe/filha, isso é ainda mais exacerbado. Um dos textos que recolhemos como material para esta pesquisa tem o título: “*O seu feminismo chega a sua mãe?*”. Nesse texto, a autora propõe reflexões sobre o que se espera de uma mãe e lembra que ela é uma mulher, dentro de um sistema, e, sendo assim, muitas vezes repete as opressões que sofreu com suas filhas, vejamos um trecho do texto:

Relacionamentos familiares podem, sim, ser abusivos, e a relação de mãe-filha é complicadíssima tanto em termos sociais quanto psicológicos, então não vou nem entrar nesse mérito (nem quero). Não quero aqui menosprezar o sofrimento de ninguém nem duvidar de erros cometidos. A intenção é: FAZER O EXERCÍCIO DE

DEVOLVER ÀS NOSSAS MÃES A HUMANIDADE QUE SE PERDEU DELAS NO MOMENTO EM QUE ENGRAVIDARAM DE NÓS. Nem que seja pra reconhecer seus erros: que sejam erros de humanas, e não de “mães” (porque isso dá uma carga extremamente negativa). A revolução começa, primeiro, dentro de nós mesmas. Mas se ela não alcança a forma como enxergamos nossas mães — os primeiros modelos de mulheres a que fomos expostas — ficaremos presas dentro de um ciclo vicioso de oferecer empatia a apenas algumas mulheres. (Blog 4, 05/05/2020).

A relação mãe e filha é realmente complexa, tanto em uma posição de filha, como em uma posição de mãe, as mulheres têm enfatizado o sujeito presente na mãe. Parece-nos que, ao tomar a voz, as mulheres têm buscado dar um lugar ao não-todo, no sentido de expor e debater publicamente aquilo que foge ao simbólico. Há uma busca do reconhecimento do não-todo como inerente ao ser humano. Vejamos:

Você tem uma visão de como foi sua criação, e talvez tenha muitas críticas a ela. Não seria incomum se tivesse; uma vez que somos podadas, de fato, desde a infância. O quanto de culpa você coloca sobre sua mãe? Você considera outros fatores — como a escola, o restante da família, a religião, etc — ou coloca a culpa de todos os seus traumas de infância na sua mãe?

Você vê sua mãe só como mãe ou você a enxerga também como um indivíduo? Um indivíduo que tem vontades próprias, sonhos próprios, traumas próprios, dificuldades próprias, gostos próprios, história própria? Ou você a enxerga como uma extensão de você, anterior a você, cuja identidade e subjetividade se resumem a isso — a ser sua mãe? (Blog 4, 05/05/2020).

É impossível, descobriu Freud, compreender uma mulher, a não ser analisando-se sua relação com a mãe. Para Lacan (1956/1995), a problemática feminina atinge também a mãe: o não ter, que está associada à descoberta traumática do gozo feminino. É, dessa forma, ao se reportar a mãe, que é também uma mulher, pelo viés da identificação, e fazer a pergunta que é própria da construção da feminilidade: “o que significa ser mulher?” que a menina faz reivindicações à mãe e que torna essa relação às vezes tão problemática (Zalberg, 2003).

As concepções psicanalíticas contribuíram bastante para tornar a mãe o personagem central da família. Badinter (1985) recorda a advertência de Freud sobre não aconselhar os pais

a respeito da educação dos filhos, uma vez que essa tarefa está fadada ao fracasso. Ela critica a ausência dos pais nesse contexto e a exacerbação da figura feminina como aquela que deve se preocupar inteiramente dos cuidados infantis. Badinter critica também Lacan por evocar e enfatizar o pai simbólico, mas esquecer-se da importância do pai de carne em osso. Segundo a autora, os psicanalistas saíram do plano das descrições clínicas para o plano do universal, atribuindo as características que as mulheres devem ter, ou como se comportar para que seus filhos sejam saudáveis, o que foi bastante difundido pela mídia e que podemos observar com intensidade nos dias atuais.

Atualmente vemos listas e manuais intermináveis de como uma mãe deve educar seu filho, os melhores alimentos para uma dieta saudável, a importância da estimulação precoce, os jogos educativos e muitos outros itens para que a criança seja saudável. De acordo com Iaconelli (2012), na atualidade, o saber criar um filho passa dos pais para o saber dos especialistas, em especial o saber médico.

De acordo com Clavreul (1983), a ordem médica se estabelece como negação da subjetividade, uma vez que exclui o desejo e o gozo do sujeito e evoca a moral como forma de dar continuidade e retroalimentar seu lugar de senhor no discurso, pois para todo senhor é necessário pelo menos um escravo. Ele aproxima o discurso médico atual do que foi proposto por Lacan como discurso do mestre.

Lacan (1969-1970/1992) aludiu ao discurso do mestre à produção de significantes que têm como cerne a verdade; a articulação entre esses significantes diz algo do sujeito, de sua ficção. É o sujeito que, inconscientemente, a partir de sua posição de escravo, concerne esse poder ao senhor, assim, o S2 do senhor mostra que o que está em jogo é uma nova tirania do saber, um saber que não se sabe.

De acordo com Quinet (2009), o discurso do mestre diz respeito ao laço civilizatório que exige a renúncia pulsional e rechaça o gozo, aparece, assim, como forma de supereu, promovendo o sentimento de culpa no sujeito através do olhar que vigia e da voz que critica. A articulação entre esses significantes em nível de S2 cria a base da fantasia de um saber-totalidade, logo, no discurso do mestre, há uma exclusão da castração, que insiste em aparecer, como no trecho resgatado abaixo:

O ódio à maternidade veio para mostrar que tudo aquilo que a gente almejou, estudou e corria atrás para colocar em prática vira pó em situações extremas. O ódio à maternidade veio para humilhar a boa mãe, com sua alimentação equilibrada e jogos

educativos. Veio para sambar na cara da parentalidade positiva e dos argumentos sensatos dos avós educadores. (blog 2, 16/09/2020).

Podemos refletir que, atualmente, há um movimento duplo em relação à maternidade, ao mesmo tempo em que há uma busca para a realização pessoal através de outros meios, a exigência de uma dedicação exaustiva voltada para os filhos segue. Uma das consequências desse movimento é recorrer aos especialistas, em busca de um saber total para melhor educar os filhos, ocorre, então, uma desautorização dos pais, posto isso, o que dava até então limite ao filho se perde, já que os próprios pais se veem como incapazes e agora recorrem a um outro, que faz função de barra, que não tem relação direta com a criança, mas que a encontra esporadicamente em consultas.

Podemos pensar também que o “*ódio à maternidade*” citado no depoimento acima tem articulação com o que Lacan chamou de discurso da histérica, uma vez que este discurso questiona o discurso do mestre, trazendo à tona seus furos, e é movido pelo desejo de saber. Ao mesmo tempo em que em uma posição histérica o sujeito está à procura a todo o momento de um mestre, pois esse detém a verdade, ela mesma reina sobre ele, ao constatar que ele não pode lhe dizer sobre sua falta.

Lacan (1969-1970/1992) propõe que o sujeito barrado e dividido, volta-se ao senhor (S1) em busca da verdade, a posição histérica diz respeito tanto à falta no próprio sujeito barrado, quanto ao atestado da falta no senhor, alimentando assim a insatisfação e, ao mesmo tempo o desejo, de forma que ao mesmo tempo que se denuncia a falta do Outro, o sujeito em uma posição histérica se oferece para tamponá-la.

Assim, de um lado, temos uma posição histérica que demanda ao outro respostas, e, do outro lado, o discurso do mestre, que lhe traz verdades, o que desemboca em um jogo de retroalimentação, pois as respostas nunca são o suficiente e o outro é compelido a buscar novas e mais respostas. Esse desejo não realizado plenamente suscita o próprio desejo histérico, mantém um enigma e informa a existência de um limite.

Podemos associar o depoimento acima de uma mãe expondo que, mesmo com os jogos educativos, alimentação equilibrada, parentalidade positiva, entre outros recursos, o ódio à maternidade insiste em aparecer, ela traz notícias justamente da existência do limite, daquilo que os especialistas, os diversos estudos, em uma posição de mestre não conseguem se livrar totalmente: a castração.

Inferimos que, ao inquirir aos especialistas sobre seu desejo, uma mãe toma-o como significante-mestre na posição do Outro do discurso. Esse papel é exercido na atualidade por médicos, pedagogos, psicólogos, entre tantos outros especialistas, o saber engendrado na operação tenta satisfazer o desejo das mães, e como bateria de significantes tem-se os novos recursos relacionados ao cuidar, educar e proteger. Nesse quadro, o questionamento ao senhor aparece como uma reivindicação constante por novidades que sejam capazes de resolver uma das tarefas ditas por Freud como impossíveis e fadadas ao fracasso: o educar.

Há, portanto, uma tentativa de eliminar o impossível, podemos observar isso em todos discursos propostos por Lacan. O único laço social que trata o outro efetivamente como sujeito é o discurso do analista, esse faz semblante de objeto causa de desejo a e convoca o sujeito a comparecer no lugar de dominante, histeriza seu discurso, nas palavras de Lacan (1969-1970/1992, p.32): “faz dele um sujeito a quem se solicita que abandone qualquer referência que não seja a das quatro paredes que o envolvem, e que produza significantes que constituam a associação livre, soberana, em suma, do campo.”

Os laços sociais se constituem como possibilidades diante da inexistência da relação sexual, como uma tentativa de uma vida pulsional harmônica, buscando a eliminação da castração, e, claro, fracassa, devido a nossa estrutura. A ética da psicanálise consiste justamente em consentir com a falta, ao invés de negá-la ou tentar eliminá-la, e é enfatizada sua importância (Quinet, 2009).

O discurso do analista vai de encontro aos demais discursos, toma-os pelo avesso, pois revela que nem tudo é possível, que há um limite e que o saber é não-tudo. Ao relacionar o discurso do analista com a temática da maternidade, podemos refletir que a experiência analítica convida o sujeito a aparecer, ou seja, convoca a mulher que há na mãe a se presentificar, expõe, então, a diferença radical entre a mãe e a mulher, o que foi encontrado com recorrência em nossa pesquisa:

Uma mãe deveria ser vista como uma mulher além daquela que deu à luz, amamenta e troca fraldas. Ela deveria ser vista como aquela que também tem sentimentos como qualquer outra pessoa. Que chora por amores perdidos, se regozija pela chuva que cai numa tarde quente demais, que goza de felicidade ao saborear um doce tão esperado no final de semana. (Blog 1, 26/06/2021).

Ter um bebê foi meu caminho mais escancarado de enxergar a invisibilidade feminina. Isso era um reflexo da minha não-existência, significava que o local estava me dizendo: “não queremos bebês aqui” (...) Quando me percebi como não vista, a pergunta que saltou na minha mente foi: “Por que vocês não me vêem?” Eu me angustiava em saber que eu era um pequeno ponto na linha de um tempo de invisibilidade que se perde de vista. Minha vó não foi vista, minha mãe também não foi vista, agora chegou minha vez. (Blog 1, 14/01/22).

As mulheres têm falado publicamente de sua condição de sujeito, segundo Miller (2014), aí está o escândalo, esse fato pode ser insuportável para muitos, inclusive, causa angústia às próprias mulheres. Se, por um lado, os laços sociais exigem o apagamento do sujeito, da mulher, exacerbando a invisibilidade feminina, os trechos acima mostram que as mulheres estão cada vez mais dispostas a não se calar diante dessa invisibilidade.

A criança divide ou preenche. Quanto mais a criança preenche a mãe, mais a angústia, pois a falta da falta causa angústia, a mãe angustiada é aquela que pouco deseja como mulher. O autor retorna a Freud, afirmando que o filho como equivalente ao pênis, através da metáfora do falo, só é bem sucedida se falhar. Isso é, esta equação só obtém êxito se não fixar o sujeito à identificação fálica, ao contrário, é necessário que seja preservado o desejo não-todo feminino e que “a metáfora infantil não recalcie, na mãe, seu ser mulher.” (Miller, 2014).

É pela falta que a mãe deixa sua marca no sujeito, e é importante que seja assim, pois é a falta que dá subsídios a criança para revoltar-se, renunciar ou aceitar, o que se chama de imperativos maternos, aqueles ditos que insistem em aparecer na análise e que causam tanta angústia aos neuróticos, e que permite, progressivamente, a separação da mãe e do filho. É, portanto, a metonímia do desejo articulada à falta que faz a mulher ser não-toda para seu filho (Miller, 2014).

Se é de fundamental importância ser não-toda para um filho, é também importante que a cultura possibilite isso. Apesar das críticas feitas às mulheres que trabalham como aquelas que são negligentes nos cuidados aos filhos, as devastações subjetivas seriam muito maiores se uma mulher se ocupasse exclusivamente de seu filho. Miller (2004) usa a expressão de Winnicott “mãe suficiente boa” para explicar que uma mãe é suficientemente boa se ela não for tão boa assim, deixar-se faltar para o seu filho, ou seja, é preciso que a criança não sature a falta na mulher, que o desejo possa deslocar-se para além do filho. Além disso, o autor afirma que um homem só se torna pai se aceitar que o desejo feminino é constituído por um não-todo.

Considerando as transformações históricas, sociais e culturais articuladas à teoria psicanalítica e aos depoimentos recolhidos dos blogs, podemos inferir que o discurso do mestre atual continua tentando fixar o lugar da mãe como a culpada pelas dificuldades que um filho possa vir a ter. Há também a tentativa de unir o lugar da mãe e da mulher como lugares equivalentes, excluindo o não-todo presente na mulher.

A maternidade se apresenta hoje como uma possibilidade na vida de uma mulher, podendo, em muitos casos, ser uma escolha ou uma renúncia, em todo caso, há uma perda envolvida. Não sabemos muito bem o porquê de uma escolha, apenas podemos dizer que essas escolhas são inconscientes, e que, ainda que não se possa dizer tudo, ainda há algo que o sujeito pode dizer, aí está a questão: só o sujeito pode dizer, no singular.

Nesse recorte, deparamo-nos com depoimentos de mulheres que buscam novas construções em relação à maternidade, em um movimento de não-romantização mas, acima de tudo, reivindica-se a posição de sujeito, de poder faltar para os filhos sem tantos julgamentos sociais. Apesar do discurso dominante continuar a equivaler mulher e mãe, como um mesmo lugar, os depoimentos mostram que as mulheres vêm manifestando sua condição de não-toda.

8. PODE UMA MULHER DESEJAR NÃO TER UM FILHO?

“Todo mundo conhece uma mulher que já abortou. Elas estão em todos os lugares, em todas as classes sociais, em todas as famílias, em todas as religiões, em todos os bairros, em todas as cidades e em todos os estados do país.” (blog 2, 09/03/2022).

Ao discutir a maternidade enquanto uma escolha, é quase impossível deixar a questão do aborto de lado. É interessante notar que este tema é recorrente nos blogs, mas aparece de forma velada. Em todas as páginas pesquisadas há uma militância a favor da descriminalização do aborto, comentários sobre notícias e leis que causam revolta e indignação, principalmente pelo Estado e os homens ainda controlarem os corpos das mulheres, entretanto, dificilmente é encontrado relatos de experiências, já que o aborto ainda é considerado crime no Brasil.

Na revista feminista, incluída no campo da pesquisa, o título da coluna imediatamente nos chamou atenção: *divãdazminas*. Trata-se de um espaço em que as leitoras podem mandar relatos pessoais através do e-mail da revista e suas histórias são publicadas de forma anônima. É digno de nota que neste espaço anônimo as mulheres encontraram um jeito de contar suas histórias. O aborto sai da cena social como notícia e passa para o relato pessoal, na primeira pessoa, no mais íntimo da história de cada uma, como um desabafo, ou até mesmo como uma forma de denúncia, no sentido de, sendo legalizado ou não, milhares de mulheres, de todas as idades, de diferentes lugares, recorrem a esse procedimento e isso não pode ser ignorado.

Pensando na questão do aborto como algo presente em diferentes culturas, o antropólogo francês Luc Boltanski (2012) estabeleceu um conjunto de características invariáveis presentes nessa prática. O autor conclui que não há sociedade humana que não conheça a possibilidade de interrupção voluntária da gravidez. Aponta como características presentes nas mais diferentes civilizações a ambiguidade do aborto, por um lado é alvo de condenação geral, por outro, sua prática é tolerável e mantida nas sombras. É inclusive por ser uma prática sigilosa e mantida como um tabu, que os estudos nessa área são de difícil realização.

Entretanto, através das lutas femininas pelos direitos reprodutivos, o aborto assume um lugar de destaque nos debates atuais. De acordo com Scavone (2008), a corrente majoritária do movimento feminista no Brasil, que é a dos direitos, situa-se na linhagem do feminismo internacional do início dos anos 1970, com uma posição favorável à liberação do aborto. No Brasil, o aborto é ilegal, exceto em três situações: caso de estupro, risco de morte para a mulher e anencefalia fetal.

Durante a nossa investigação, pudemos perceber que várias internautas escreviam para os administradores das páginas pedindo informações sobre como realizar o procedimento, pedindo indicações de clínicas, informações sobre os métodos considerados mais seguros, os riscos, enfim, as questões práticas do procedimento. Nesse sentido, uma das questões que se coloca é a classe social da mulher que pretende realizar um aborto, já que é um procedimento que custa caro. Conforme podemos observar abaixo:

“Escrevo esse texto com vontade de chorar, porque no fim do dia as mulheres brancas que podem gastar R\$ 5 mil para fazer o procedimento em uma clínica chique, com um médico que vai ser muito gentil e respeitoso, voltam para casa vivas, com uma prescrição de antibióticos e anti-inflamatórios, enquanto mulheres negras, pardas ou que não têm os meios necessários para fazer um aborto ilegal seguro morrem, ficam com sequelas permanentes, são maltratadas nos hospitais públicos quando alguma coisa dá errado, ou caem em golpes tentando comprar Misoprostol – um remédio que provoca aborto – no mercado paralelo e no fim não conseguem abortar.” (Blog 2, 09/03/2022).

“Conversar com outras na mesma situação era angustiante, vi mulheres, a maioria jovens, fazendo dívidas para comprar o medicamento, contando sobre golpes que haviam caído e algumas nem sabiam calcular com quantas semanas estavam, todas desesperadas e vulneráveis (...) Visitando os dois mundos, dos grupos que vendem cytotec e as clínicas, percebi que, no aborto, a criminalização é só uma barreira dinheiro é o que define o risco que você corre no aborto.” (revista 1, 30/09/2021).

Uma pesquisa brasileira realizada pelos institutos Patrícia Galvão e Locomotiva, em 2022, sobre o direito ao aborto em caso de estupro, mostrou que 77% dos participantes reconhecem que as principais vítimas da criminalização do aborto no Brasil são as mulheres pobres, que não podem pagar por um aborto realizado com acompanhamento médico. Tão importante quanto a legalização do aborto é que esse procedimento possa acontecer de forma gratuita, pois no Brasil as desigualdades sociais são gritantes.

Assim, um dos desafios da luta emancipatória das mulheres é garantir além das igualdades de gênero, igualdades no que concerne à raça, à classe, à geração etc, o que torna essa luta ainda mais complexa, pois não se trata de um segmento da sociedade e sim da

necessidade de revisão de toda estrutura cultural, que interliga estes vários segmentos. Segundo Gurgel (2010), há uma necessidade de mudança interna no próprio movimento, que leve em consideração essas particularidades em cada mulher, pois o neoliberalismo intensificou ainda mais os contrastes sociais.

A tentativa de igualdade entre homens e mulheres ao longo da história produz processos identitários diferentes para as mulheres negras, uma vez que a construção da identidade da mulher negra não acompanha a da branca, devido a situações complexas, como é o caso da escravidão (Davis, 1970/2016). Então, se há a exclusão dos direitos das mulheres brancas, isso toma proporções muito mais intensas quando olhamos para as mulheres negras.

Davis (1970/2016) aponta que o fato de mulheres negras e latinas serem as que mais realizam abortos está ligada às condições sociais miseráveis às quais estão submetidas. A autora reflete sobre esta prática presente na vida das mulheres negras desde quando viviam em situações de escravidão, passando por abusos cotidianos, logo muitas recorriam a essa prática como forma de proteger futuros filhos de um trabalho interminável.

Segundo a autora, nos anos 70, o controle reprodutivo passa a ser uma pauta importante do movimento feminista Norte Americano, pois não havia como as mulheres ascenderem no mercado de trabalho com tantos filhos para cuidar, além disso, defendia-se que a realização de abortos traria como consequência a diminuição da pobreza, como se abortar gerasse mais empregos ou aumentasse os salários das mulheres. A autora crítica o feminismo branco por falhar ao não conseguir compreender que, embora o direito ao aborto fosse uma pauta importante, encobria as condições sociais que impediam mulheres negras e latinas de terem condições de dar à luz e criar suas crianças, pois as mulheres que podiam abdicar da maternidade e se dedicar ao trabalho eram as mulheres burguesas da classe média. Nas palavras da autora:

Maternidade voluntária” continha uma visão nova e autenticamente progressista da condição da mulher. Ao mesmo tempo, entretanto, essa visão estava rigidamente associada ao estilo de vida de que gozavam as classes médias e a burguesia. As aspirações por trás da reivindicação da “maternidade voluntária” não refletiam as condições das mulheres da classe trabalhadora, engajadas em uma luta muito mais fundamental pela sobrevivência econômica. Uma vez que essa primeira reivindicação pelo controle de natalidade foi associada a objetivos que só poderiam ser atingidos por mulheres com riqueza material, um grande número de mulheres pobres e da classe

trabalhadora teve certa dificuldade em se identificar com o embrionário movimento pelo controle de natalidade. (p. 201).

Assim, enquanto o feminismo branco lutava pelo direito ao aborto, as negras denunciavam a importância de se falar sobre o planejamento familiar, ao invés da esterilização² imposta às mulheres negras e pobres. O movimento feminista, durante décadas, defendeu um feminismo universal, em que não se levava em consideração as diferenças entre as próprias mulheres, pois eram priorizadas as pautas de mulheres brancas e as questões raciais costumavam ser deixadas de lado. Essa incapacidade de reconhecer as diferenças e desigualdade dentro do próprio movimento, sem levar em consideração a condição específica de ser negra, e, em geral pobre, levou ao desenvolvimento de um feminismo negro que passa a confrontar o feminismo branco (Carneiro, 2005).

Ao refletirmos sobre aborto, é preciso entender que essa é uma questão multifacetada, que envolve as questões sociais, de classe, de etnia e de gênero; o que se estabelece enquanto lei; em paralelo à construção do desejo de ter um filho. Neste capítulo, buscamos refletir sobre a experiência do aborto através dos relatos coletados, articulando-os com a teoria psicanalítica, a fim de apreender algo sobre essa temática tão complexa, mas sempre tendo como direção a importância de não universalizar o que será discutido.

O questionamento que encabeça este capítulo – pode uma mulher desejar não ter um filho? – desdobra-se em dois desejos que podem, não necessariamente, estarem interligados: o desejo ou não de engravidar, de gestar, e o desejo ou não de ocupar uma função materna. O primeiro está mais interligado às relações com o corpo, trata-se de consentir com os processos corporais impostos pela gestação. O segundo tem relação com o que Iaconelli (2012) aponta como estabelecimento da função materna³, ao tomar como referência a obra Aulagnier (1979), a autora

² De acordo com Davis (1970/2016), nos anos 70 em meio as lutas das feministas brancas pelo aborto se tornar uma prática legalizadas, a sociedade Eugênica podia se orgulhar de que pelo menos 26 estados haviam aprovado leis de esterilização compulsória e de que milhares de pessoas “inaptas” já haviam sido cirurgicamente impedidas de se reproduzir, entre elas, mulheres em situação de extrema pobreza, negras, latinas, entre outras minorias sociais. O feminismo branco da época não abarcou essas mulheres em suas lutas.

³ Como já explicitado no tópico anterior, a função materna não diz respeito ao sujeito em si, mas a possibilidade de o sujeito encarnar uma função.

supõe três condições para o exercício da função materna: a libidinação do corpo do bebê, assunção do desejo e o reconhecimento no laço social.

No que se refere ao primeiro caso, sobre o desejo de gestar um bebê, em nossa leitura, podemos perceber que para algumas mulheres a experiência da gravidez vem acompanhada de conflitos corporais, como mostra o seguinte trecho:

A gravidez veio como uma sentença e, apesar de não querer seguir com a gestação, não pude fazer essa escolha (...) não conseguia me ver grávida, amamentando ou parindo, e, por isso, conversei com ele e decidi não seguir com a gestação (...) mas sei que o aborto é uma experiência que me marcará para sempre. E eu vou ter que aprender a conviver com os ônus e os bônus que essa decisão trouxe para minha vida.” (revista 1, 30/09/2021).

A partir do trecho acima, podemos perceber que algumas mulheres não conseguem se ver grávidas, amamentando, passando pela experiência de um parto, percebemos assim que o aborto toca nas questões corporais. Lembremos que para a psicanálise o sujeito se constitui a partir de seu corpo, um corpo distinto do corpo descrito e estudado pela medicina. Dessa forma, discutiremos primeiro a concepção de corpo para a psicanálise, o que levou Freud e Lacan a construir novas concepções sobre o sujeito, distinto da concepção cartesiana, este percurso é importante para compreendermos que as mudanças corporais causadas pela gravidez podem-se mostrar como insuportáveis para algumas mulheres, o que parece ter ocorrido no trecho exposto acima.

8.1 A constituição de um corpo e o gestar

Ao direcionar sua escuta ao sofrimento das histéricas, Freud (1896) descobriu um corpo que não correspondia ao corpo anatômico e fisiológico tratado pela medicina, mas um corpo que seguia outra lógica, relacionava-se com as pulsões e as fantasias, dizia assim, do inconsciente. Para entender o funcionamento deste outro corpo, Freud voltou-se para os primórdios da constituição psíquica, buscando a relação entre psique e sintomas corporais. Para isso, desenvolveu o conceito de pulsão, “um conceito fronteiro entre o anímico e somático, como representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo que alcançam a alma, como uma medida de exigência de trabalho imposta ao anímico em decorrência de sua relação com o corporal.”, Freud (1915, p. 25) A meta de uma pulsão é a satisfação, que é alcançada de forma parcial, seu objeto de satisfação é sempre contingencial.

O corpo, para Freud, é, então, um corpo pulsional, atravessado pela satisfação parcial, não sendo possível o domínio total das pulsões. Freud propõe uma descentralização da concepção de sujeito, na época reinava a concepção cartesiana, do sujeito da ciência, como aquele marcado pela noção de unidade e racionalidade. Com a formulação das pulsões e do inconsciente, Freud inaugura a concepção do sujeito do desejo, um sujeito dividido, que existe também ali onde nem ele pode dizer dele (Fortes, 2012).

Freud (1915) afirma que, ao termino de um circuito pulsional, é possível identificar o surgimento de um novo sujeito. Há, portanto, o sujeito como efeito da pulsão, diferentemente do Eu, outra construção freudiana. Em *Introdução ao narcisismo* (1914), Freud destaca o ideal do Eu, como forma de substituto ao narcisismo perdido na infância. A formação do ideal do Eu tem como influência a críticas dos pais, dos educadores, instrutores e demais pessoas próximas ao sujeito. Essa formação aumenta as exigências ao Eu, logo, acentua o recalque, já que aquilo que não corresponde ao que foi estabelecido como ideal é recalcado. Freud compreendeu que há um conflito entre as exigências das pulsões sexuais e as do Eu.

Diante de um corpo pulsional, desconexo, o Eu funciona como uma organização que tem por finalidade a unificação do sujeito, assim, atua de forma defensiva, impedindo que as pulsões se realizem em sua totalidade, pois isso acarretaria na destruição do sujeito. O sujeito freudiano é, portanto, um sujeito dividido, por um lado há um sujeito efeito da pulsão e, por outro lado, o Eu, que tenta domá-las para que haja a conservação do sujeito e da espécie, como sabemos, a domaço das pulsões ocorre parcialmente, temos como resultado um sujeito em conflito e desarmonia com a cultura.

A concepção de um inconsciente movido por pulsões altera de maneira radical a noção de um eu como lugar da verdade, movido pela razão, que predominava até o surgimento da teoria freudiana, arraigada pelo pensamento cartesiano. O cogito freudiano, pelo contrário, revela um eu como lugar de ocultamento, contrastando o eu e o sujeito, como lugares que não se recobrem (Garcia-Roza, 2001). Entretanto, Barroso (2012) lembra que Freud não construiu o conceito de sujeito de maneira formal e que esse conceito ganhou uma dimensão central graças a Lacan, a partir de sua releitura da obra freudiana.

No seminário 5 (1957-1958/1999), Lacan questiona como se dá a formação do sujeito, qual seria o papel do símbolo nessa formação e em qual momento o indivíduo sai do campo da necessidade pura para adentrar no campo do desejo. Ele argumenta que a simbolização existe no bebê de forma ultra precoce, antes mesmo que a aprendizagem da linguagem seja elaborada no plano motor, auditivo e da compreensão. Desde a primeira relação da criança com o objeto primordial, do qual depende sua

existência no mundo, “esse objeto, com efeito, já está introduzido como tal no processo de simbolização, e desempenha um papel que introduz no mundo a existência do significante.” Lacan (1957-1958/1999, p. 231).

Não existe, pois, um estado de necessidade pura, desde sua origem a necessidade está articulada ao desejo, isso é, tem uma relação com o significante. Essa relação se estabelece a partir das primeiras trocas do bebê com seu primeiro cuidador, ao qual Lacan alude à figura materna. A fome, por exemplo, a necessidade de comer não é uma necessidade puramente instintual, mas manifesta-se sob a forma de uma cadeia de significantes.

A partir do momento em que a criança começa simplesmente a poder opor dois fonemas, eles já são dois vocábulos. E, posto que existem dois, aquele que os pronuncia e aquele a quem eles são dirigidos, isto é, o objeto, a mãe, já existem aí quatro elementos, o que é suficiente para conter em si virtualmente toda a combinatória da qual irá surgir a organização do significante. (Lacan, 1957-1958/1999 p. 231).

A criança não tem apenas relação com um objeto que a satisfaz ou não satisfaz, mas graças a simbolização precoce, já existe um referenciamento triangular da criança que diz sobre o desejo do sujeito materno. A criança começa a tomar posição na medida em que tenta unir-se ao objeto de desejo da mãe, atender ao seu desejo. Lacan deixa claro que essa dialética não diz respeito a um círculo fechado entre a criança e a mãe, mas que a criança tem interesse por outras coisas, não qualquer coisa.

Assim, o sujeito vai se constituindo a partir de sua posição adotada em relação ao outro; Lacan usa do estágio do espelho para explicar sobre a constituição do sujeito. Define esse estágio como uma matriz simbólica em que o Eu precipita uma identificação a uma imagem cristalizada, essa imagem é mais constituinte do que constituída, é construída a partir do que a criança captura como desejo do outro, equivale a um objeto fixo e reificado, como um reflexo fantasmático para o sujeito. De forma que há a constituição do Eu, mas, ao mesmo tempo, é o outro, aquilo que se presentifica na imagem que vejo e me identifico a ela é narrado pelo outro.

Finker (2008) diz que estas imagens são internalizadas pelas crianças porque seus pais atribuem muita importância a elas, afirmando-lhes que as imagens no espelho são elas, graças à ordem simbólica acontece essa internalização e essas imagens têm grande valor para a criança, pois há um investimento libidinal que a criança direciona ao que é valioso para os pais.

O sujeito constrói assim uma ficção que serve de âncora para situar seu lugar no mundo, de quem ele é, já que não há significante que realmente o represente. O registro imaginário vem em

resposta a essa ausência, dar uma forma ao corpo, ao eu do sujeito, revelando a importância da imagem corporal como fonte de investimentos libidinais.

De acordo com Coppus (2008), durante o estágio do espelho, o corpo vela mais do que desvela. A imagem é importante, pois serve de anteparo ao real, fornecendo efetivamente uma forma ao sujeito, há, pois, nesse estágio uma tentativa de amarração do corpo através do eu⁴. O corpo imaginário é o corpo da totalidade imaginária, da unidade, logo fantasioso, pois o estágio do espelho demonstra um distanciamento entre o organismo biológico e a imagem própria do corpo, há aí uma abertura, um caminho a ser construído.

É a articulação entre real, imaginário e simbólico que possibilita essa construção ficcional, ainda que não se possa livrar-se totalmente do real, pois nem todo investimento libidinal passa pelo imaginário, há um resto que escapa à imagem, que está relacionado ao objeto a, definido como o que não pode ser atribuído qualquer sentido, não implica uma significância ou referência, o que sabemos sobre ele é que diz de um a menos, uma falta (Coppus, 2008).

O corpo para psicanálise é então marcado pela constituição e pelos conflitos do Eu, articulando a nossa pesquisa, podemos pensar que, durante uma gestação, lidar com tantas mudanças corporais, além das sociais, exige um trabalho psíquico árduo, pois envolve as novas imagens que esse corpo impõe associadas às fantasias e aos restos impossíveis de serem simbolizados, próprios de nossa constituição. Lacan (1957-1958/1999) nos adverte que embora o estágio do espelho aconteça de forma precoce na criança, é um erro supor que ele se evapora depois disso. Ou seja, as reações de decepção, de mal-estar, de vertigem que o sujeito experimenta em seu corpo em relação ao ideal que construiu dele tem relação com seus traços organizacionais mais primitivos. Vejamos o trecho abaixo:

Nesse momento, além da sensação de que o chão abriu e eu caí em um buraco, comecei a me engasgar e querer chorar, chorar como uma criança. Acho que fui criança só até meus 9 anos de idade. Mas ali, depois de escutar aquelas palavras do médico, com certeza me senti criança. E se eu era criança, como estava grávida? (...) Aprendi desde cedo que meu corpo não seria só meu. (revista 1, 17/11/2021).

O trecho acima demonstra que há um desencontro entre a imagem do corpo para o sujeito e o corpo da medicina. A autora do texto recolhido acima relata que engravidou aos 14 anos, embora essa seja uma idade que, biologicamente falando, torna o sujeito apto a passar por uma gestação, a imagem

⁴ O corpo que a psicanálise trata é o corpo pulsional, logo, desconexo, a imagem cria a ilusão de totalidade, o que faz com que o sujeito se apegue a essa imagem, afim de um apaziguamento.

que a autora tem de si próprio é de uma criança, logo, essa imagem cristalizada torna essa experiência de difícil simbolização para ela. Também podemos observar isso neste outro relato: *“Fui correndo buscar o teste que já havia jogado no lixo e confirmei: estava grávida. Foi horrível, fiquei me sentindo novamente com 15 anos.”* (revista 1, 30/09/2021).

Outro ponto que nos chama atenção é quando a autora diz que o corpo dela não é só dela. Isso dialoga com a teoria psicanalítica, pois atesta os efeitos do discurso do outro sobre o sujeito, os ideais construídos, podemos inferir que passar por uma gestação nessas condições é ir a desencontro ao que o outro espera desse sujeito, podendo, assim, causar muito sofrimento.

Ao afirmarmos que o período gestacional é um período de muitas transformações corporais, e que a constituição do psiquismo é indissociável da questão corporal, temos como intuito mostrar que, assim como outras experiências, a gravidez pode se apresentar como um momento de grande conflito, pois durante a gestação, diante de tantas mudanças, é afetada a imagem cristalizada formada desde muito cedo pelo sujeito, exigindo a produção de respostas conscientes e inconscientes.

De modo que a perinatalidade impõe ao psiquismo um trabalho árduo, pois havia ali imagens fixas e rígidas sobre aquele corpo, o que ele representava, o que significava. Durante o período de gestação tudo isso tem que ser reelaborado, de forma recorrente, pois são muitas transformações. Essas transformações colocam o sujeito em face com o real do corpo, com a angústia perante aquilo que não pode ser simbolizável. Assim, esta experiência pode se apresentar de forma radical e intensa para as mulheres, causando-lhe grande sofrimento psíquico.

8.2 A mulher e a função materna

O segundo desdobramento para a pergunta – pode uma mulher desejar não ter um filho? –, coloca-se em face aos casos em que não há uma identificação da mulher com a mãe, ou seja, não há uma identificação com a função materna. Vejamos o trecho abaixo:

Depois de ser mãe duas vezes – e saber exatamente as diferenças entre uma gravidez planejada e outra não -, decidi não ter mais filhos (...) afinal, eu sei o que é ser mãe fora da romantização e idealização da sociedade, sei o quanto é difícil e o quanto precisamos estar disponíveis para criar uma criança (...) As pessoas costumam achar que a decisão de abortar é só sobre a preocupação com o bem-estar da criança que poderia nascer, mas, no meu caso, a decisão era sobre mim, era um direito meu não querer ser mãe (revista 1, 30/09/2021).

Percebemos que a autora do trecho acima está se referindo ao desejo de não exercer a função materna, tendo em vista que está é uma função árdua. Iaconelli (2012) aponta que o estabelecimento da função materna⁵ tem como condição a libidinação do corpo do bebê, reconhecimento no laço social e a assunção do desejo. Supõe que qualquer uma dessas condições pode funcionar como disparador da maternidade, desde que sejam minimamente garantidas.

A libidinação do corpo do bebê diz respeito ao investimento libidinal feito ao corpo do bebê, é preciso que uma mãe possa imaginar o corpo de um bebê, não de qualquer bebê, mas o que ela investe suas fantasias mais primitivas, é necessário, pois a construção de uma certa expectativa em relação a esse bebê, pois é o olhar materno que pode antecipá-lo como um sujeito, aferindo-lhe condições de vir a ser. Essas expectativas estão relacionadas à fundação do narcisismo dos pais, expectativas construídas relação a si próprios, ideais, imagens construídas desde muito cedo. É como se o bebê fizesse parte do corpo da mãe, pertencesse a ela, mesmo que depois seja necessário um trabalho de elaboração para a separação entre mãe e bebê, esse percurso é necessário, pois confere ao bebê o status de objeto de valor libidinal, sendo possível investir nele (Iaconelli, 2012).

Assim, a ilusão de um bebê como extensão de si permite que possa haver um investimento libidinal nele, essa ilusão vela o orgânico e pressupõe que ali onde existem apenas células já existe um sujeito. Há, dessa forma, um retorno narcísico para próprio sujeito que investe, conforme nos recorda Freud (1914/2010, p.26): “O amor dos pais, comovente e no fundo tão infantil, não é outra coisa senão o narcisismo dos pais renascido, que na sua transformação em amor objetual revela inconfundivelmente a sua natureza de outrora.”

Iaconelli (2012) indica que a capacidade materna de investir em um filho está ligada a um processo de identificação com os próprios pais em uma série de deslocamentos. O complexo de Édipo resultaria no desejo por um filho, afim de reparar a falha em ser o objeto de desejo da mãe. Assim, o desejo da mãe por um bebê está articulado à falta, instigando-lhe diversas interpretações, tanto no sentido de que aquele objeto viria a lhe completar, como em um sentido contrário, viria a atestar seu fracasso.

Desse modo, o desejo inconsciente por um filho caminha pelo viés narcísico e edípico, entretanto, é importante ressaltar que esses processos não são capazes de garantir o deslocamento do investimento libidinal materno para o feto, pois como já citado acima, ainda

⁵ Como já explicitado no tópico anterior, a função materna não diz respeito ao sujeito em si, mas a possibilidade de o sujeito encarnar uma função.

que esses processos sejam fundamentais para a constituição da função materna, a escolha do objeto é sempre contingencial.

Sobre a assunção do desejo, Machado (2023) considera que ao abortar uma mulher demonstra que um filho não é solução para todas as mulheres. Conforme Lacan nos ensinou, a mulher não existe, isto é, não há representação inconsciente para o ser mulher, entretanto, como mãe, ela se faz presente, “a mulher só existe como mãe” (Lacan, 1972-73/1985, p.133), e como mãe ela é colocada no lado fálico da sexuação. Assim, em uma cultura que não leva em consideração o que escapa a lógica fálica, a mulher só pode ser incluída nas normas, a partir da mãe, é o que acontece por exemplo nas políticas públicas.

Essas políticas não levam em consideração o desejo da mulher, porque dele nada sabem, por isso a resposta é deduzirem que toda mulher quer um filho, “fazer do aborto um crime é fazer com que toda mulher seja A mãe, é encerrar toda mulher no regime fálico, excluindo o lado não-todo fálico no qual ela também pode se situar”. (Machado, 2023, s/p). A criminalização do aborto, então, aprisiona o desejo da mulher. Isso vai em desencontro com o discurso analítico, que busca sustentar o lugar do desejo no discurso do analisante.

Há, também, a questão do discurso social, “o bebê deverá ser reconhecido como fazendo parte de uma cadeia significativa, na qual seja reconhecido seu lugar de pertencimento no grupo social.”, Iaconelli (2012, p. 92). Ou seja, o discurso social tem como função dar um lugar de reconhecimento na cultura para aquele sujeito, possibilitando identificar-se com seu corpo, um corpo marcado pelo significativo no registro simbólico, servindo-lhe de suporte para a construção do Eu. A mãe é porta-voz de um discurso perante o bebê, de algo que a incluem e a ultrapassa (Iaconelli, 2012). A autora diz que:

Os discursos sociais devem ser pensados tanto no âmbito das instituições sociais quanto no da especificidade da família, na qual eles já sofreram transcrições, acréscimos e distensões. Do núcleo familiar também teremos novas transcrições e assim, sucessivamente, para o casal, chegando à mulher e suas questões narcísicas, edípicas e identificações, a partir das quais ela estabelece a primeira relação com o bebê.” (p. 101).

Lembremos que, de acordo com Lacan (1958/1998), há algo transmitido no discurso que não carece de palavras, mas que o sujeito interpela conforme o que pressupõe sobre o desejo do outro, como o desejo do sujeito é sempre o desejo do outro, os discursos podem ter um efeito

devastador para um sujeito, tendo em vista a impossibilidade de alcançar este desejo. Em um dos depoimentos recolhidos em nossa pesquisa, uma mulher relata que engravidou de forma indesejada aos 14 anos e que nunca esqueceu a forma como sua mãe reagiu à notícia: *“Ela ficou decepcionada, chocada e com muita, muita raiva. Já se passaram 12 anos daquele dia e, mesmo assim, eu ainda me lembro perfeitamente da expressão no rosto da minha mãe.”* (revista 1, 17/11/2021).

Também podemos usar como exemplo o estudo de caso apresentado por Iaconelli em 2014, de uma mulher casada que engravida e se mostrava desejosa pelo filho, mas decide abortar, pois ao anunciar a gravidez à sua mãe, essa reage de forma escandalosa.

Essas ilustrações mostram que a maternidade pode se apresentar de forma insustentável diante do discurso do outro, podemos citar inúmeros casos em que o desejo pela maternidade emerge ou desaparece a partir do que o sujeito toma enquanto agente da verdade no discurso. Isso nos faz refletir sobre a importância do discurso do analista diante da obscuridade do desejo do sujeito.

É ao se vestir de causa de desejo, que o analista dá condições para que apareça o desejo próprio do sujeito, em que até então há apenas o outro. Isso não quer dizer que ao iniciar um tratamento psicanalítico um sujeito agora está convicto de que quer ser mãe, ou que não quer, mas esse trabalho de formulação do desejo auxilia o sujeito a conferir um lugar para a maternidade em sua vida, um lugar próprio. Deixamos claro ainda que não cabe ao psicanalista inferir sobre essas decisões, mas garantir um lugar onde o desejo é de fato acolhido.

É preciso enfatizar que ao abordar uma experiência tão complexa como a gravidez, com a decisão de seguir em frente ou não, não temos como intuito estabelecer uma relação de causa e de efeito, mas sim propor uma reflexão sobre as condições expostas acima (libidinação do corpo do bebê, reconhecimento no discurso social e assunção do desejo) enquanto impulsionadoras para que uma mulher possa identificar-se com uma mãe e possa assim exercer a função materna.

Há ainda as nuances que envolvem o desejo de ter um filho, mas não conseguir exercer a função materna, ou há pessoas que não querem passar pelo processo de gestar, mas desejam um filho, entre outros, há várias configurações. Deixamos claro, portanto, que é o aborto é uma das possibilidades, mas que há outras alternativas e nuances que envolvem o desejo de não ter um filho.

8.3 O tabu do aborto

Além das diferenças socioeconômicas e do perfil entre as mulheres que abortam, e das condições que podem levar uma mulher a exercer a função materna, podemos observar, através

dos depoimentos, que o julgamento social sobre a prática do aborto aparece de forma unanime em nossa coleta. Vejamos:

Acredito sim que o corpo é meu e a decisão cabe a mim, mas a culpa por não continuar com a gravidez, ser chamada de covarde por ter escolhido o suposto “caminha mais fácil”, é completamente injusto e maldoso (...). É muito estranho esse sentimento de culpa por não ter culpa e todo o processo psicológico que passei me fez perceber o quanto a sociedade nos faz sentir erradas, mesmo quando você tem o sentimento de que tomou a decisão correta (...) o mais difícil de todo o processo com certeza é todo o julgamento, ilegalidade e sermão que eu precisei ouvir da pequena (não mais que cinco pessoas) rede de apoio que eu escolhi. (revista 1, 02/06/2021).

A partir da pesquisa realizada por Rostagnol (2005) sobre a decisão das mulheres de abortar, a autora conclui que a mulher que decide abortar está subvertendo a ordem social que lhe é imposta, pois o desejo pela maternidade é algo que se espera das mulheres socialmente. Ao considerar a realização de um aborto, ela dá provas que a maternidade não é própria da natureza feminina, subverte assim uma ordem, a que defende o corpo das mulheres como submisso aos poderes patriarcais.

A antropóloga defende que quando uma mulher decide abortar, ela decide que naquele momento não quer ser mãe e isso vai contra a lógica androcêntrica, o que faz, na maioria das vezes, com que essa experiência seja marcada pela solidão. A ausência de políticas públicas aliadas às tradições culturais reafirma a situação de vulnerabilidade em que as mulheres se encontram. Elas não falam sobre isso por vários motivos: culpa, censura social, medo. Esse silêncio faz com que elas não compartilhem suas experiências ou participem de construções coletivas sobre essa experiência, mas, ao contrário, as mantêm isoladas e reforça a subordinação feminina.

Assim, encontramos nas escritas das mulheres a importância sobre falar sobre o aborto, não só como uma forma de desabafo, mas também como uma forma de acolher a quem já passou por essa situação:

Para quem está passando pela mesma situação que vivi aos 14 anos, primeiro quero dizer que, todos os dias, mulheres passam por isso, se veem sozinhas e se sentem desamparadas, e que isso é um resquício da sociedade patriarcal e machista em que

vivemos. Esse texto é pra trazer um pouco de acolhimento e abraço, essa situação passa assim como vários momentos ruins passam (revista 1, 17/11/2021).

Destacamos a importância da fala para que seja possível a elaboração diante de uma experiência tão complexa, ainda mais quando essa experiência é considerada um tabu. Quando alguém interrompe uma gravidez, não sabemos o que ela interrompe, enquanto praticantes da psicanálise não nos cabe o julgamento, é preciso garantir que, ao ser escutada, sua escolha será acolhida, seja qual for. Freud nos deixou como legado o aprendizado sobre a fala, seu poder de destruição e construção, seguimos nos fazendo de abertura para novas construções. Finalizamos este capítulo com o trecho abaixo:

Por fim, um lembrete a todas as mulheres: Somos corajosas, mesmo quando você escolhe ser mãe, mãe solo ou decide realizar um aborto. Ambas as decisões requerem coragem e é repleta de complexidades. Não somos imorais, não somos pessoas más e sejamos menos duras conosco, pois o mundo já não é agradável com nós mulheres. Não carreguemos culpa de nossas decisões, afinal o homem já se encarrega de culpar as mulheres pelas coisas ruins acontecidas, desde quando iniciamos como sociedade. Focamos nas nossas vidas mais livres e se amem sempre, acima de qualquer coisa (revista 1, 02/06/2021).

9. O AMOR NOS TEMPOS DE INDEPENDÊNCIA E AUTONOMIA

“Pensei que o destaque poderia me ajudar a ter finalmente um namorado, mas mesmo ali desempenhando funções importantes eu continuava invisível, a prova de balas contra qualquer tipo de envolvimento amoroso.” (blog 3, 28/04/2020)

O trecho acima se refere ao texto recolhido em nossa pesquisa com o seguinte título: *“Solidão da mulher negra ao meu olhar”*. Nesse texto, a autora relata como mesmo ocupando uma posição de destaque no trabalho a sociedade tentava encaixá-la, em suas palavras, no *“rótulo de mulher preta fogosa”* (blog 3, 28/04/2020). A autora relata que esse rótulo a fez se sentir indigna de ser amada e gerou impossibilidades de se relacionar amorosamente com alguém. Neste capítulo, iremos explorar como os sistemas de dominação se materializam no campo da afetividade e das escolhas amorosas, como os discursos feministas tonaram possíveis a pluralização nas formas de se relacionar e como este giro discursivo impõe também uma nova concepção acerca da masculinidade, uma vez que os trechos recolhidos em nossa pesquisa demonstram que determinados comportamentos masculinos se apresentam como inaceitáveis para as mulheres na atualidade.

A temática do amor e dos relacionamentos amorosos sempre despertaram interesse à humanidade, sendo alvo de inúmeros debates. De acordo com Neves (2007) as concepções sobre o amor são de grande importância para a organização das culturas e sociedades, pois de forma indireta dita o que é apropriado e desejável nas relações entre os indivíduos. Ao ser considerado produto da cultura, o amor não pode ser pensado de forma universal, mas é entendido a partir das formas de avaliar o que é ou não uma manifestação de amor, variando tanto do ponto de vista de quem o expressa, como de quem o interpreta, e principalmente, a partir das ideologias e especificidades culturais.

Podemos inferir que, através dos discursos apreendidos nos blogs, algo é transmitido através de seus textos, bem como os textos no dizem algo da subjetividade atual. Nesse sentido, encontramos que atualmente há uma pluralidade de concepções construídas sobre os relacionamentos amorosos. Essa temática foi encontrada de forma recorrente em nossa pesquisa - o que não é de se estranhar, tendo em vista que por muito tempo o amor foi visto como um sentimento e preocupação de ordem feminina (Neves, 2007) -. Nesta temática, encontramos muitas divergências discursivas a partir de diferentes perspectivas dos feminismos. As ideias,

as concepções, o que se defende sobre os relacionamentos amorosos mudam bastante se analisarmos as páginas voltadas para o feminismo negro, lésbico e o radical.

Podemos citar como exemplo os tipos de relacionamentos defendidos por cada grupo, vejamos primeiramente o feminismo radical. Nesta página, encontramos vários textos que abordam a temática do amor romântico e casamento como elementos que endossam a subordinação feminina e garantem a continuidade do patriarcado. Textos cujos títulos são: “*o casamento deve ser abolido*” e “*como o amor está matando as mulheres*” propõem uma reflexão sobre a forma que as mulheres se relacionam, a relação disso com o patriarcado e defendem como o fim dos relacionamentos tradicionais pode ser uma forma de libertação para as mulheres. Estes são alguns trechos extraídos dos textos citados: “*O casamento é uma instituição antiquada construída sobre a desigualdade patriarcal que não tem lugar na sociedade moderna (...) A instituição deu forma ao pano de fundo da opressão das mulheres por séculos, e continua a fazer isso.*” (blog 4, 04/06/2020) e “*O amor romântico tal como o conhecemos, tem sido um instrumento massivo de dominação, aprisionamento e poda de mulheres (...) “O amor tem sido o ópio das mulheres, o maior ludibriamento; utilizado tal estratégia direcionada à domesticação e dominação.*” (blog 4, 02/06/2020).

Os trechos acima nos mostram que na perspectiva do feminismo radical o amor romântico e o casamento são vistos como forma de controle e aprisionamento das mulheres. Essa perspectiva conversa com a obra do sociólogo Anthony Giddens, em *A transformação da identidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas* (1993), o autor argumenta que os ideais do amor romântico afetaram duplamente as condições femininas: reforçavam que o seu lugar era o do lar e destacavam o machismo como ativo e radical na sociedade moderna. Entretanto, na medida em que a emancipação sexual e a ascensão da autonomia feminina ganham lugar de destaque na sociedade, os ideais de amor romântico passam a se fragmentar.

De acordo com Neves (2007), o feminismo critica o amor romântico, pois sua ideologia leva as mulheres a acreditarem que só serão plenamente felizes e realizadas caso se entreguem inteiramente a um parceiro, o que resulta, em muitas vezes, em histórias de violência, de discriminação e de desigualdade.

Desse modo, especialmente nos anos 70, o feminismo branco encabeçou pautas que enfatizavam o assujeitamento feminino a esse ideal de amor e ao casamento, expuseram os atos de dominação masculina presentes nos relacionamentos amorosos, mostrando sua incompatibilidade com os ideais feministas. Há ainda a defesa de que qualquer relacionamento

heterossexual é inevitavelmente opressivo por refletir uma estrutura patriarcal. Fraser (2002) como citado em Neves (2007):

Para as feministas radicais, o romance heterossexual não seria mais do que a extensão do patriarcado e do capitalismo, concebido para obrigar as mulheres a aceitarem uma sexualidade repressiva. Com o intuito de rejeitar o amor heterossexual, o feminismo radical alegou que ele teria propriedades colonizadoras e de exploração, considerando que o mais adequado seria que as mulheres fossem encorajadas a renunciar a tudo o que fossem possíveis manifestações do patriarcado: o casamento, a maternidade e o sexo com penetração. (p. 10).

A chamada “revolução sexual” teria como consequência uma maior equidade nas relações entre homens e mulheres, abrindo caminho para múltiplos arranjos conjugais e uma desarticulação entre casamento e experiência amorosa e sexual. Estes elementos articulados à institucionalização do divórcio e ao surgimento de um “movimento homossexual” contribuíram para o questionamento da norma do casamento enquanto indissolúvel e heterossexual. De forma que presenciamos hoje a era da pluralidade, ao invés da superação do casamento, o que se observou no final do século XX foi uma pluralização nas formas de se relacionar (Facchini, 2003).

Esta pluralidade está presente nos blogs consultados. Se, por um lado, a página em que as escritoras se intitulam como feministas radicais criticam o casamento, apontando um conjunto de fatores negativos para as mulheres nesse modelo, por outro lado, os textos escritos por mulheres negras apresentam pontos divergentes sobre essa temática. Vejamos:

Até que ponto as relações não monogâmicas se tornam uma desculpa para não assumir uma relação com uma mulher negra? (...) O imaginário social que se tem da negritude não só no Brasil, mas no mundo, pois assim o racismo se estrutura da forma macro para as microrregiões é de que as mulheres negras têm lugares reservados dentro da sociedade, e dentre esses lugares o matrimônio não está incluso (...) assim como muitas mulheres negras me pergunto onde se encaixa em minha vida a palavra amor. Nas conversas sobre monogamia ou não monogamia historicamente me vem o sentimento de que a não monogamia é um privilégio de quem pode escolher, que enquanto mulher negra com uma história de preterimento o que a gente quer é apelido

carinhoso, é andar de mãos dadas por aí, é sentir que a cor da pele não é um motivo de vergonha ou motivo para que relações se tornem segredos. “Beije sua preta em praça pública” é muito mais que a capa de um jornal. (blog 3, 28/09/2021).

Enquanto o feminismo radical critica o casamento formal, as mulheres negras falam do sentimento de preterimento, de relações à margem da formalização do casamento, denunciando, assim, que as escolhas amorosas e as formas de se relacionar tem relação com as estruturas sociais: cor, raça e gênero. Bell Hooks foi uma importante estudiosa e ativista do feminismo antirracista, a autora enfatiza a importância do amor na vida das mulheres negras, pois ela defende que os sistemas de dominação (capitalismo, racismo, sexismo) estão intrinsicamente ligados ao ato de amar e ser amada.

Em seu texto *Vivendo de amor* (2010), a autora faz um percurso sobre como era importante para as mulheres negras reprimir seus sentimentos para sobreviver em uma sociedade escravocrata, algo que foi passado como herança para as outras gerações. Amar seria, então, um ato político, pois diz respeito a um desvencilhar daquilo que foi repassado e internalizado para as mulheres negras, uma vez que elas foram socializadas a não receber amor. Hooks aposta no amor como cura para acabar com o racismo e todas as formas de dominação. O relato recolhido abaixo corrobora com a ideia da autora e tem como título “*A afetividade como um sinônimo de liberdade*”:

E ser uma mulher negra e lésbica neste mundo é ser um corpo político, justamente porque somos tudo que a sociedade não quer, por isso a importância de pensarmos maneiras de seguir existindo e resistindo diante das opressões. Acreditamos que um dos caminhos possíveis é o reconhecimento e o afeto entre nós, pessoas negras. (blog 3, 25/08/2020).

Franz Fanon, em *Pele negra, máscaras brancas*⁶ (1952/2008), faz uma análise sobre a diferença da constituição psíquica em pessoas de pele negra e de pele branca. Partindo da

⁶ Fanon foi um importante psiquiatra, filósofo e ativista na luta antirracista. Em *pele negra máscara branca*, o autor articula conceitos da filosofia, psicanálise, psiquiatria e antropologia para explicar sobre o complexo de inferioridade que as pessoas de pele negra interiorizam e como isso influenciam em seus relacionamentos durante toda a vida.

suposição de que somos seres constituídos pela linguagem, e que essa é carregada por símbolos e signos, o que se está em questão para a constituição da subjetividade é muito diferente para brancos e negros. Uma vez que a subjetividade negra teve como marca a dominação e a colonização por parte dos brancos, sendo negada à população negra a possibilidade de expressões de sua cultura, ancestralidade e raízes e sendo imposta a assimilação da linguagem branca e europeia como o que se caracteriza por humanidade, e sendo reservada a linguagem negra o que se caracteriza pelo animalesco, não civilizatório.

O autor defende que esta dominação trouxe como consequência tanto no imaginário social como na construção da imagem de si próprio a imago do negro como inferior, intelectualmente incapaz e ligado ao animalesco irracional. Esse sistema de dominação encontra diversas formas de se expressar, através do corpo, da linguagem, e, também, no campo da afetividade, das preferências afetivas e sexuais dos indivíduos. Vejamos o trecho, ainda sobre “o afeto como um sinônimo de liberdade”: *“Aprendemos a não nos amar, assimilamos desde de muito cedo que não somos o “padrão” desejado, e junto aprendemos a nos silenciar. Com a impossibilidade de receber afeto torna-se doloroso retribuir, romper a dura barreira do silêncio.”* (blog 3, 25/08/20).

O trecho acima relaciona-se com o que Fanon (1952/2008) explana sobre o lugar da mulher negra na cultura. De acordo com o autor, pelo menos no que diz respeito à cultura europeia, a mulher negra é vista como objeto de desejo sexual, não necessariamente como objeto de amor, por essa razão ela aspira ser admitida no mundo branco, contudo, a admissão só é consentida se ela penetrar no mundo branco, em seus comportamentos e costumes, deixando para trás a sua própria linguagem. Depois de muito esforço, quem sabe, ela pode ser reconhecida como objeto de amor perante a cultura branca. Esse é uma herança do período escravocrata que reverbera até hoje na forma como as pessoas se relacionam. O seguinte trecho recolhido em nossa pesquisa atesta isso:

Ser negra é sinônimo de ser invisível (...) minhas chances de ter um amor são anuladas pelo simples fato de ser preta, isso me dilacera de dentro para fora. (...) com as meninas brancas sempre tudo tão romântico e bacana, com as negras eles sempre querem vestir suas sinceridades descaradas (blog 3, 28/04/2020).

Os estudos de Bell Hooks e Frantz Fanon alinhados aos depoimentos recolhidos em nossa pesquisa mostram que o racismo e os outros sistemas de dominação se corporalizam no

campo da afetividade e das escolhas amorosas. Ao nos depararmos com depoimentos de mulheres lésbicas sobre a temática, também encontramos pontos que se distanciam do feminismo radical, vejamos:

Mulheres lésbicas mal podiam assumir seus afetos em público até ontem. Imagine então casar e ostentar o sobrenome da esposa?! Era impensável para elas. Fazer isso agora tem uma conotação diferente do que tem para mulheres cis e heterossexuais (...) ter o sobrenome dela foi uma questão de orgulho LGBTQ, o orgulho de assumir o meu amor em público, sem precisar esconder de absolutamente ninguém. (Blog 2, 15/01/2020).

É preciso, portanto, destacar a pluralidade do simbolismo relacionado às formas de se relacionar na atualidade. A população LGBTQIAPN+ e a negra tiveram por muito tempo o direito de se casar, ou assumir publicamente um relacionamento, negado, enquanto que, para mulheres brancas, classe média/alta e heterossexuais, isso emergiu muitas vezes como uma imposição patriarcal. Esses resultados demonstram a impossibilidade de se falar no universal no que diz respeito ao campo da afetividade.

Como já mencionado anteriormente, os anos 70 do século XX foi um período de efervescência do movimento feminista. Nesse período, passa a se estabelecer uma fragmentação dentro do movimento, pois diante de um movimento universal que não conseguia abarcar as especificidades de diversos grupos, esses grupos passaram a se organizar para reenviatar suas pautas particulares, como é o caso do movimento feminista negro⁷ e LGBTQIAPN+⁸.

É justamente nestes anos de efervescência que Lacan lança o seminário XX, em muitos momentos toma o feminismo da época como seu interlocutor e formaliza sua tese sobre a inexistência da relação sexual (Cossi, 2016). Usa deste aforismo para explanar sobre o mal entendido próprio da linguagem, uma vez que dois não formam um e que o ser humano é, por estrutura, incompleto. Lacan diz que o amor serve como suplência diante do real, ou seja, o amor, através de sua função simbólica, vela o real da inexistência sexual.

⁷ Entre os anos 70 e 80 importantes obras foram produzidas por mulheres negras que reivindicavam que o movimento feminista abarcasse em suas pautas as questões de classe, raça e gênero. Como exemplo de uma obra importante dessa época podemos citar mulheres, raça e classe, de Ângela Davis.

⁸ Em 1970, ativistas LGBTQIAPN+ organizaram a primeira grande parada do orgulho – ou marcha para libertação gay – na cidade de Nova York, um ano após a Revolta de Stonewall.

Embora seja inquestionável a importância de pensar os modelos de se relacionar e sua ligação com as estruturas sociais, Lacan denuncia que, seja qual for o modelo adotado, ele está fadado ao fracasso, no sentido da não completude e da angústia advinda daí. É através da construção de uma ficção que pode levar um sujeito a ter condições de se relacionar com o outro, esta ficção está entrelaçada como um nó, as questões sociais, mas também ao gozo e ao desejo contraditório e particular de cada sujeito, sendo indissociáveis.

Relacionando o que foi posto acima com a teoria dos discursos de Lacan, podemos fazer um paralelo entre os discursos feministas e o discurso histórico, pois ao problematizar o lugar do amor, dos relacionamentos na vida das mulheres, elas puderam gerar um deslocamento do discurso mestre vigente, que era o das mulheres submissas em um sistema de dominação. Partindo de lugares diferentes, essas demandas por novas formulações sobre a afetividade tiveram como produto as múltiplas formas do que se espera de um relacionamento amoroso, conforme encontramos em nossa pesquisa. Podemos inferir que diante da inexistência da relação sexual e do questionamento incessante do discurso da histórica, novos modelos foram produzidos e repensados.

Xavier (2022) atrela ao discurso da histórica um valor político no laço social, pois nesse discurso o agente opera uma reclamação ao discurso de mestria hegemônica, sua demanda por um saber acaba por revelar que o saber no discurso mestre vem do lugar do gozo, revelando, assim, a castração do mestre, tornando possível um giro discursivo e novas produções. Assim, devido ao seu caráter questionador e interrogativo, o discurso da histórica põe em xeque o saber totalizante e absoluto imposto pelo discurso do mestre, o da lei, os quais estão relacionados neste caso ao discurso de dominação patriarcal.

A autora aponta as importantes conquistas dos movimentos sociais, em especial, o movimento feminista, o movimento gay e o movimento negro, que conseguiram subverter a lógica dominante, até certo ponto, e avançar no campo dos direitos. Entretanto, Xavier chama a atenção para o limite do discurso da histórica, tendo em vista que essa modalidade de discursos insiste em estar referenciado a um mestre. Cita Lacan (1969-1970/1992, p. 196): “eles aspiravam por um novo mestre”, para atestar a impotência presente nesse discurso, tendendo não na criação de algo inédito, mas à repetição, pois apesar de fazer um giro discurso e deslocar os significantes, essa modalidade de discurso não sai das coordenadas presentes no discurso mestre, sendo incapaz de pensar fora da lógica fálica.

Ao associarmos os discursos feministas a um discurso histórico, podemos pensar nas reivindicações enquanto um sintoma. A luta pelos direitos entra como uma verdade coletiva, o

compartilhamento dessa verdade possibilita a ocorrência dos laços sociais. Assim, se o discurso mestre impõe exigências e imperativos, o sintoma vem denunciar o mal-estar como uma resposta ao que é esperado socialmente que o sujeito faça. Basta lembramos que Freud já propunha isso em 1930, quando disse que quanto maiores as exigências sociais feitas ao indivíduo, maior seu sofrimento, devido às maiores renúncias pulsionais.

Assim, concordamos com Xavier (2022), quando a autora aposta em duas vias para se pensar essa questão: a do desejo de saber produzido pelo discurso histórico que aponta para novas produções de significantes, e uma aposta que vai além disso, a do desejo, que além de insatisfeito, é também um desejo decidido que passa por um saber não-todo.

A primeira aposta apresenta a limitação já citada acima, de sua busca incessante por um mestre, o que não deixa de anunciar um mal-estar, que é importante ser escutado e que faz circular algo dos significantes. Porém, a segunda aposta diz de um outro lugar no discurso, que passa pela histerização, mas vai além dele, no sentido de que possibilita não apenas a circulação do discurso, mas convoca o sujeito a um lugar de desejo, que desvela o S1 e possibilita a construção de algo próprio do sujeito, preservando-se, assim, algo do mistério, que é o que chamamos do discurso analítico.

Pensamos que, no caso das relações afetivas na contemporaneidade, podemos observar que, em muitos casos, os discursos feministas fizeram girar os significantes e se limitou a isso, de modo que os novos modelos de se relacionar se pluralizaram, mas tomaram o lugar de mestre do que outrora fora o lugar do matrimônio, por exemplo. Entretanto, também observamos que ao fazer o discurso vigente girar, abriu-se possibilidades de construções próprias, uma nomeação singular, que até então tinha obstáculos rígidos devido às imposições sociais.

Também encontramos que, diante do giro discursivo que possibilitou mudanças nas posições assumidas por mulheres, é exigido novas construções acerca das masculinidades. Os discursos feministas têm efeito não só nas mulheres, mas convocam os homens a repensarem seu papel na sociedade diante das novas demandas psíquicas, sociais e políticas. Assim, muitos autores defendem que na atualidade está havendo uma crise da masculinidade.⁹ (Silva & Macedo, 2012).

⁹ De acordo com Badinter (1993) a crise da masculinidade teve início do século XX como consequência das mudanças sociais impostas pela emancipação das mulheres, o que produziu muita angústia aos homens. Em uma tentativa de paliar a crise, muitos homens recorreram as guerras como uma oportunidade de reaver o seu poder.

Esta reivindicação por um novo tipo de homem que acompanhe as mudanças forjadas pelo discurso feminista foi encontrada na literatura e também nos blogs, como podemos ver abaixo:

Rever a “masculinidade” é tomar consciência do que significa tornar-se homem na nossa sociedade e romper com isso. E combater, ativamente. Junto a todos os outros homens. Quebrar a roda. Isso é assumir compromisso com ser homens melhores. Abrir mão do privilégio que representa pertencer a uma classe que é ensinada a ser servida e atendida o tempo inteiro por outras mulheres.

Quando o feminismo fala em “igualdade”, isso não é sobre direitos civis, ou uma equiparação com o privilégio masculino de conquistar e invadir. Não queremos ser como os homens são dentro desse sistema. “Igualdade” para mulheres é ter o reconhecimento que somos PESSOAS, que temos integridade, dignidade, inviolabilidade. Assim como cada homem tem, só por ter nascido homem.

Eu olho para o meu filho, que é ainda uma criança, e me recuso a perdê-lo para esse sistema de moer consciências. Meu filho, meu menino não é assim. Crianças não são assim. Nós a tornamos. Nós usurpamos sua humanidade. Eu acredito em um mundo onde nossos filhos tenham o direito de crescerem livres de todos estes estereótipos que os convocam a dançar essa melodia mortal tocada pelo patriarcado. E como feminista, eu acredito na revolução. E acredito que a revolução está neles, mas também está em nós, mulheres. E sim, pode estar também nos homens (blog 4, 20/02/2021).

A preocupação em construir um novo modelo de masculinidade foi encontrada nas escritas das mulheres, pois entende-se que a construção de uma sociedade igualitária não diz respeito apenas às mulheres, mas é necessário mudanças no campo da masculinidade também, como nos mostrou o trecho acima. Há, dessa forma, por parte das mulheres, reflexões sobre a masculinidade, entendendo-a como objeto importante a ser integrado na luta por uma sociedade igualitária.

Se antigamente a masculinidade era muito bem definida por atributos como força, poder e virilidade, hoje, verifica-se que essas definições não dão conta do que é ser homem. As mudanças provocadas pelo feminismo desestabilizaram a noção unitária e tradicional sobre o modelo masculino e impuseram a necessidade de sua revisão, de forma que se percebem, na contemporaneidade, os conflitos em torno dos padrões tradicionais da identidade masculina e

as possibilidades de viverem novas formas de ser homem na cultura ocidental (Silva & Macedo, 2012).

Assim, a nossa pesquisa mostra que, no que diz respeito aos encontros amorosos, as mulheres têm reivindicado que os homens assumam uma nova postura, que estejam mais de acordo com os ideais feministas. Nos blogs encontramos um texto com o seguinte título: *A dificuldade dos dates depois do isolamento*, assim, a autora comenta a fala de amigas em relação a encontros com homens, ela conclui que há na atualidade uma disparidade de ideias entre homens e mulheres, pois eles não conseguiram acompanhar as mudanças sociais impostas pelo discurso feminista. Vejamos as falas das amigas da autora:

“Durante a pandemia eu descobri ainda mais o prazer de não estar com um homem, o prazer da solidão. E é muito bom não ter que conversar com homem” (...) “Zero dates, tolerância zero com homice” (...) “Homens que só querem sexo e transam mal” e “O último foi bem meia bomba e o antes desse disse que o Trump não era tão ruim assim e foi sem final feliz”

Lacan denunciou em vários momentos de sua obra o desencontro entre os sexos. O que os resultados da nossa pesquisa mostram é que há uma atualização desse desencontro. Apesar de assumir caracteres inéditos, o que vemos é o retorno da inexistência da relação sexual. Diante dos trechos acima, o que podemos observar de inédito nessa questão é que ao tomar a voz, as mulheres podem finalmente explicitar de forma pública o que esperam de um homem. Então, se antes as mulheres eram descritas pelo olhar masculino, agora eles experimentam serem falados por elas. A autora conclui que:

A pandemia escancarou algo que já acontecia: o desencontro de ideias e a disparidade das relações mulher-homem em nossos tempos. Se antes a gente relevava, ficou mais difícil. E agora? (...) Dates? Não suporto mais homem, eles não acompanham nossa evolução. Tudo parado no tempo (blog 2, 04/05/2022).

As mulheres também têm discutido sobre a inabilidade dos homens no que diz respeito a relacionamento amorosos, as reivindicações são, em sua maioria, para que os homens expressem melhor seus sentimentos, vejamos:

A gente tem falado muito sobre masculinidade tóxica, que diferente do que muita gente pensa não é só o boy abusivo ou o protótipo do hétero escroto, e sim, todo o conjunto de formas de educar e existir que podem culminar em rapazes violentos, mas antes disso deixa um monte de sujeitos emocionalmente capengas na face da terra. Homens sentimentalmente analfabetos que não sabem ler a si, aos outros e tudo que se passa ali no meio. Sim, é grave! (blog 2, 21/09/2021).

Podemos inferir que a falta de manejo masculino no que se refere aos sentimentos se dá pelo esforço do homem em negar seus aspectos passivos. Freud se refere ao longo de sua obra a uma única libido, isso quer dizer que tanto nos sujeitos identificados ao masculino, como ao feminino, há apenas uma libido que ora se apresenta como moções pulsionais passivas, em outros momentos como ativos, em todos os sujeitos. Freud (1937/2019) diz que uma das maiores dificuldades das análises com os homens é que esses não aceitam sua parte passiva e apresentam uma recusa à feminilidade.

De acordo com Alonso e Fuks (2014), ao longo da vida, os homens se esforçam para negar seus aspectos passivos e femininos. Isso vem se acentuando na cultura ocidental devido ao fato de a criação dos filhos serem destinadas às mães, apoiada na ideia de instinto maternal – que as tornaria aptas a cuidar dos filhos –, enquanto o amor paternal é exercido a distância.

Pensamos que as conquistas das mulheres no âmbito fálico deixaram ainda mais clara a preposição freudiana sobre uma libido única, ora passiva, ora ativa, presentes em todos os sujeitos, descortinando a ilusão de que um sujeito identificado a posição masculina teria algo para dar que falta a um sujeito identificado a uma posição feminina. Este desvelar causa uma angústia maior aos que se encontram nessa posição de dar, pois agora coloca no centro a castração do sujeito, como aquele que também não tem, que também está em falta.

Inferimos que o discurso feminista em uma posição discursiva histórica tem demandando a produção de novos significantes em relação ao que se espera de um homem. Os homens parecem responder a isso com um aumento de casos de histeria masculina, conforme aponta Ambra e colaboradores (2019). Enquanto em outros tempos a histeria denunciava o sofrimento ao qual as mulheres estavam submetidas, localizá-la na contemporaneidade implica em constatar as alterações nas construções da feminilidade e da masculinidade, bem como a ação dos grupos que buscam o reconhecimento de novas configurações de gênero. No que diz respeito à masculinidade, a histeria se apresenta como uma forma de denunciar o que a cultura nega aos homens: expressar sua fragilidade, fraqueza e impotência.

Dado a isso também as dificuldades masculinas em se relacionar amorosamente com as mulheres. A insegurança masculina diante da mulher pode decorrer do imperativo super egóico: “não falharás (Betts,2005). De forma que as demandas eróticas e amorosas são encaradas pelo homem histórico como uma solicitação de que ele prove sua virilidade. Assim, frente ao desejo da mulher, o jogo amoroso é deixado de lado e o que entra em cena é a exigência de que se comprove sua virilidade, daí o terror de falhar no ato sexual, tão presente nos atendimentos masculinos (Alsono & Fuks, 2014).

Enquanto vemos estudos que mostram uma maior incidência no contemporâneo de casos de histeria nos homens, Soler (2006) aponta para os sintomas inéditos que as mulheres contemporâneas vêm enfrentando, entre eles, uma tensão entre a vida amorosa e a profissional. Enfatiza a inibição enquanto sintoma recorrente presente na escuta das mulheres, sintoma esse presente quase exclusivamente na neurose obsessiva, que era muito atrelado aos homens:

A emancipação que multiplica as possibilidades, que permite à mulher determinar-se em função de seus anseios, optar por ter ou não ter um filho, casar-se ou não, quando quiser e se quiser, e também trabalhar ou não, deixa transparecer que o drama da inibição não é uma especialidade masculina. Ainda mais que, por efeito de discurso, tudo que não é proibido torna-se obrigatório. Por conseguinte, realmente vemos nas mulheres o mesmo recuo diante do ato que se constata no homem obsessivo, as mesmas hesitações frente às decisões fundamentais, aos compromissos definitivos, especialmente no campo amoroso. (Soler, 2006, p. 203).

O aumento do número de casos de homens históricos e mulheres obsessivas indica que os sintomas dizem sobre a subjetividade de uma época, assim, a igualdade entre os sexos parece transparecer também em uma homogeneização de grande parte das sintomatologias.

Além da inibição enquanto um recuo frente ao campo amoroso, como foi apontado por Soler, Ramalho (2005), ao debater sobre o lugar que as mulheres atribuem aos homens atualmente, discorre que uma das heranças deixadas pelo feminismo foi a de não depender de homens, assim, o discurso feminista como consequência do iluminismo propaga o individualismo, de modo que os ideais do sujeito contemporâneo se baseiam em liberdade e independência. Entretanto, ao abrir mão das tradições e prescindir dos referenciais simbólicos, os sujeitos se encontram mais só e desamparados, em vista disso, temos a depressão e a solidão como sintomas sociais recorrentes na clínica.

A autora argumenta que esse é um dos maiores impasses vivenciados pelas mulheres hoje, pois ao mesmo tempo que devem ser autônomas e não depender de um homem, elas almejam uma relação na qual o homem ocupe um lugar especial, o que é impossibilitado pela cultura do individualismo, pois, nestes termos, ser autônomo significa prescindir de qualquer outro e ser dependente seria equivalente a estar submetido ao outro. A partir de sua escuta clínica, Ramalho (2005) apresentou os impasses femininos atuais e suas conclusões dialogam com os resultados da nossa pesquisa, no texto intitulado “*você feminista precisa parar de gastar seu tempo com homem*”, podemos relacionar o trecho abaixo com as conclusões de Ramalho:

Mesmo mulheres que se consideram feministas (e que na teoria entendem que os regimes de maternidade e heterossexualidade compulsórias moldam nossa socialização, deixando nossa noção de amor, de cuidado e de preservação a serviço dos sentimentos masculinos) não estamos ilesas de basear nossas vidas nas relações que temos com eles. Muito frequentemente mulheres feministas vivem esse embate interno em que batalham os dados concretos das ações misóginas dos homens no mundo contra o amor por um homem específico. E nesse embate raramente a qualidade de vida da mulher em questão sai ganhando (blog 4, 07/03/2022).

Ramalho (2005) aponta para uma distorção desses ideais, pois a dependência ao outro é condição necessária para todo laço social possível, não enquanto uma submissão, mas enquanto uma reciprocidade de reconhecimento pelos sujeitos. Da mesma forma, ser autônomo e independente não significa a exclusão do outro, ao contrário, o que nos faz sujeitos é a alteridade, a dependência dos laços e das relações que nos constituem reciprocamente.

A dificuldade enfrentada pelas mulheres seria justamente o reconhecimento desta dependência, pois isso ameaça o que as sustentam como sujeitos, visto que há a crença em uma paridade entre ser mulher e ser autônoma, e ser autônoma parece significar não depender de ninguém. Assim, atualmente se apresenta como insuportável para muitas mulheres esta incompletude, vivida como desamparo, nas palavras de Ramalho (2005, p. 29):

Reconhecer essa dependência era fazer ruir a ilusão de se bastar; enfim, era uma ameaça à sua condição feminina, na medida em que acreditava que ser mulher era justamente não depender dos homens e, mais, ser sujeito era efetivamente não precisar de ninguém.

Vemos, então, que os discursos que estabelecem os laços sociais estão em constante transformação e que seus efeitos estão para todos, assim como a castração. As conjunturas mudaram e geram novos dramas subjetivos e novos sintomas, e, apesar de assumir novas roupagens, as interrogações sobre o amor e as inseguranças sobre “o que o outro quer de mim” apontam para uma insuficiência permanente e uma atualização da impossibilidade da relação sexual.

10. A VIOLÊNCIA DIANTE DA ALTERIDADE

“Acreditava que, aquelas violações, eram maneiras de cuidar de mim. Recebia, então, como uma manifestação de cuidado. E segui a transição da infância para a adolescência, convivendo – e inconscientemente naturalizando – aqueles abusos sexuais” (Blog 1, 13/05/2020).

Conectada a temática dos relacionamentos afetivos, é preciso chamar a atenção para a violência que as mulheres sofrem, ainda hoje, mesmo com conquistas no âmbito do direito, como é o caso da lei Maria da Penha. Encontramos em todas as páginas acessadas informações sobre como denunciar casos de violência, onde e como procurar ajuda. Nesses espaços, muitas mulheres expõem violências já sofridas e compartilham experiências pessoais e dolorosas.

Foram encontrados relatos referentes a abusos sexuais, violência física, violência psicológica e relacionamento abusivo. Um dado que nos chama a atenção é que, na grande maioria dos depoimentos, as mulheres relatam que não denunciaram seus agressores. Na maioria dos casos, as mulheres relatam que já havia uma convivência com a pessoa que praticaram algum ato de violência contra elas. Namorado, marido, parentes próximos, amigos da família são alguns dos exemplos mais citados, vejamos o relato abaixo:

Lesão traumática é a definição aurélica de queleide. Trago comigo marcas de violações sexuais que acompanharam as minhas três fases de desenvolvimento humano. Das memórias conscientes que trago da infância, foram três abusos sexuais cometidos por figuras masculinas que assumiram – na ausência dos meus pais – o papel do “cuidador”. A inocência da minha criança me fez ceder às invasões de carícias abusivas de meu avô, meu padrinho e do vizinho “amigo”. (Blog 1, 13/05/2020).

Ao discutir sobre os abusos sexuais sofrido por crianças, Ferenczi (1933/1992) afirma que há uma confusão de língua entre o adulto e a criança. Para a criança, trata-se de fantasias lúdicas, ligadas à ternura, enquanto que adultos, com tendências psicopatológicas, confundem a demanda por ternura com erotismo sexual. Essa confusão entre as linguagens pode trazer consequências devastadoras para as crianças, pois elas ainda apresentam uma personalidade pouco desenvolvida, o que faz com que ocorra a introjeção, por meio da identificação com seu

agressor, o que culmina em um sentimento de culpa, pois a culpa está do lado do abusador, uma vez que a moralidade em um adulto já está bem desenvolvida.

O sentimento de culpa foi encontrado em todos relatos de pessoas que sofreram violência em nossa pesquisa. O texto intitulado como “*Eu não denunciei meu estuprador*” reúne vários relatos de pessoas que passaram por situações de violência, preservando o nome das pessoas que enviaram seus relatos. O texto tem o intuito de acolher estas pessoas e mostrar que elas não estão sozinhas. Vejamos:

Por mais que eu saiba que no fundo eu não sou culpada, eu sempre me culparei por tudo. Hoje minha maior culpa é não ter levado o caso pra frente, saber que ele pode ter feito isso com mais meninas e que eu “permiti”. Eu faço terapia, mas isso tudo nunca vai sair da minha cabeça (blog 1, 05/04/2020).

Nunca denunciei porque não tinha noção de que aquilo era estupro e tb porque achava que a culpa era minha por não estar sempre disponível. Hoje não sei o que me dói mais, a culpa, a raiva de mim por não ter feito nada ou a sensação de impotência porque ele vive a vida dele normalmente (até de evento feminista participou) tendo feito um pedaço meu morrer com tudo isso (blog 1, 05/04/2020).

Especialmente quando a violência é cometida por um familiar, ou pessoa próxima à vítima, há o sentimento de culpa. Ferenczi (1933/1992) afirma que a criança se entende como responsável pela resolução dos conflitos familiares, neste caso, ao invés de resolver os conflitos, é como se a criança estivesse trazendo mais problemas para a família. Vejamos o que nos dizem as mulheres:

Fui assediada e estuprada pelo meu padrasto quando minha mãe tinha acabado de ter uma filha dele. A opressão psicológica e a dependência econômica fez minha mãe permanecer nesse relacionamento durante alguns anos (...) Hoje já perdoei minha mãe, embora acho que ainda precisamos de algumas conversas. E minha irmã é hoje uma grande amiga, acho que porque já conseguimos ter nossas conversas. Quanto ao meu agressor, ele continua livre e ainda hoje não fui capaz de denunciá-lo por medo de enfrentar tudo isso novamente. Eu me sentiria culpada de trazer tudo isso a tona novamente, sinto que causaria mais estragos a minha mãe, a minha irmã e a mim

mesma. Sei que não é o certo. Mas tudo isso pra dizer que nem sempre é fácil ou simples fazer o certo. E quando uma mulher tem a coragem de denunciar, sejamos nós a apoiar! (blog 1, 05/04/2020).

As consequências de passar por um trauma deste caráter têm um efeito de fixação difícil de ser superada, pois o investimento de amor feito ao abusador é retornado à pessoa abusada com violência. Essa confusão pode ter como efeito a repetição de relacionamentos abusivos ao longo da vida do sujeito.

O reconhecimento social da violência doméstica e familiar contra mulheres é relativamente recente no Brasil. Em interface com as teorias feministas, a violência contra a mulher tornou-se objeto de estudo das ciências sociais em meados dos anos 80, mas foi a partir da aprovação da lei Maria da Penha, em agosto de 2006, que essa pauta se expande para além do meio acadêmico e passa a ser conhecido e debatido em ampla proporção pela sociedade brasileira (Pasinato, 2015).

Assim, a lei Maria da Penha¹⁰ é considerada um marco importante para o reconhecimento e enfrentamento da violência contra as mulheres. Essa lei tem como objetivo criminalizar a violência a qual as mulheres estão expostas e aponta as formas de evitar, de punir e de enfrentar os agressores. A inclusão no código penal do feminicídio¹¹ enquanto homicídio qualificado também é um marco importante na luta por direito das mulheres, esse crime é praticado contra a mulher em função da condição do sexo feminino (Riguini & Marcos, 2018).

Apesar de amparadas pelas leis, os depoimentos das mulheres recolhidos em nossa pesquisa mostram que essas denúncias muitas vezes não chegam a ser feitas. Vejamos:

O problema que eu preciso lidar até hoje é que houve muito choro, muita comoção, mas nada foi feito. Não chamaram a polícia, não me levaram a psicólogos, nada. Só paramos de falar com minha família materna. Até hoje não consigo superar porque foi uma sensação de injustiça muito grande (blog 1, 05/04/2020).

¹⁰ A Lei maria da penha ganhou este nome devido à luta da farmacêutica Maria da Penha para ver seu agressor condenado.

¹¹ Segundo o Dossiê Feminicídio #InvisibilidadeMata, do Instituto Patrícia Galvão (2016), o Brasil está entre os países como maior índice de feminicídio, ocupando o quinto lugar em um ranking com oitenta e três países.

Parece-nos que quando uma mulher traz ao centro dos debates a violência sofrida, elas trazem notícias sobre um Outro gozo, aquele que não pode ser apreendido pela lógica fálica, por este Outro gozo denunciar aquilo que as normas não dão conta, é como se houvesse uma tentativa de culpabilizar a vítima por deixar esse Outro gozo transparecer e não conseguir controlá-lo.

De acordo com Rigui e Marcos (2018), a psicanálise trata a questão dos crimes e dos abusos contra as mulheres de uma maneira distinta do meio jurídico, pois para a psicanálise estes crimes não se direcionam a mulher enquanto sexo biológico, mas apontam para uma violência direcionada ao feminino, conceito forjado por Lacan, que não diz respeito à anatomia dos sujeitos, mas a uma forma distinta de gozo. Nesse sentido, o que está em questão é a violência ao héteros, pode, assim, abarcar outras minorias, como é o caso da violência sofrida pela população LGBTQIAPN +.

Ainda segundo as autoras, a violência contra as mulheres é atemporal, resgatando a imagem do homem das cavernas puxando as mulheres pelos cabelos como um exemplo desta violência. Alvarenga (2015) lembra, também, que a violência é uma forma de manifestação inerente ao ser humano, razão pela qual Freud se mostrava pessimista em relação aos destinos da humanidade. Assim, ao longo do tempo, a violência se apresenta de formas distintas, de acordo com o discurso de cada época, e da maneira como os sujeitos respondem a esses discursos.

Nesse sentido, estudiosos têm ligado a violência na atualidade à ascensão do discurso capitalista e ao declínio da função paterna. De acordo com Silva Júnior e Besset (2010), a violência depende, em grande parte, do que o discurso capitalista fomenta e produz como subjetividade. Entre os efeitos desse discurso estão a dificuldade, cada vez maior, da simbolização, somada à inflação do imaginário, a exacerbação do sem sentido, e de um gozo em excesso, sem mediação, que ocasiona a ruptura dos laços sociais e aponta para a aniquilação do outro.

Como já citado anteriormente no nosso trabalho, a função paterna diz respeito às referências simbólicas, as leis e a organização do mundo, apontando para a castração e o limite do gozo, ao qual todos os sujeitos estão submetidos. Dizer que estamos vivendo um momento de declínio da função paterna quer dizer que há um declínio dos parâmetros universais que nos permitiam delimitar o que seria comum a todos.

Podemos perceber então, que há uma relação inversamente proporcional entre o declínio da função paterna e ascensão do discurso capitalista, uma vez que, diferente dos demais

discursos propostos por Lacan – discurso da histórica, do mestre, da ciência e do analista- que de acordo com Brousse (2004) implicam em um freio no gozo, um limite e, portanto, uma organização, o discurso capitalista incita a um gozo excessivo e descontrolado.

De acordo com Silva (2017), além de o discurso capitalista estar fora da regulação do gozo, ignora-se exacerbadamente a castração, de forma que uma das razões da força desse discurso reside no fato de transformar objetos de gozo da economia subjetiva em objetos possíveis de serem consumidos. Assim, os objetos, a causa de desejo, passam a ter valor de mercadoria, o Outro passa a ser tomado como não barrado, o que gera, diante do real, não mais o recalque, mas sim a forclusão. O efeito disso é um gozo em excesso e sem mediação que fragiliza os laços sociais, pois agora todos estão ameaçados a serem reduzidos e reduzir o outro a um objeto dejeito, descartável.

Assim, devido ao declínio da função paterna, os sujeitos contemporâneos se encontram desorientados, pois o lugar referente à identificação, à orientação e ao limite, encontra-se fragilizado. Ao passo que estão à mercê das exigências culturais, que decreta uma satisfação imediata, imposta pelos ditos do discurso capitalista. Com a castração fora dessa operação, o sujeito parece estar propício à promoção da violência (Silva Júnior & Besset, 2010). Lacan (1957-58/1999) diz que o contrário da violência é a palavra, isto é, aquilo que não pode ser simbolizável retorna ao sujeito a partir do real. Nesse sentido, podemos perceber que, diante a fragilização do simbólico, aquilo que não está sendo tratado pela via da palavra, nesse caso, a violência, retorna pelo real, através do ato propriamente dito.

No caso da violência contra as mulheres, Bassols (2012) afirma que o ato violento exercido sobre as mulheres se apresenta de maneira universal e transversal, estando presente em todas culturas, atingindo todas as idades, classes sociais e situações de trabalho, de tal forma que nem mesmo a educação em seus níveis mais altos consegue prevenir esse tipo de violência.

O autor atribui a pelo menos dois fatores transversais presentes em todas as culturas para analisar as condições desta violência. O primeiro fator diz respeito à diferença sexual enquanto constitutiva e irreduzível entre os sexos e os diversos significados que ela tem para os seres humanos. Aqui inclui-se a dificuldade de pensar a diferença e a assimetria entre os sexos, de forma que a não complementariedade entre os sexos se apresenta de forma tão insuportável para o sujeito, que se busca abolir a diferença que o feminino encarna e reintroduz, através dos atos violentos.

O segundo fator é a agressividade como constitutiva da relação do sujeito com as imagens do seu self, e com as imagens de seus pares a partir das quais essa mesma imagem é

construída. Sabemos que essa imagem é construída com o intuito de dar uma “unidade” ao sujeito, porém a agressividade se apresenta como uma experiência de “deslocamento corporal”, de fragmentação da unidade da imagem narcísica, da imagem de si na medida em que se constrói a partir das imagens dos outros e na medida em que oculta essa alteridade constituinte. Assim, o ato violento está relacionado a uma dificuldade de integrar a sua própria alteridade na imagem narcísica e unitária do Eu. Nas palavras de Bassols, (2012, s/p) (tradução nossa):

O ato violento revela-se então como a mais absoluta rejeição do que é diferente e, principalmente, do que é diferente, heterogêneo, na própria unidade narcísica. Novamente, aqui é uma diferença, a diferença com alteridade, que aparece como ponto irreduzível diante do qual se dá a passagem ao ato violento.

Se por um lado os depoimentos recolhidos em nossa pesquisa denunciam as dificuldades em uma posição masculina em lidar com a alteridade presentificada no Outro gozo, as mulheres denunciam suas próprias dificuldades em lidar com esse Outro gozo. O enamoramento das vítimas pelos seus agressores demonstra como essa questão é complexa, vejamos o que as mulheres nos dizem a respeito disso:

O primeiro amor a gente nunca esquece. É verdade. Me apaixonei pelo segundo caso de estupro. Eu adolescente. Ele um homem. Era o segurança do supermercado do bairro (...) devorou-me feito macho em caça. Sobre sua presa, fui mais uma vez vítima da violência. (Blog 1, 13/05/2020).

Eu sofri abuso de um cara que morava no meu condomínio. Eu na época era uma adolescente apaixonada por ele, ele sabia e usava isso pra me levar para lugares afastados, sem ninguém, me convidando para fazer “brincadeiras” com ele e sem ninguém saber. (blog 1, 05/04/2020).

Alvarenga (2015) enfatiza que a dificuldade em lidar com essa alteridade está para todos, sendo experimentada por aqueles que se encontram em uma posição feminina ou masculina. Enquanto que em uma posição masculina, a passagem a um ato violento sobre um sujeito que encarna o feminino costuma se revelar como uma forma de matar em si o que o sujeito não consegue simbolizar, o que não consegue articular em palavras sobre si mesmo, do

lado feminino, encontramos muitas vezes o consentimento e a submissão, que desafiam as ações terapêuticas e pedagógicas para sair dessa situação.

De acordo com Riguini e Marcos (2018), as figuras que encarnam o feminino estão ligadas ao real, na medida em que o gozo feminino escapa à ordem simbólica, não podendo ser todo dito, o que se apresenta fora da norma fálica. Esta outra dimensão do gozo pode ser tomada tanto pelos sujeitos que a experimentam, e pelos sujeitos que se dão conta dela, como perturbadora, já que essa aproximação entre feminino e real coloca em xeque a ordem fálica como ordenadora. Há, assim, algo de insuportável no feminino, isso é a ameaça de dissolução do eu frente a um gozo sem limites que atesta a inexistência da relação sexual. Inferimos, assim, que muitas vítimas de violência apresentam dificuldades em sair dessas situações e até se apaixonam por seus agressores por apresentarem uma dificuldade em lidar com sua própria alteridade.

Percebemos então que o horror ao feminino é atemporal, além disso, pode ser observado em todas as culturas, as classes sociais, as idades etc. Entretanto, atualmente, ao ter o discurso capitalista em vigor em nossa época, e o declínio da função paterna, o horror ao feminino parece ainda mais problemático, uma vez que o discurso capitalista articulado ao declínio da função paterna deixa os sujeitos a serviço das falhas simbólicas e das vacilações dos semblantes, além de negar veementemente a castração- a violência contra o feminino pode então ser entendida como uma tentativa de evitar a todo custo o encontro com a castração e com a queda dos semblantes.

Diante do que há de insuportável no gozo feminino – que parece desafiar o discurso capitalista, no sentido de colocar à mostra a não captura do objeto a pelas vias da mercadoria e reafirmar a castração –, os sujeitos encontram muitas vezes soluções catastróficas e radicais, que passam pelo ato violento, podendo chegar até à aniquilação do outro.

Dessa forma, podemos pensar que a conquistas obtidas através das lutas feministas, como a proteção das minorias frente à violência, não foi acompanhada por avanços na subjetividade que possibilitem outras saídas frente a este gozo. Bassols (2012) pontua que o ato violento não é apenas a desordem de uma conduta desajustada a uma realidade social ou familiar conflituosa, nisso reside o limite da melhor ação educativa e social. Trata-se sobretudo de encontrar, na análise particular de cada caso, os significados inconscientes da passagem ao ato antes que ele ocorra.

Nesse sentido, o autor considera que a ética da psicanálise está em dar um lugar à palavra rejeitada, tanto a quem se submete a essa situação quanto a quem pratica esse ato. O que está

em questão é localizar o desejo inconsciente para que o sujeito encontre outro caminho de derivação. Assim, a psicanálise permite a cada sujeito descobrir que não existe forma de gozo mais verdadeira, mais consistente ou mais normal do que outra, pois são simplesmente diferentes. Assumir e aceitar o lugar dessa diferença já é uma forma de prevenir a violência contra o que aparenta ser diferente, propõe-se, então, o mais radical respeito pela palavra do outro. Nessa perspectiva, para que a igualdade no registro da realidade social e os direitos que definem o sujeito social tenham real efeito, deve-se acrescentar a reivindicação e o tratamento da diferença no registro das identidades sexuais.

Em nossa pesquisa, encontramos relatos de violência sofrida por uma diversidade de mulheres, porém nos chama a atenção a violência sofrida por pessoas trans e não binárias, uma vez que os relatos e os dados estáticos mostram uma contradição nessa questão. Por um lado, o Brasil é o país que mais mata pessoas trans no mundo, por outro lado, é o país que mais consome prostituição e pornografia trans (Veras, 2022). O que esses dados nos dizem?

Lembrando que o Brasil é pelo décimo terceiro ano consecutivo o país que mais mata mulheres trans e travestis, sendo também o país que mais consome conteúdo pornô com corpos trans-femininos: o país que mais nos deseja como objeto sexual é o que mais nos mata. Portanto, ser travesti, favelada, artista independente aqui em 2022 e ousar tornar público o meu desejo e captação de verba para TRANSformar o meu corpo é um ato político de rebeldia e afirmação de uma cultura que precisa ser respeitada. (blog 2,06/04/2022).

Acreditamos que a violência dirigida às pessoas trans e não binárias segue a mesma lógica explanada acima sobre a dificuldade de lidar com a alteridade e a agressividade enquanto constituinte em todos os seres humanos. Mas o que pode ser debatido sobre essa questão, que os dados e relatos mostram uma violência ainda mais acentuada?

Muitos analistas têm falado sobre as pessoas que se nomeiam trans como aquelas que recusam a inexistência da relação sexual. O corpo seria, então, o território de investimento pulsional intenso, no qual há a tentativa de fazer existir O homem ou A mulher. O discurso da ciência alinhado ao discurso capitalista oferece intervenções cirúrgicas e tecnológicas, que abrangem a administração de hormônios, e, no campo do direito, oferecem a possibilidade de mudança do nome de registro – há nesses discursos a tentativa de melhorar a relação entre os sexos, ou velar a falta de relação entre elas (Cunha & Lima, 2017).

De fato, o discurso da ciência alinhado ao discurso capitalista tem apontado para um excesso sem limite, que parece ser o etos de nossa época, porém essa não é uma particularidade das pessoas trans. Diante da incapacidade de todos em lidar com a inexistência da relação sexual, o discurso capitalista e da ciência parecem apresentar soluções eficazes, rápidas e pouco dolorosas. Nesse sentido, em que todos apresentam essa dificuldade em lidar com a inexistência da relação sexual, o que há na questão trans que parece incomodar mais do que outras soluções próprias de nossa época?

Veras (2015) nos lembra que somos heteros. Não por causa da norma sexual, mas porque independentemente das identidades de gênero, cada um tem que se virar com a existência de sua incompletude. O autor defende que o aforisma lacaniano “A mulher não existe” é uma forma de dizer que um lado de nossa sexualidade é sempre falocêntrica – daí a busca por semblantes que possam dizer algo do sujeito: o outro lado, o da incompletude, aponta para uma impossibilidade, tanto de dizer plenamente sobre o sujeito, como sempre nos leva a uma parceria impossível.

Não há, portanto, sexuação que não passe pela função fálica, ainda que não toda, pelo menos no caso dos neuróticos. Lacan (1971-1972/2012) esclarece que o que está em jogo para os sujeitos transexuais não é órgão genital em si, mas o significante. O erro comum é acreditar que o órgão seria o significante supremo. Vejamos:

Nessas condições, para ter acesso ao outro sexo, realmente é preciso pagar o preço, o da pequena diferença, que passa enganosamente para o real por intermédio do órgão, justamente no que ele deixa de ser tomado como tal e, ao mesmo tempo, revela o que significa ser órgão. Um órgão só é instrumento por meio disto em que todo instrumento se baseia: é que ele é um significante. É como significante que o transexual não o quer mais, e não como órgão. No que ele padece de um erro, que é justamente o erro comum. Sua paixão, a do transexual, é a loucura de querer livrar-se desse erro, o erro comum que não vê que o significante é o gozo e que o falo é apenas o significado. O transexual não quer mais ser significado como falo pelo discurso sexual, o qual, como anúncio, é impossível. Existe apenas um erro, que é querer forçar pela cirurgia o discurso sexual, que, na medida em que é impossível, é a passagem do real (p.17).

De acordo com Vilela (2012), o erro comum ao qual Lacan se refere é atribuir um sexo ao sujeito a partir de sua anatomia, pois o sexo biológico, masculino e feminino, não perpassa

apenas o real biológico, anatômico, mas é recheado de significantes. Assim, a sociedade que diz: “é menino”, porque nasceu como pênis e espera-se que se comporte de tal forma, ou “é menina”, porque nasceu com uma vagina e espera-se que aja por isso, de determinadas maneiras, mostra que meninas e meninos são significados do significante falo. Esse é o erro, isso só será verdade se o sujeito consentir com o significante do Nome-do-Pai, se aceitar os ditos dos adultos. Nesse sentido, ao intervir no órgão o sujeito transexual, espera intervir nos significantes. Vejamos o relato abaixo:

Pois em minhas veias hoje correm próteses biológicas que me auto-apliquei, na tentativa de bloquear alguns hormônios e expandir outros, que me fizeram cair pelos e pênis e crescer peitos, curvas, estrias, celulites e até mudar meu cheiro. Esse corpo passa a então entender a sua existência “torta” (em relação à sociedade que o encaixota, talvez por ele não ter nascido com xota) e a se apropriar dela, se empoderar dela: eu não sou corpo, sou corpa! Eu não sou binária, mas no binarismo sou mulher, eu não sou apenas Lucas, sou agora Maria Lucas em todos os documentos, até na certidão de nascimento, posso comprovar pra quem me exigir, pra quem eu quiser (blog 2,06/04/2022).

Sem dúvidas, tem havido avanços sociais que permitem as pessoas trans à liberdade de se apresentar da maneira como desejam; os avanços jurídicos, por exemplo, diminuem a marginalidade e concedem novas liberdades, entretanto, Tendlarz (2014) problematiza essa questão ao apontar o plus que a lei não pode nomear, como é a questão do gozo implicado nessas intervenções corporais, além disso, a autora chama a atenção para os sintomas da civilização atual, que se exprime na vontade de eliminar o simbólico tratando-o como real. Nesse sentido, a psicanálise continua a apostar na palavra como uma forma de dar um lugar ao que escapa ao sujeito, evadindo-se das ficções e retornando no real.

Vale ressaltar que muitos procedimentos biológicos e leis, no que se refere às pessoas trans, formularam-se a partir do avanço das teorias de gênero, e que a psicanálise aborda o gênero de modo distinto dessas teorias. Sobre as possíveis interlocuções entre a psicanálise e as teorias de gênero, Ambra (2014) afirma que a teoria dos discursos proposta por Lacan pode abrir caminho para um diálogo frutífero junto às teorias de gênero, pois entre os anos 1967 e 1971, em especial, no seminário XVII, “o avesso da psicanálise”, a teoria lacaniana enfatiza um sujeito mergulhado e determinado pelo discurso e pela história. Nesse momento de sua obra,

ocupa-se preferencialmente de uma definição histórica e ontogenética, em detrimento de definições antropológicas ou universais de sujeitos. Assim, ao pensar homens e mulheres enquanto semblantes vinculados a um discurso, é possível articular a teoria lacaniana às teorias de gênero.

O autor ainda defende a potencialidade deste ponto da teoria de Lacan, pois ela permite pensar a transexualidade sem recorrer à psicose, o que foi afirmado por Lacan até o fim de seu ensino ao enfatizar a escolha em aceitar ou recusar vincula-se a determinado discurso e semblante.

Um ponto importante encontrado em nossa pesquisa diz respeito à falta de inclusão das mulheres trans e pessoas não-binárias em algumas vertentes do feminismo, como é o caso do feminismo radical. Especificamente nesse blog, encontramos alguns textos que argumentam que a definição sobre o que é uma mulher se dá através do aparato biológico. “*O que define uma fêmea*”, “*Se assumir não binária é puxar o tapete de outras mulheres*”, “*O que é uma mulher*” e “*Não-Binário é o novo “Não é como as outras Garotas”*” foram alguns dos textos selecionados que tocam essa temática.

Além da identificação da mulher ocorrer através do sexo biológico, nesses textos, há a defesa de que, quando uma mulher do sexo biológico se assume como uma pessoa não binária ou trans, ela estaria reforçando que as dificuldades atribuídas às mulheres são tão grandes, que elas a renunciam, o que não apaga as violências sofridas por mulheres por séculos, ao contrário, as amplia. Dessa forma, há a defesa de que a categoria mulher, estabelecida enquanto sexo biológico, faz-se fundamental para as lutas políticas, vejamos:

Essa é a verdade desconfortável: dizer que você “não é como as outras garotas” não é uma identidade, é misoginia. Mulheres que se identificam como não-binárias dizem que sofrem uma opressão maior do que as mulheres que elas chamam de “cis”, um termo que deixa implícito que certas mulheres são cúmplices de sua própria opressão. Mas nós não somos privilegiadas por manter e entender as bases de nossa opressão; você é privilegiada se acha que pode escapar dela (blog 4, 13/04/2022).

Mas feminismo não é uma questão de identidade pessoal. Assim como sofrer sob o patriarcado não é o resultado de uma peculiaridade individual feminina. Infelizmente, nós não podemos nos “assumir” como seres humanos a fim de convencer homens a nos tratarem como iguais. Então, por favor, nos poupem de suas insinuações insultantes de

que podemos nos identificar (ou desidentificar) para fora da opressão estrutural. Enquanto isso, nós estaremos tentando construir um movimento político com o foco específico na liberação feminina (Blog 4, 29/04/2020).

De acordo com Sarmiento (2015), existe uma tensão que acompanha a prática e a teoria feminista: a definição de quem é o seu sujeito. Ao longo da história, as reivindicações pelos direitos iguais entre os sexos fizeram emergir o termo “mulheres” enquanto um grupo social. A partir dos anos 70, o termo “gênero” passa a ser incorporado aos estudos feminista, de forma que se passa a contestar a opressão, não como uma condição biológica e inevitável, mas construída pelo viés cultural. Com o desenvolvimento das teorias de gênero, chega-se aos estudos pós-estruturalistas e à teoria *queer*, que têm como um de seus principais nomes Judith Butler.

A filósofa desestabiliza o gênero, a identidade e o sexo biológico como dados naturais, defendendo-os como construtos culturais, não sendo possível, pois admitir uma construção prévia e binária dos sujeitos quanto a esses termos. Aqueles que não se adequem à lógica binária de uma heterossexualidade compulsória se tornam inteligíveis, ou seja, há certos tipos de identidade que não é permitida sua existência, por exemplo, corpo biologicamente mulher, gênero feminino, desejo por homens, prática heterossexual seriam os caminhos corretos a serem seguidos. Aqueles que não estejam em concordância com o sistema binário do gênero, que não sigam ao ideal exemplificado acima, são excluídos. Butler os denomina como “seres abjetos”, pois eles remetem ao monstruoso, como algo inumano por não estarem de acordo com os ideais culturais.

Butler (1990/2003) argumenta então que não há uma essência identitária no gênero e no sexo, mas sim uma ficção criada culturalmente dando essencial ao que é vazio logo, possível de múltiplas construções. Essa ficção possibilita o controle e a regulação dos afetos, corpos e sexualidade. Para a autora, o gênero é performativo, isso é, palavras, atos e gestos, que reproduzidos repetidamente, criam a ilusão de uma essência, dão substância ao gênero.

Alonso e Fuks (2014) afirmam que tanto na psicanálise quanto para os estudos de gênero há uma ruptura com o naturalismo biologizante como lugar para tratar as diferenças entre os sexos e enfatizam a construção do masculino e do feminino a partir dos discursos sociais e culturais

Segundo Ambar (2014), a partir da teoria dos discursos de Lacan, é possível pensar homens e mulheres enquanto modalidade de posicionamento frente à lei simbólica. Ou seja, no

nível do inconsciente, não se apresenta as diferenças sexuais e os sujeitos se reconhecem, pois seria a partir dos semblantes vinculado a um discurso que a diferença sexual estaria posta, fazendo com o que os sujeitos se organizem em torno de uma falta. A identidade sexual é pensada então pelo viés da castração. Os estereótipos, dessa forma, do homem enquanto viril, por exemplo, não passam da criação de um discurso. Assim, tanto a teoria lacaniana quanto as teorias de gênero estão em desacordo com o que foi encontrado nos blogs que se referem a homem e mulher definidos a partir de seu aparato biológico.

Butler aponta a inexistência desse sujeito que o feminismo procura representar. No livro *“o feminismo é feminino? A inexistência da mulher e a subversão da identidade”*, Moreira (2021) aproxima esta problemática que as teorias feministas enfrentam com a inexistência da mulher proposta por Lacan. Uma vez que a teoria de Butler entende o gênero como algo profundamente criativo, em que há várias possibilidades de produzir novas identidades, ela expõe que há algo no interior da experiência sexual que não se submete inteiramente as normas.

Essa desobediência ao simbólico pode ser aproximada do lado feminino da tábua da sexuação, conforme propõe Moreira (2021, p. 104):

Tanto por aquilo que no feminino se dirige para além da lógica fálica e é contrário às imposições do mestre quanto pela ausência de significante que designe A mulher, que faz do feminino, indeterminado. Se o gozo fálico é um gozo circunscrito no simbólico, para Laurent (2015), em seu artigo "Genre et jouissance" [Gênero e Gozo], "o gozo feminino é um processo que desconstrói as identidades" (Laurent, 2015, p. 151), pois não há Uma que faça exceção, de modo a fundar uma identidade para A mulher que torne cada sujeito do lado feminino um exemplo particular do mesmo. Pelo contrário, a feminilidade é um processo contínuo e inacabado, já que, devido à ausência do falo, não há traço que permita que um sujeito se identifique com o próprio corpo ou identidade capaz de recobrir o que no feminino é ausência. O gozo não-todo se dirige para além dos confins do simbólico e, por isso, expõe a precariedade das identidades face ao real do gozo. Se não há identidade possível para A mulher, há a das mulheres se inventarem.

Assim, de acordo com Moreira (2021), ao questionar o quanto, de fato, a identidade “mulher”, enquanto categoria fixa, representa os sujeitos nos movimentos feministas e as implicações políticas dessa identidade, Butler estaria propondo outros modos de fazer política, políticas que abrangem também os gêneros inteligíveis, isto é, Butler na verdade estaria

propondo o reconhecimento da inumanidade e da indeterminação dos corpos. Isso reconfiguraria os pactos sociais relacionados às minorias sociais, viabilizando modos menos violentos de existências, ao menos tempo que romperia com o binarismo heterossexual presente no próprio feminismo.

Nesse sentido, a proposta de Butler, de um novo tipo de política, que leve em consideração o contingencial, dispondo-se a ser pensada a partir do singular, é um ponto de partida para que se reconheça o que há de mais indomesticável em cada um possibilita a legitimidade da variedade de formas de vida e, conseqüentemente, diminui a violência. Conversa, pois, com a teoria lacaniana sobre a inexistência da mulher, uma vez que diante da inexistência de significantes que possa universalizá-las em um grupo, algo terá que ser inventado de forma singular. Em suma, é como se Butler procurasse legitimar o gozo não fálico, no sentido de dar um lugar na política em que esse Outro gozo fosse levado em consideração, de forma que seu reconhecimento nas políticas implica, conseqüentemente, em um combate à violência daqueles que experimentam a este Outro gozo.

Apesar deste Outro gozo ser justamente o que escapa ao simbólico, concordamos com as propostas de Butler sobre políticas que possam reconhecê-lo, que levam em consideração o contingencial, pois ao dar um lugar à alteridade, ao inumano, demarca-se um espaço para um tratamento das diferenças, o que possibilita outras respostas para além da violência.

Se nos blogs autointitulados como feministas radicais encontramos essas críticas voltadas às pessoas trans e não binárias como não pertencentes ao movimento feministas, em outros blogs é conferido um lugar para que as pessoas que passaram por esse processo de desidentificação. Vejamos:

Eu encontrei a minha liberdade na ideia de que era muito mais feliz em ser o que eu quisesse e a partir daí senti leveza em somar novas percepções. Se eu conseguia aceitar a mulher que era, eu conseguiria viver sem ser “mulher”? Se eu decidi que não deixaria mais que a sociedade controlasse como meus pelos seriam, quando minhas pernas ficariam ou não abertas, qual decote me tornaria mais ou menos vulgar, fazia sentido performar a feminilidade em outras questões? Era meu momento de experimentar ser ativa sobre a minha própria identidade e como eu a vivenciaria (blog 1, 10/05/2022).

O título do trecho acima é “*Relato da minha não-binaridade*”, esse texto nos chamou atenção pois expõe a importância de ouvir o que as pessoas que se consideram não binárias e

trans têm a dizer. Por muito tempo essas pessoas foram reconhecidas como patológicas por não se adequarem aos ideais da cultura, agora, finalmente, elas podem contar suas histórias, em primeira pessoa, faz-se necessário, portanto, atentar à escuta ao que só elas podem dizer sobre suas próprias experiências.

Preciado (2022) explica que o corpo trans é fonte de ódio e de desejo em todos os lugares, pois ao mesmo tempo em que é um corpo não colonizado, que não responde ao discurso dominante, apresenta-se como um fascínio para aqueles que tentam a todo o momento normatizar e encaixá-lo no binarismo homem e mulher. O autor faz uma série de comparações entre o corpo trans enquanto colônia, tal qual aconteceu com a África, e a heterossexualidade normativa enquanto Europa. Ou seja, para autor, há uma tentativa a todo o momento do discurso heteronormativo de capturar e de dominar o corpo trans que se apresenta como resistência a ser dominado e colonizado. Preciado ainda aponta que o corpo trans, por ser um corpo em constante transição, evidencia a fronteira escorregadia no binarismo homem e mulher, desafia, portanto, as narrativas, as instituições e as práticas disciplinares. A experiência de passar por um processo de desidentificação enquanto uma vivência escorregadia entre o binarismo homem e mulher foi encontrado no relato sobre a não binaridade recolhida em nossa pesquisa:

Hoje eu posso dizer que estou em um processo muito iniciante de reconhecer e entender a minha não-binariedade. Posso dizer que tem sido um mergulho diante do espelho. Por várias vezes eu experimento possibilidades fora da bolha da feminilidade e de repente ouço vozes dizendo “nossa, você parece um homem assim”. E aí aproveito este momento pra dizer: “por que não ser um homem?” Por outras vezes, eu simplesmente me enxergo como um não-gênero, nem homem nem mulher, mas apenas um ser com batom vermelho na cara, shorts masculinos, brincos pendurados e pelos nas pernas. Enfim, o que posso dizer é que estou saindo desse lugar de dois pontos opostos, onde eu olhava um com repulsa e medo, e o outro com expectativa e ansiedade, para me entregar a muitas possibilidades, tão variadas que talvez leve uma vida inteira para experimentá-las (blog 1, 10/05/2022).

Enquanto praticantes e estudiosos da psicanálise, é importante não cairmos na idealização da psicanálise como absoluta, que tudo pode enunciar, cabe lembrar que nossa posição enquanto analista é estar aberta aos anunciados dos sujeitos. Enfatizamos assim que movimentos que conferem um lugar para que as pessoas possam contar sobre sua experiência

estão dentro de seus limites, combatendo a violência, pois ao trazer esses debates a público, a palavra circula e novos entendimentos podem vir daí.

Ao tentar expor as questões que foram colocadas aos psicanalistas em nosso tempo, Vieira (2021) aponta que há uma desordem do real, o real já não é mais o que era antes e está em crise. O casamento entre a tecnociência e o capitalismo, em sua pior versão, o neoliberalismo, abalaram a ideia do real, tornando-a muito mais frágil. A crise do real reflete também na crise que o binarismo enfrenta atualmente, como é o caso do binarismo homem-mulher, que não estão mais no real e podem ser produzidos em laboratório, mostrando as muitas outras possibilidades além do binarismo.

O autor expõe que a dificuldade encontrada na prática clínica atualmente não está nessa multiplicidade, pois Lacan nos ensinou a ler além das figuras imaginárias de toda essa multiplicidade de possibilidades, que não são apenas binárias, tudo isso baseado no não universal da premissa fálica. Entretanto, apesar de ter uma bussola através das fórmulas da sexuação, seria arrogante dizer que as questões trans não trouxeram mudanças em nossas práticas clínicas.

É preciso recordar, portanto, que “o inconsciente é o outro”, e quem é o outro de nossa época? O discurso neoliberal aliado ao discurso da ciência tem impacto em uma posição do discurso trans e das pessoas não binárias – que é a ideia de que cada um é dono de si –, há, então, uma ideia de empreendedorismo sobre si, em que o sujeito se mostra idêntico a seu corpo. Essa é uma questão do capitalismo ligada à sexualidade, a ideia de que “eu posso fazer o que quiser da minha vida” vai em desencontro com o que a prática psicanalítica propõe, em que o sujeito nasce no Outro. O desafio se apresenta, então, pela dificuldade de achar o fantasma e trabalhar com ele, ao invés disso, o que se apresenta muitas vezes é uma certeza.

O autor ainda aponta que a autenticidade nos dias atuais é tida de uma forma invertida, diferente de antigamente, que a autenticidade era encarada como uma proximidade ao eu original. Atualmente a autenticidade está ligada a mudanças artificiais, como se nascêssemos com um sexo de fábrica e o sexo posterior. Isso tem um forte impacto nos sujeitos atualmente, porque o parecer se iguala ao ser, torna os sujeitos ainda mais dependentes do discurso neoliberal, como podemos ver no depoimento abaixo:

Acontece que nesse mundo protético, tudo que está associado a saúde, corpo, moda passa por processos neoliberais e capitalistas do consumo, fazendo com que a fatia social na qual me encontro precise estar alocada sempre à parte disso, na precariedade.

Construímos nossas táticas, aplicamos hormônios e silicone industrial (e apreendemos lá com nossas travestys trans-ancestrais), ocasionando assim, também, uma liberdade do CIS-tema, mas uma baixa expectativa de vida e variados danos às nossas saúdes.*
(blog 2, 06/04/2022).

O Outro de nossa época, portanto, parecer estar do lado do capital e do neoliberalismo, Vieira (2021) nos alerta para os perigos dos psicanalistas se convencerem de que cada um é dono do seu corpo, sem descanso, pois não há aí um sujeito dividido, apenas certezas. Certezas que não passam por uma nomeação do Outro, mas sim por uma “autonomeação”, sem restos, sem divisão. É, de fato, o tratamento do corpo pela tecnociência.

O desafio da psicanálise nesses tempos é o de encontrar um lugar para o tratamento pela palavra, colocar em dúvida as certezas, encontrar os fantasmas, mostrar ao sujeito que a sua insatisfação está ligada a um gozo (Vieira, 2021). Pensamos que esse é um dos motivos dos ataques à psicanálise, o Outro de nossa época não quer que o sujeito trans tenha dúvida, o Outro faz efeito do “sem resto” nos sujeitos trans. Já a clínica psicanalítica continua a insistir na dúvida e na divisão do sujeito. Vieira (2021, p. 19) (tradução nossa) complementa nossa ideia:

Então, eu acho que esse trans original, aquele trans com o qual todos concordam – todos médicos - fazê-lo existir com 20 meses é uma aliança entre médicos, pais, ciência - se quiserem-, sociedade, porque não sabem lidar com a relação não sexual, com o estranhamento que é um menino; não sabem o que fazer porque não tem mais pai na função. É assim que eles fazem isso: “Nós vamos fazer uma mudança de natureza porque nós podemos.

Dessa forma, faz-se importante apostar na palavra, então entendemos a categoria trans como um significante, ou seja, é fundamental ouvir o que essa palavra significa para cada um no singular sem um conhecimento prévio, “seja para com ela compor um modo de estar no mundo, seja para a partir dela encontrar formas outras de se nomear.” Lima (2022, p. 1656). Além disso, enfatizamos a urgência do reconhecimento de um lugar como sujeito no laço social, por meio de nomeação, pois conforme nos recorda Lacan, ao passar para o registro simbólico, é conferido possibilidades de tratar o mal-estar no campo da palavra, sendo essa, portanto, uma forma de combater a violência.

11. O TRAUMÁTICO DA LIBERAÇÃO SEXUAL

“Estamos então diante da verdadeira revolução do gozo feminino, um iluminismo sexual. Toda nossa noção de sexo está sendo finalmente revista, podemos ter uma percepção nova e muito mais eficiente do que nos faz atingir o clímax.” (blog 2, 09/02/2021).

O trecho que abre este capítulo nos mostra que a sexualidade no contemporâneo assume um caráter inédito, pelo menos para as mulheres, uma vez que a possibilidade de busca pelo prazer de forma livre era vista apenas no universo masculino. Agora elas querem se satisfazer sexualmente e transformar o que por muito tempo foi um tabu, o gozo feminino, em algo natural. Podemos aludir à teoria psicanalítica contribuições no que diz respeito a esse giro discursivo.

A sexualidade sempre foi um tema caro à psicanálise, pois foi a partir da constatação de que o sexo é sempre traumático para o sujeito que Freud pode desenvolver sua teoria. Desde então a psicanálise se envolveu de diferentes formas com as expressões e mudanças discursivas sobre a sexualidade. De acordo com Ianinni e Tavares (2019), o contexto em que Freud desenvolveu suas teorias sobre a sexualidade era envolto de certa disputa entre médicos, clérigos e pedagogos acerca do disciplinamento dos corpos e da validação de práticas sociais e subjetivas. O sexo era objeto de discurso, mas apenas para manter o medo, a vergonha e o temor, servindo como controle de corpos e de vidas. Foi nesta época também que os estudos científicos avançaram e a sociedade se voltou ao saber médico para excluir o patológico e anormal diante da saúde sexual.

Ainda de acordo com os autores supracitados, a vida sexual era legítima, desde que dentro do casamento, esta concessão social se apoiava no ideal de amor romântico, embora essa ligação amor-casamento-sexo fosse envolta de contradições e conflitos, já que as aventuras extraconjugais e as paixões não permitidas eram temas recorrentes na literatura e nos diários.

Foi nesse contexto, a partir dos seus estudos e casos clínicos, que Freud passa a questionar uma suposta naturalidade biológica da sexualidade nos seres humanos. O autor passa a defender uma bissexualidade inerente aos sujeitos e a discorrer sobre a sexualidade infantil. Além de propor uma ruptura entre a sexualidade e a procriação, afirmando que a criança é um perverso polimorfo. Textos como *A moral sexual cultural e a doença nervosa moderna* (1908)

denunciava que as repressões impostas pela cultura eram fonte de sofrimento, sendo indispensável à grande parte das estruturas certa medida de satisfação sexual.

Nesse sentido, Ianinni e Tavares (2019, p.10) apontam que “o texto de Freud não é apenas expressão de uma cultura, de seus valores explícitos e implícitos. Não é apenas reflexo *de*, mas também se reflete *na* e reconfigura *essa* própria cultura”. Assim, não por acaso, as ideias psicanalíticas acerca da sexualidade causaram escândalo, por um lado, a sociedade conservadora burguesa ficou incomodada e ofendida com as ideias de Freud acerca da sexualidade infantil, a bissexualidade inerente ao ser humano e as afirmações acerca da passividade e atividade presente em todos, homens e mulheres. Por outro lado, algumas vertentes do feminismo da época¹² acusavam Freud de dar continuidade a uma lógica binária da sexualidade, prolongamento do patriarcado e endossar o falocentrismo. Especialmente a teorização sobre a “inveja do pênis” foi bastante criticada, sendo contestada até mesmo por alguns psicanalistas¹³. Freud é alvo de críticas até hoje, assim, também encontramos nos blogs críticas ao pai da psicanálise, no texto *inveja do pau é o cacete*, a autora diz:

Então vemos cair por terra mais um histórico equívoco paternalista: a lorota criada por Freud de que o orgasmo clitoriano é inferior, ou pior, “infantil”. Embora cada uma

¹² De acordo com Cossi (2016) o movimento feminista dessa época também chamado de primeira onda do movimento feminista, se contrapunha as normas exigidas pela burguesia vitoriana que justificava a inferioridade e submissão da mulher a partir de seu aparato biológico, sendo excluída da vida sócio-política. Freud por um lado era interessante ao movimento da época pois recorria ao cultural através da trama edípica para explicar o tornasse homem ou mulher, entretanto, por outro lado, era acusado de dar continuidade ao patriarcado ao colocar a mulher enquanto inferior quando comparada ao homem a partir da diferença anatômica.

¹³ Dentro da psicanálise as posições freudianas também foram contestadas, em (1931) Freud apresenta respostas as divergências encontradas em suas investigações e as de Melanie Klein, Karen Horney e Ernest Jones, elas criticavam a centralidade proposta por Freud ao complexo de castração, a ênfase a inveja do pênis e ao primado do falo, conceitos dos quais Freud não abriu mão e seguiu defendendo. De acordo com Iannini e Tavares (2019) Karen Horney foi provavelmente a primeira a sugerir que a psicanálise seria um produto de especulação masculina e estaria inevitavelmente contaminada por uma posição política ou pré-teórica de seus estudiosos, uma vez que segundo a autora, a teoria freudiana sobre a feminilidade seria um prolongamento das teorias sexuais infantis masculinas. Esses argumentos com suas variantes constituíram uma das principais críticas feministas á Freud. Em contrapartida, as psicanalistas supracitadas colaboraram para uma articulação entre as posições feministas da época e a psicanálise.

de nós seja e sinta de forma diferente, nosso clitóris é rodeado por cerca de oito mil terminações nervosas, basicamente o dobro do sexo masculino.

Inveja do pau é o cacete! As feministas da segunda onda já levantavam essa bandeira e as civilizações antigas pareciam já saber disso, mas na sociedade moderna, se trata de um Renascimento (blog 2, 09/02/2021).

A autora critica as pesquisas científicas por centrarem seus estudos no órgão genital masculino, pois o prazer masculino sempre foi fonte de investigação, enquanto isso, o clitóris foi deixado de lado, e só a pouco tempo os estudos aludiram a esse órgão a responsabilidade pelo prazer feminino, conclui, então, que “*É preciso levar esse novo conhecimento pras escolas, pra mesa de jantar e principalmente pra nossa cama* (blog 2, 09/02/2021).

Ao mesmo tempo que fez questão de dialogar com diferentes saberes ao longo de sua obra, Freud propôs pensar a sexualidade de forma inédita. A teoria psicanalítica não estava de acordo nem com os preceitos de um determinado grupo, nem de outro. Porém, podemos observar o caráter subversivo da psicanálise, pois ao demonstrar que quanto mais rígidas as expectativas sociais sobre os sujeitos, maior o sofrimento - sendo preciso se satisfazer pelo menos parcialmente -, pode-se pensar em uma concepção da sexualidade repleta de contradições inconscientes. Freud revolucionou, assim, o paradigma daquela época.

Leguil (2016) aponta que a partir da psicanálise passou-se a interrogar sobre as questões relacionadas à sexualidade feminina, vista agora não apenas para a procriação. A frigidez, o desejo sexual, a diferença com que se experimenta o prazer sexual entre mulheres e homens passam a ser questões de estudos. Esta mudança de paradigma fez surgir o interesse pela sexualidade feminina.

O ponto de partida freudiano é que, tratando-se da sexualidade, as normas fracassam em tentar controlar a vida sexual dos seres. Os sintomas dos sujeitos atestam que as pulsões e os desejos se tratam de outra linguagem, as quais as normas sociais não dão conta. Assim, a perspectiva do inconsciente é a de uma cisão entre o que o sujeito diz e do que ele próprio não sabe. A partir dessa perspectiva, é possível situar a relação do sujeito com sua vida sexual através de outro ponto de vista, que não diz respeito nem à anatomia, nem à construção social, apesar de sofrer influência de ambas (Leguil, 2016).

A perspectiva freudiana é a do sujeito sexuado, ou seja, é um ser capturado pelo desejo do outro. A psicanálise trata do sujeito que está às voltas com seu desejo, às vezes perturbado, às vezes doente, às vezes aspira segui-lo. Mas um desejo que está sempre a colocar o sujeito

em um lugar de incertezas, pois aponta para o inconsciente. Freud faz então do sexo um lugar de questionamento, em que as dimensões do desejo e da pulsão convocam o sujeito a se interrogar sobre seu ser, de forma que esta interrogação não se trata de uma certeza, mas sempre de um vir-á-ser (Leguil, 2016).

Ainda de acordo com a autora, o mal-estar sexual da época de vitoriana, a repressão sexual, foi em muitos textos criticada por Freud, em que esse se preocupou em demonstrar as consequências nocivas aos sujeitos que viviam árduas repressões sexuais. Já no século XXI, a questão do mal-estar na sexualidade assume uma nova roupagem, uma vez que no Ocidente não se vive mais a era da repressão sexual, ao contrário, somos herdeiros da liberação sexual. A autora cita Miller (2005, p.8) para enfatizar que “a prática freudiana abriu caminho para o que se manifestou, [...] como uma “liberação do gozo”.”

Segundo Fuentes (2012), o espírito neoliberal da nossa época tem como efeito da tirania do mestre contemporâneo que “cada um goze à sua maneira, como melhor lhe convém” – o supereu é assim marcado pela satisfação imediata sem que essa operação passe pela lei da castração, de forma que se observa os efeitos devastadores de um gozo sem mediação simbólica. Esse gozo sem mediação seria produto da lógica do consumo que se impôs ao encontro sexual. Brousse (2012) usa como exemplo os sites de relacionamento para demonstrar a lógica mercantilista ao qual os encontros estão submetidos na atualidade, assim como os produtos a serem consumidos que geram categorias, concorrência, data de validade, pesquisa frenética do produto ideal, entre outros. A autora lembra que sempre houve um mercado do sexo, mesmo que limitado e confinado, porém, hoje, com as mutações em relação à legalidade, à legitimidade e à banalidade nos modos de procriação operados pela ciência e cada vez mais distinta da vida sexual, temos como consequências:

1. a vida sexual é, para a maioria, totalmente liberada dos laços sociais tradicionais que a continham, portanto, liberada do discurso, salvo o do capitalismo;
2. pelo contrário, ela é cada vez mais correlata ao imaginário no sentido próprio, ou seja, mais à imagem do corpo do que ao dizer; é o caso, por exemplo, da sexualidade gay que aciona as telas nos *backrooms* para transmitir vídeos pornô e proscreeve a fala entre os agentes, caso extremo, seguramente, mas que apenas acentua uma tendência em marcha em todas as outras formas de encontros;
3. é cada vez mais próxima da perversão, no sentido do termo no século XIX; a expressão de Freud sobre a sexualidade infantil “perversa polimorfa” vale, doravante,

para a sexualidade adulta, que lhe acrescenta a dimensão do ato — sexual — que a caracteriza; se a sexualidade sempre foi organizada pela fantasia, ela própria perversa, hoje ela declara sem recalçamento suas próprias práticas no Outro e reivindica essa polimorfia;

4. podemos ver nela, então, uma extensão do domínio da passagem ao ato (Brousse, 2012, p.195).

Diante deste novo contexto, em que há uma reivindicação ao gozo, de tal forma que sua liberação tem relação com os imperativos do discurso capitalista, afetando e modificando os laços sociais, o que os resultados da nossa pesquisa têm a dizer? Um ponto que nos chama a atenção é a discussão levantada pelas mulheres, se elas estariam vivendo um momento de liberdade sexual ou se estariam sendo ensinadas a se hipersexualizar para atender a uma posição de objeto do outro.

O texto recolhido do blog 2 cujo o título é “*liberdade no café da manhã*” defende a posição de que quando uma mulher gosta de sensualizar e fala abertamente sobre sexo, ela é alvo de críticas dentro do próprio movimento feminista, que a acusa de se colocar em uma posição de objeto do patriarcado, sem reconhecer que as mulheres podem receber prazer ao se hipersexualizar, pois elas estariam em uma posição de receber prazer e não apenas dar. Vejamos o trecho abaixo:

A única coisa que me chamou a atenção foi o não dito: por que uma mulher livre para receber, sentir e viver o prazer incomoda tanto? Existe uma perspectiva que sempre fica de fora na narrativa da mulher que se hipersexualiza e, assim, se coloca como objeto do patriarcado. Quando olhamos para uma mulher que está muito confortável dentro do seu próprio corpo e construímos a narrativa de que ela está indo contra o que nós, feministas, lutamos, estamos, na verdade, perpetuando a ideia de que a sexualidade de uma mulher só existe para dar prazer e nunca para receber. Pra mim esse é o ponto G dessa conversa. Luísa está se colocando como objeto do patriarcado ou é dona da sua sexualidade, e por isso, está disponível para receber prazer, inclusive de um homem? Como a gente desconstrói de uma vez por todas a ideia de que em uma relação sexual a mulher está sempre a disposição do gozo do outro e nunca ao contrário? (blog 2, 18/02/2022).

Em uma outra perspectiva, encontramos no blog 4 um texto cujo o título é “*objetos não objetam*”, em que a autora defende que atualmente está havendo uma confusão entre ser dona de sua própria sexualidade e se hipersexualizar, pois muitas mulheres estão se objetificando como se isso se fosse sinônimo de liberdade, quando na verdade este movimento expressa as projeções masculinas e da cultura pornográfica. Vejamos:

Meninas e mulheres estão sendo ensinadas a se auto-objetificar, prontas para serem usadas e exploradas por homens, potencialmente vendidas e consumidas por homens, por meio do “feminismo liberal” para se tornarem pornificadas, embaladas e anunciadas online para homens (...). O pós-feminismo passou a ditar a maneira como as mulheres administram sua vida física, psíquica e sexual. Por exemplo, as mensagens da mídia exortando as mulheres a “se inclinarem”, “amarem seus corpos” e “serem confiantes” cultivaram uma cultura que exorta as mulheres a se esforçarem continuamente para a “perfeição” em todas as esferas da vida. Essa perfeição tem um preço, pois é supostamente alcançada por meio do consumo de produtos. (blog 4, 15/12/2021)

Os depoimentos recolhidos nos mostram perspectivas distintas acerca da sexualidade feminina na atualidade. Viver uma sexualidade plenamente livre seria, de fato, sinônimo de liberdade ou uma forma de se colocar à disposição do mercado, como um produto a ser consumido?

Ao discutir sobre os pontos que aproximam e distanciam a psicanálise das teorias de gênero, Caldas (2013) mostra que o conceito de sujeito é um ponto de convergência entre a teoria de gênero e a sexuação lacaniana, pois em ambas a fala é colocada em primeiro plano, a autora aponta que as conquistas das teorias de gênero promoveram uma subversão do lugar em que a mulher era falada, ao tomar a voz, produziram mudanças no discurso cultural e influenciaram na revisão da ordem do discurso. Entretanto, as teorias de gênero mais arrojadas consideram que a falha no gozo se dá pela falta de liberação e repressão sexual, enquanto a psicanálise defende que a sexuação implica necessariamente em uma perda irreduzível, em um gozo não todo articulado a castração. Esse seria um dos pontos de maior divergência entre esses dois campos.

A respeito desse ponto de divergência indicado por Caldas, de um gozo não todo articulado à castração, Kehl (2017) ao argumentar o porquê de a teoria freudiana ser relevante ainda nos dias atuais aponta que mesmo vivendo em uma sociedade que exalta a liberdade sexual, em que há um imperativo do gozo, quanto mais melhor, só é possível gozar até um certo

limite. Foi o que Freud nos ensinou com a pulsão de morte, conceito importante que Lacan se serviu para formular a ideia de um Outro gozo, mas além do gozo fálico, conceitos seguem atuais, uma vez que provavelmente sempre haverá um excesso pulsional que não encontra plena satisfação, pois a vida coletiva há de exigir, não se sabe até quando, alguma contenção pulsional.

Não haveria, portanto, uma sexualidade plenamente livre, pois o que se deseja, a forma como se relaciona, como um sujeito se excita tem relação com as fantasias e os fantasmas construídos ao longo de história de cada um. Paralelo a isso, Preciado (2008/2018) chama a atenção para as transformações que o capitalismo sofreu nas últimas décadas, de tal forma que o corpo, a sexualidade e os afetos passam a ser o centro da atividade política e econômica.

O controle sobre a vida dos sujeitos vai além do poder de administrar a vida, como propunha Foucault, mas diz respeito também a constituição de um regime disciplinar que controla mecanismos de representação e produção cultural que ditam o que é desejável ou não, e pior, sem que os sujeitos se deem conta, pois o mercado opera a partir de um discurso supostamente libertário, difundindo a ideia de que cada um pode ser e fazer o que quiser. As falas das mulheres também denunciam isso:

Liberdade é poder dizer sim? Com certeza você já ouviu falar que a criação da pílula anticoncepcional levou a uma revolução sexual, não é? E que, com a pílula, agora as mulheres teriam poder sobre o próprio corpo, não é? Bom... Será? Quando “revolução sexual” é sinônimo de poder fazer sexo irrestrito—e com homens, bom frisar—numa sociedade que já nos diz que temos que estar sexualmente disponíveis para homens, isso realmente parece revolucionário—no sentido mais essencial da palavra, de algo que subverte a ordem vigente? Se antes as mulheres que faziam sexo porque queriam eram putas, agora as que não querem são “frígidas”, e a sexualidade feminina segue sendo algo regulado pela régua masculina. Os debates que realmente interessam ficam pra trás: consentimento, coerção, culpa, sexo por “dever”, estupro corretivo, estupro marital; além das coisas positivas, relacionadas à descoberta do prazer, autoconhecimento, aceitação do próprio corpo, explorar a própria sexualidade, permitir-se vivenciar seus desejos e seus amores de maneiras não convencionais, descobrir o que te excita, o que te broxa, qual é sua “frequência” sexual, e, o mais importante de tudo: fazer tudo isso por você mesma e não por outra pessoa, pensando

em você, na sua relação com seu corpo em primeiro lugar, para depois pensar numa eventual pessoa parceira (blog 4, 22/03/2021).

De acordo com Preciado (2008/2018), após o fordismo, o capitalismo não tem mais as empresas como matéria prima, mas sim a subjetividade humana, o que está em jogo agora é a produção de símbolos, linguagem, informações e afetos. De forma que, ao mesmo tempo que o crescimento da indústria farmacêutica, pornográfica e audiovisual orientam as ações e desejos dos sujeitos, também os transformam em agentes

A preocupação sobre como o capitalismo vem definindo a subjetividade humana também foi encontrado nos resultados de nossa pesquisa. No texto intitulado “*ppk de plástico*” recolhido do blog 2, a autora se mostra preocupada com as cirurgias plásticas no órgão genital que muitas mulheres têm se submetido, a partir do que vem se estabelecendo como um padrão de beleza da vagina. Vejamos:

Mulheres cis andam se aventurando em cirurgias plásticas para adaptar vaginas a padrões insólitos alimentados pela indústria pornô, fruto de uma cultura que alimenta construções enviesadas sobre beleza e de alucinações misóginas (...) quando passamos a distorcer nossa essência para que se torne mais confortável ao olhar alheio, nos rendemos a transformar em produto uma parte essencial do que nos compõe (...) Nosso corpo é aceito quando parecemos ser feitas de plástico, desumanizadas, lisas e uniformes como estátuas. Inibir a nossa natureza volta a ser a chave para pertencer. (Blog 2, 22/06/2021).

Os termos “desumanizadas” e “inibir nossa natureza” nos chamam a atenção no trecho recolhido, pois ao articular o depoimento com a teoria, percebemos que a tecnologia vem sendo usada atualmente como um tampão, há uma tentativa em eliminar o que falha, o que causa algum tipo de sofrimento, sempre em busca pelo que é entendido como perfeição. Entretanto, ao longo das obras de Freud e Lacan, aprendemos que o humano se trata justamente do que não cessa de falhar, os dejetos, que tanto os sujeitos tentam se livrar, e que os analistas insistem em dar um lugar. Aprendemos também que o sexo é conectado ao corpo, mas também ao pensamento, ou seja, ao simbólico, e isso causa uma perturbação ao sujeito, pois mostra uma desarmonia entre os significantes e as pulsões. O discurso capitalista atrelado à ciência se mostra tão convidativo justamente por oferecer uma solução para a perturbação dos sujeitos.

De acordo com Bezerra (2020), aquilo que é produzido pela tecnologia tem sempre uma relação com a castração. Do ponto de vista da teoria freudiana, a relação desarmônica por excelência entre sujeito e cultura transparece na relação dos sujeitos com a tecnologia, pois aquilo que falta e que foi perdido é tentado recuperar através da produção de novas técnicas. Há, então uma tentativa de dominar o mundo à sua volta e colocá-lo a sua disposição, porém isso não traz melhorias nos termos econômicos pulsionais, pois com o avanço tecnológico surgem novos conflitos e novas impossibilidades, a ponto de se criar sempre uma nova tentativa de dominar o que ainda não foi dominado, mas que não passa de um ciclo vicioso que não consegue dar conta do buraco estrutural do ser humano. Vejamos o trecho abaixo:

A castração conferida às mulheres em todos os níveis da sociedade é eternizada através de uma vulva infantilizada, sem pêlos, sem realidade (...) A cultura da idealização sempre existiu e vai existir, não sejamos ingênuas. O que precisamos provocar é uma sociedade que olhe pro próprio corpo e pro corpo ao lado com afeto e empatia, assumindo a naturalidade como beleza e potência (Blog 2, 22/06/2021).

Nesse sentido, podemos pensar nas cirurgias plásticas citadas no trecho recolhido, como uma tentativa de se proteger da castração, pois diante de um corpo que não é perfeito, que vem mostrar a falta, a cirurgia pode mascarar a falta, ao mesmo tempo que encaixa o corpo aos ideais impostos pelo Outro. Assim, partindo dessa perspectiva, podemos relacionar as cirurgias com a ideia de máscara proposta por Joan Rivière¹⁴ e a noção de semblante proposta por Lacan no seminário XVIII, *De um discurso que não fosse semblante*.

Em seu artigo de 1929 “*A feminilidade como máscara*”, Joan Rivière, a partir do estudo de um caso clínico de uma mulher bem sucedida, defende que a feminilidade tem a estrutura de uma máscara, ou seja, é um disfarce de dupla função, tendo em vista que serve como fantasia de posse do pênis do pai, ao mesmo tempo em que a protege de uma possível retaliação por partes dos pais por possuir o pênis. O jogo de hora ostentar o pênis, hora proteger-se por tê-lo, seria tão intenso que a autora chega a afirmar que a feminilidade seria equivalente a máscara.

Ao explanar sobre o falo enquanto significante, Lacan (1958/1998) faz referência a máscara como um suporte ao significante, pois diante da castração, a máscara serve como

¹⁴ O artigo de Joan Rivière publicado em 1929 “*A feminilidade como máscara*”, se tornou um clássico da literatura psicanalítica sobre a feminilidade, pois já nesse momento a autora dava indícios de uma feminilidade que escapava a lógica fálica.

refúgio para a feminilidade, de forma que o parecer substitui o não-ter, os atributos nomeados na máscara servem como captura do desejo do outro. A máscara seria, portanto, um artifício para se fazer de falo.

Ao discutir sobre a função da máscara, Leão (2018) aponta que a máscara se apresenta como um recurso de criação e de proteção que busca responder à questão sobre o que é uma mulher, diante dessa inquietude, a utilização da máscara auxilia na criação de uma identidade feminina, já que a mulher enquanto significante não existe, ao mesmo tempo em que a protege frente essa inexistência. Porém, acreditar que a feminilidade e a máscara são equivalentes seria o mesmo que acreditar que tudo pode ser dito a respeito do feminino, assim, mais do que velar o vazio, a máscara denuncia mais uma vez a incapacidade de o discurso dizer tudo sobre o feminino.

Anos depois do artigo de Joan Rivière, Lacan formula a noção de semblante, e, embora seja um conceito que conversa com a noção de máscara, há distinções entre elas. De acordo com Cossi (2016), Lacan se refere à máscara descrita por Joan Rivière como um recurso próprio da feminilidade que velaria o nada. Afim de se colocar enquanto objeto causa de desejo, a máscara se presta à nomeação dos atributos fálicos na tentativa de capturar o desejo do Outro. Já a noção de semblante, que até então não tinha grande destaque na teoria psicanalítica, ganha importância no seminário XVIII, *De um discurso que não fosse semblante*, a ponto de Lacan revisitar sua teoria dos discursos e renomear o lugar de agente como o lugar de semblante.

Lacan (1971/2009) aproxima o semblante da verdade, ou seja, da ficção de cada um, o semblante seria o que sustenta esta verdade do sujeito, assim o semblante carrega em si significantes que estão atrelados a um discurso. O semblante não diz puramente de uma imagem, mas dá consistência a ela justamente através da verdade, (p. 25):” A verdade não é o contrário do semblante. A verdade é a dimensão, ou diz-mansão (...) estritamente correlata àquela do semblante. A diz-mansão da verdade sustenta a do semblante. Alguma coisa é indicada, afinal, de onde quer chegar esse semblante.”

O semblante está, dessa forma, no lugar da verdade do discurso. Todos os discursos (discurso do mestre, da histeria, da universidade e o do psicanalista) são sustentados por um semblante. Cossi (2016) afirma que a partir da noção de semblante é possível articular a sexualidade com as teorias dos discursos, pois a verdade do sujeito se sexualiza pelo viés do semblante.

Lacan (1971/2009) recorda que Freud mostrou que o inconsciente nada tem de biológico, assim só é possível a sexualidade humana ser pensada a partir da relação sexual. Ao

comparar o semblante humano com o do animal, aponta que a grande diferença entre eles está no fato de que o semblante humano se vincula a um discurso. Assim, um sujeito pode se identificar enquanto homem ou mulher não pelo aparato biológico, mas tomando o outro como referência: “A identificação sexual não consiste em alguém se acreditar homem ou mulher, mas em levar em conta que existem mulheres, para o menino, e existem homens, para a menina.” (p. 33). É o paradigma da diferença sexual, portanto, que faz o sujeito se reconhecer enquanto homem ou mulher, essa diferença conta com a ajuda dos semblantes para o reconhecimento de um lugar no discurso.

Nesse sentido, articulando a noção de semblante aos resultados de nossa pesquisa, podemos inferir que as cirurgias podem ter para os sujeitos a função de dar consistência a verdade do sujeito, tampona o real. Ao se identificar enquanto homem ou mulher, a cirurgia é usada como uma espécie de reforço para que o sujeito se encaixe sobre o que se diz parecer com um homem ou com uma mulher, serve, portanto, como um suporte para sustentar esse lugar.

Assim, para a teoria lacaniana, homem e mulher é uma invenção simbólica, que muda de semblante conforme o discurso de cada época, ainda que este discurso não possa dizer tudo sobre o feminino. Como semblante é discurso e o discurso está sempre em movimento, mudando, os semblantes têm a característica de não cessar, de estar sempre à disposição das mutações dos discursos.

As discussões entre as mulheres, sobre a liberdade sexual, ou recorrer às cirurgias seria uma forma de exercer liberdade ou se seria apenas mais uma forma de atender as expectativas do discurso dominante da nossa época, atestam a impossibilidade de o discurso dizer tudo sobre o feminino, pois os semblantes podem encobrir o real, mas não de forma total. Compreendemos assim que as falas das mulheres demonstram os pontos em que os discursos e os semblantes vacilam e denunciam, dessa forma, o mal-estar advindos daí.

Os discursos das mulheres seguem, portanto, denunciando o não-todo, como algo incapaz de ser totalmente apreendido pela cultura, elas seguem denunciando a falha na simbolização, como é evidenciado no depoimento abaixo:

Se o patriarcado quer que mulheres não tenham voz na política, as feministas (e marxistas, anarquistas, e outros grupos de mulheres) é que são as extremistas, as históricas, as que reclamam por tudo. Se o patriarcado quer que mulheres não trabalhem e que fiquem em casa cuidando dos filhos, as feministas é que são as anti-

família, anti-deus, anti-tudo, de novo frígidas, defeituosas por não quererem ser mães, petulantes. São sempre elas. Mulheres heréticas sempre existiram e sempre vão existir. A supressão da resistência acompanhada por sua re-nomeação via contrapropaganda é uma tática mais velha que andar pra trás (blog 4, 22/03/2021).

Acreditamos que a resistência a qual o depoimento recolhido acima se refere, diz sobre à resistência do feminino ser apreendido pela cultura. Assim, a posição feminina, entendida como o não-todo, insiste em denunciar as falhas da cultura funcionar perfeitamente bem, por isso o rechaço ao feminino.

Nas falas das mulheres, também foi possível encontrar a sexualidade enquanto algo inventivo, que foge, pelo menos em parte, do que é esperado socialmente, apresentando-se de infinitas maneiras, como podemos observar abaixo:

Sexualidade também é vida, criatividade, força, poder, leveza, fluidez, autoestima, segurança. E quanto mais intimidade a gente tem com o nosso prazer, mais intimidade a gente pode ter com a gente mesmo. Gozar é uma revolução, principalmente quando você é uma mulher, principalmente quando o seu corpo é uma manifestação das suas infinitas possibilidades (blog 2, 18/02/2022).

A defesa da sexualidade enquanto algo criativo e inventivo conversa com o que Freud propôs ao pensar a sexualidade enquanto perversa polimorfa, pois ele está dizendo que a sexualidade humana não tem como principal objetivo a reprodução, a autopreservação da espécie, bem como não há um objeto certo ou adequado que satisfaça o ser humano, sendo sempre o objeto de satisfação contingencial, o que faz com que surja infinitas possibilidades de práticas e objetos de desejos. Há, algo, portanto, próprio da sexualidade humana que resiste as imposições culturais, não sendo possível domesticar totalmente as pulsões, ainda que os semblantes sirvam como suporte, algo insiste em escapar.

Na leitura dos blogs também percebemos que o desejo feminino segue como uma questão inesgotável. Encontramos a pergunta freudiana “afinal, o que quer uma mulher?” de forma atualizada. No texto *A tentativa da playboy de se reinventar num mundo que não aceita misoginia*, a autora discute a história da revista que tenta se adaptar aos tempos atuais em que a objetificação da sexualidade feminina não é mais vista com naturalidade. A autora afirma que

o objetivo da revista é alcançar pelo menos 50% de leitoras mulheres, mas os editores chefes estão às voltas com essa questão, pois não sabem como:

Para isso, seria preciso definir: como é o desejo daquele que não é o homem cisgênero e heterossexual? (...) O olhar desejante masculino é tão influente em pessoas de todos os gêneros que sequer sabemos muito bem como se daria o olhar desejante feminino. (blog 2, 20/10/2021)

A autora aposta que a resposta tem a ver com as sutilezas que contribuem para o desejo, uma vez que para ela: “o desejo masculino objetifica a mulher, o desejo feminino subjetifica o homem” (blog 2, 20/10/2021). Dessa forma, o texto nos chamou atenção por atualizar a questão freudiana a respeito do desejo feminino, ao que parece, o desejo feminino segue como enigma. Esse trecho mostra uma mudança na posição das mulheres importante, agora o olhar desejante feminino é levado em consideração, a cultura tenta apreender o que as mulheres querem, já que agora há muita mais liberdade para viver a sexualidade e elas são potenciais consumidoras de revistas como a *playboy*. Talvez a autora aposte no desejo feminino como o que subjetifica porque ele aponta para o não-todo.

Em um outro texto, uma autora reflete sobre a importância do olhar feminino nas representações culturais, vejamos:

O que acontece quando uma mulher conta uma história, cria uma imagem, desenha uma roupa, escreve um livro, dirige um filme? (...) Um olhar feminino, na verdade, é antes de tudo, uma possibilidade de representação da experiência feminina no mundo. Ele nasce da profundidade do ser mulher, que vem junto com muitos séculos de repressão e silenciamento. E inclui tudo o que pode existir dentro de uma pessoa. Suas dores, seus medos, seus amores, suas músicas, suas memórias, suas manias, sua história. São suas emoções em movimento. Uma mulher quando descobre a sua voz muda o futuro porque todos os detalhes do mundo que a gente conhece foi imaginado por um homem. (blog 2, 10/08/2021).

Podemos dizer, a partir dos relatos expostos, que o olhar feminino tem uma potência criativa porque aponta para o que há de inédito e singular nos sujeitos, abre, pois, a possibilidade

de sair do universal e pensar no um a um, de inúmeras maneiras. Vejamos o que a psicanálise pode dizer sobre isso.

Freud fez formulações importantes sobre o desejo humano. Ele articula a constituição fundamental do aparelho psíquico humano com a questão da necessidade e da ascensão ao desejo. Para ele, demanda e castração são conceitos intrinsecamente ligados. Porém, ao se voltar para as questões específicas no que se refere ao desejo feminino, Freud encontrou dificuldades.

Ao analisar os textos que Freud trata as questões femininas de forma mais aprofundada, como *A sexualidade feminina* de 1931, e *Feminilidade* de 1933, percebemos que o fundador da psicanálise encontrou em seus estudos sobre o desenvolvimento feminino grandes entraves, isso se deu em parte porque, diferentemente do que Freud encontrava em seus estudos a respeito do desenvolvimento masculino, que ele conseguia universalizar sua teoria, quando partia para as questões femininas esta universalização não era possível. No final do seu texto sobre a feminilidade, ele afirma que homens e mulheres parecem estar em fases psicológicas diferentes; ao contrário dos homens, uma mulher de trinta anos parece estar com a libido esgotada e rígida, sendo incapaz de modificá-la.

Hoje apostamos que a rigidez da libido feminina a qual Freud se referia tem relação com os destinos sociais as quais as mulheres estavam submetidas. Mas mais do que isso, as dificuldades de Freud apontam para parte da exclusão simbólica que o gozo feminino está inserido, daí sua dificuldade de progredir em uma teoria sobre o feminino, bem como as surpresas e os espantos que encontrava a cada novo caso, é que não é possível dizer algo sobre todas as mulheres.

Diante da problemática do feminino fora do simbólico, Freud soube evocar algumas variações do desejo ligadas ao falo. Em alguns momentos de sua obra, ele diz que para a mulher é mais importante ser amada do que amar, também se refere ao amor de um homem e a um filho fálico como objetos causa de desejo para a mulher. Sabemos que raramente os casos ligados ao ser/ter permitem fechar a questão do desejo, pelo menos em uma posição feminina.

Segundo Soler (2005), a dificuldade em interpretar o desejo feminino diz respeito à máscara que interdita qualquer acesso direto ao feminino, o desejo, então, só pode ser deduzido a partir do momento que a máscara o vela. Não sabemos, pois, o que desejam as mulheres, justamente por elas escapulirem do universal fálico, o seu desejo também aponta para o não-todo, de tal forma que isso causa angústia aos que estão ao seu redor e a elas mesmas.

Para Lacan, “o desejo do homem é o desejo do outro”. (1964/1985, p. 223.) O outro enquanto incompleto e barrado segue como desejante, é o enigma desse desejo obscuro, não

havendo a possibilidade de ser revelado, que torna o desejo metonímico. Há, então, a tentativa do sujeito de alcançar esse desejo, o qual Lacan designou como objeto a, um objeto perdido e impossível de ser alcançado e indecifrável. É a tentativa de achar esse objeto que move o sujeito em busca sempre de uma outra coisa. É por isso que para Lacan a falta está articulada ao desejo, é preciso que falte para que o sujeito continue a buscar o objeto perdido. Além disso, o objeto causa de desejo é também concentrado de gozo.

Se o desejo do sujeito é o desejo do outro, há sempre um deslocamento em busca do que aparenta ser o objeto perdido – o simbólico é uma bússola nesta busca, talvez por isso a autora do trecho acima reconheça o desejo masculino como o que objetifica a mulher, pois o falo funciona como uma organização da falta, do gozo e do desejo. Em suma, é isso que Lacan propõe ao pensar o desejo dentro do simbólico.

Ao tratar das particularidades do desejo feminino, em *Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina* (1960/1998), apontou-se uma perspectiva diferente da freudiana, tendo em vista que ele trata o assunto a partir da homossexualidade feminina, diferente de Freud que a pensava como uma renúncia à feminilidade. Para Lacan, a homossexualidade feminina exalta a feminilidade através de sua parceira, Lacan diz: “por aí talvez se descubra o acesso que leva a sexualidade feminina ao próprio desejo”. (p.744).

Qual seria então a especificidade do desejo feminino? Essa pergunta foi levantada por vários psicanalistas e continua a aparecer como enigma nos resultados da nossa pesquisa. Ao fazer uma releitura de Freud e Lacan, sobre alguns casos de histeria como o de Dora e a bela açougueira, Soler (2006) aponta que graças as históricas ouvidas por Freud foi possível identificar a série de objetos parciais movidos pelo desejo, como o desejo do Outro, porém não foi sobre o desejo feminino que elas o instruíram e sim sobre a causa do desejo masculino, uma vez que em uma posição histórica não necessariamente é movida pelo desejo, mas o que as fascina é o objeto agalmático que faz desejar. Assim em uma posição histórica a referência é o querer ser, pois há uma identificação com a posição masculina, com seu ter fálico, com sua falta, pois o que está em jogo é querer ser a causa de desejo do outro, “não se trata apenas de fazer o Outro desejar sexualmente, mas de fazê-lo dizer a causa” (Soler, 2006, p.71).

Enquanto que na posição feminina a referência é o gozo, Soler (2006) então diz que, em suma, a resposta de Lacan à pergunta enigmática Freudiana sobre o que quer uma mulher é: ela quer gozar, ou fazer gozar, é por isso que, para Lacan, uma mulher especifica-se por ser sintoma, com seu gozo ilimitado. A autora ainda lembra que essas posições podem ser ocupadas em um

mesmo sujeito, dividindo-o, porém do lado não-todo fálico o que faz eco é sua invocação a um Outro cujo enigma não se limita ao falo.

Essa referência ao gozo é encontrada em nossa pesquisa, como o trecho mostra: “*É bom lembrar, a sexualidade feminina segue plural e individual. Não existe fórmula ou método infalível que ensine a gozar. Mas existe muito, muito prazer em se conhecer.*” (blog 2, 09/02/2021). Podemos inferir que embora não possamos dizer o que quer uma mulher, a referência ao gozo aponta para algo único e particular. Uma posição em que os métodos e o universal falham.

É, portanto, impossível apreender o desejo feminino e, ao invocá-lo, temos acesso à sua parcela simbólica parcial. Não é possível dizer dele porque nem mesmo elas sabem, trata-se, pois, de uma experiência que aponta para o não-universal, sendo impossível generalizá-lo, pois quando nos referimos ao Outro gozo, estamos nos referindo ao ponto mais singular de cada um, em que as normas e as expectativas não têm vez e a experiência é soberana, talvez por isso se trate de uma experiência de solidão.

Concluimos que, apesar de haver um discurso circulando com intensidade acerca da liberação sexual, a liberação não anula o caráter traumático da sexualidade, pois as renúncias pulsionais são indispensáveis para a vida em sociedade. As máscaras, os semblantes e os discursos operam na tentativa de organizar o gozo, sempre excessivo, porém há um resto impossível de ser simbolizável, como é o caso do desejo feminino, que só pode apreendido parcialmente. É justamente a falta articulada a esse impossível de ser simbolizado que se abre espaço para o desejo, que não cessa de gerar enigma, como nossa pesquisa mostrou.

Os discursos das mulheres revelam as mudanças subjetivas da cultura. Há uma mudança de posição de não ser apenas falada, mas de agora poder finalmente falar. Falar sobre o ódio à maternidade, sobre o desejo de não ter um filho, sobre o que se espera de um homem, sobre o que dá prazer, sobre o que traz sofrimento, discordar de estudiosos como Freud. Enfim, as pluralidades dos depoimentos mostram que há uma tentativa de falar sobre o que não cessa, este Outro gozo, que ora se apresenta como fonte de sofrimento, pois se trata de um excesso singular, impossível de formar grupo, e por isso o entendemos como uma experiência solitária; ora esse Outro gozo revela seu caráter criativo. Na fórmula da sexuação é do lado do feminino que se situa a invenção, ou seja, para além das saídas já postas pela cultura, há a necessidade de cada um inventar algo para si, algo que funcione como ordenador desse excesso.

12. MOMENTO DE CONCLUIR... POR ENQUANTO

Partindo da concepção lacaniana de que os discursos fundam a cultura, nosso trabalho explorou como o discurso do mestre, ao qual estamos nos referindo ao patriarcado, buscou fixar as mulheres ao longo da história em lugares pré-estabelecidos. Os movimentos feministas assumiram uma posição discursiva histórica e ao questionar o lugar do mestre possibilitaram giros discursivos importantes, a partir desses giros, as mulheres puderam ampliar suas escolhas e seus lugares.

A psicanálise também provou mudanças culturais importantes, ao enfatizar a relação desarmônica por excelência entre sujeito e cultura, possibilitando pensar na gestão dessa desarmonia por outros vieses que não apenas da exclusão total do sofrimento. No que se refere às problemáticas femininas, ao entender que o sujeito em uma posição feminina está não toda inserida na lógica fálica, trouxe à cena o Outro gozo, como aquele impossível de ser totalmente domado pelo discurso.

Apesar dos discursos terem uma função organizativa importante, pois ordenam o gozo dos sujeitos, há um resto impossível de ser simbolizado. Compreendemos que no contemporâneo esse resto vem sendo rechaçado de forma acentuada, pois o discurso do mestre atual, ao qual aludimos o discurso capitalista alinhado ao discurso da universidade, exclui tudo que não pode ser apreendido pela lógica do mercado.

Dessa forma, há uma aproximação entre esse resto impossível de ser simbolizado e a posição feminina, de modo que há, no contemporâneo, um rechaço ao feminino, pois os sujeitos que estão nessa posição trazem à tona esse resto, revelam a impotência do mestre e que no campo do não-todo não é possível operar a lógica do mercado, pelo menos não de forma total. Isso tem como consequência uma sociedade mais segregadora e com dificuldades em lidar com a alteridade.

Assim, a partir da nossa pesquisa, podemos dizer que o mal-estar provocado pelo discurso do mestre atual tem muitas vezes como consequência o tratamento das questões que perpassam a feminilidade e a construção do que seria a mulher, a partir do real. Em alguns depoimentos recolhidos, as mulheres têm atendido a demanda do mestre contemporâneo e tratando as problemáticas que envolvem o feminino pela lógica mercantil.

Por esse viés, um sujeito torna-se mulher a partir do que pode ter, ou de qual posição social ocupa. Aqueles que não conseguem participar dessa lógica são excluídos.

Essa lógica opera muitas vezes de forma velada, pois aliena o sujeito, criando a ilusão de que cada um é dono de si e livre para fazer o que quiser. O conceito de liberdade é então usado para alimentar o mercado.

Por consequência, constatamos que algumas mulheres têm se afirmado enquanto mulheres a partir do aparato biológico. Sabemos que este é um ponto de partida importante para o sujeito, mas nossa aposta é em construções simbólicas e singulares.

Em contrapartida, encontramos discursos que são resistências, que transgredem as regras e mostram a castração do mestre. Nesse sentido, pensamos que os movimentos feministas têm um forte impacto nos novos modos de vida, porém ao tentar coletivizar as mulheres, atestam que isso é impossível. As problemáticas que envolvem a delimitação de quem seria o sujeito desses movimentos reafirmam a tese lacaniana de que os sujeitos em uma posição feminina não formam grupo.

Em vista disso, ao exporem suas experiências, mostraram o que há de construção de cada uma nas problemáticas que envolvem o feminino, é justamente por isso que o discurso do mestre não consegue dominar totalmente os sujeitos que se encontram nessa posição. O Outro gozo ao qual estão parcialmente submetidas mostra a impossibilidade de o discurso do mestre reinar totalmente na cultura.

Ao longo da nossa pesquisa, também percebemos que a escrita tem uma função importante para as mulheres. A nossa compreensão é de que ao estarem mais próximas ao real, a escrita pode ajudar a circunscrevê-lo, de modo que a escrita em blogs pode ser uma alternativa que auxilia o processo de simbolização das questões que perpassam os sujeitos.

Através da leitura dos textos publicados em blogs, deparamo-nos com uma pluralidade discursiva, pensamos que as mulheres, ao tomar a voz, trouxeram ao centro do debate este Outro gozo e denunciam a impossibilidade de universalização imposta pela cultura, mas mais do que isso, há reivindicações de reconhecimento, para que se possa dar um lugar a esse Outro gozo, de forma que ele não seja julgado como uma patologia, ou como algo que remete a um horror. Reivindica-se, portanto, saídas menos universalizantes e a abertura para o singular.

Diante das elaborações realizadas ao longo desta dissertação, constatamos que os discursos encontrados nos blogs mostram as possibilidades criativas presentes na posição feminina, dão testemunho de que é possível fazer algo com o excesso, para além

de sua extinção. Cada uma encontra sua maneira de fazer isso. Ainda que não seja possível dizer como fazer isso, cabe a nós reiterar a ética da psicanálise, vestir-nos de objeto causa de desejo, tornando possível que algo inédito e singular possa ser construído para além do discurso dominante.

REFERÊNCIAS

- Agência Patrícia Galvão. (2022). *Para 74% dos brasileiros, casos de aborto previsto por lei devem ser mantidos ou ampliados*. Recuperado de:
<https://agenciapatriciagalvao.org.br/institucional/pesquisas/aviso-de-pauta-para-74-dos-brasileiros-casos-de-aborto-previsto-por-lei-devem-ser-mantidos-ou-ampliados/>
- Alonso, S.L & Fuks, M.P. (2014). *A construção da masculinidade e a histeria nos homens na contemporaneidade*. In: *Histeria & gênero*. (pp. 243-268). São Paulo: nVersos.
- Alvarenga, E. (2015). *As mulheres e a violência de nossos tempos*. *Opção Lacaniana*. 6 (17).
- Ambra, P. (2014) *A noção de homem em Lacan: entre discurso e lógica*. In: *Histeria & gênero*. (pp. 171-198). São Paulo: nVersos.
- Ambra, P.E.S & et, al. (2019). *A histeria como questão de gênero*. In: *Patologias do social*. (1a ed., pp. 291-317). Belo Horizonte: Autêntica editora.
- Arteiro, I. L. (2017). *A mulher e a maternidade: um exercício de reinvenção*. (Tese de doutorado). Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE, Brasil.
- Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. (Waltensir Dultra, Trad). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Barillot, P. (2016). *Sair do discurso capitalista?* *Stylus Revista de Psicanálise*. 33, 153-161.
- Barroso, A. F. (2012). *Sobre a concepção de sujeito em Freud e Lacan*. *Barbarói*. 36, 149-159.
- Bassols, M. (2012). *La violencia contra las mujeres: Cuestiones Preliminares a su tratamiento desde el psicoanálisis*. Desescritos da psicoanálise lacaniana. Recuperado de:
<http://miquelbassols.blogspot.com.br/2012/11/la-violencia-contra-las-mujeres.html>.
- Betts, J. (2005). *Entre mito e complexo: o que vale o pênis no século XXI*. *Revista da associação psicanalítica de Porto Alegre*. 28, 71-86.
- Bezerra, A. F. (2020). *O mal estar tecnológico: uma reflexão psicanalítica sobre os gadgets*. (Dissertação). Programa de mestrado em psicologia social, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Boltanski, L. (2012). *As dimensões antropológicas do aborto*. *Revista Brasileira de Ciência Política*, 7, 205-245.
- Braga, A. (2008, agosto). *Tecnologia e gênero: questões femininas na Internet*. *Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder*. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.
- Brousse, M-H. (2004). *O inconsciente é a política*. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise.

- Brousse, M-H. (2012). *O amor no tempo do “todo mundo dorme com todo mundo”* – o saber de Christophe Honoré. In: *Mulheres de hoje: figuras do feminino no discurso analítico*. (pp. 195-203). Petrópolis: KBR.
- Brousse, M-H. (2019). *Mulheres e discursos*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 21a ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira. (obra originalmente publicada em 1990).
- Caldas, H. (2013) *A fala e a escrita da mulher que não existe*. Opção Lacaniana online. 4 (10). 1-12.
- Carneiro, S. (2005). *A construção do Outro como Não-Ser como fundamento do ser*. (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Clavreul, J. (1983). *A ordem médica: poder e impotência do discurso médico*. São Paulo: Brasiliense.
- Clotilde. L. (2016). *O ser e o gênero: homem/mulher depois de Lacan*. Belo Horizonte: EBP editora.
- Coelho, C. M. S. (2006). *Psicanálise e laço social - uma leitura do Seminário 17*. Mental. 4 (6), 107-121.
- Coppus, A. N. S. (2008). *Do corpo imaginário ao corpo marcado pelo objeto a no ensino de Lacan: uma torção*. Reverso, 30(56), 71-76.
- Cossi, R.K (2016). *A diferença dos sexos: Lacan e o feminismo*. (tese de doutorado). Instituto de Psicologia da universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Couto, L. F. S. & et, al. (2018). *Os Discursos Lacanianos como Laços Sociais*. Revista Subjetividades, (Ed. Especial), 93-104.
- Cunha, C. F & Lima, V. M. (2017). *A Radicalização Da Recusa Frente À Inexistência Da Relação Sexual*. Instituto de psicanálise e saúde mental de Minas Gerais. 11 (20).
- Davis, A. (2016). *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Biotempo. (obra originalmente publicada em 1970).

- Facchini, R. (2003). *Movimento homossexual no Brasil: reconpondo um histórico*. Cadernos Arquivo Edgard Leuenroth, Unicamp, 10 (18-19). 79-123.
- Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato Silveira. Salvador: EDUFBA. (obra originalmente publicada em 1952).
- Ferenczi, S. (1992). *Confusão de língua entre os adultos e a criança*. In: Obras completas, Psicanálise IV. São Paulo: Martins Fontes, p. 97-109. (Obra originalmente publicada em 1933).
- Figueiredo, L.C & Minerbo, M. (2006). *Pesquisa Em Psicanálise: Algumas ideias e um exemplo*. Jornal de Psicanálise. 39(70). 257-278.
- Finker, B. (2008). *O sujeito lacaniano entre a linguagem e o gozo*. Rio de Janeiro: Zahar Editor.
- Fortes, I. (2012). *A anatomia fantasmática: o lugar do corpo em psicanálise*. EPOS, 3(2).
- Freud, S (1996). *A etiologia da histeria (1896)*. In: Obras completas de Sigmund Freud: Primeiras publicações psicanalíticas, Vol III (1893-1899). (pp. 110- 131) Rio de Janeiro: Imago editora.
- Freud, S (2010). *Introdução ao narcisismo (1914)*. In: Sigmund Freud Obras Completas Volume 12, Introdução Ao Narcisismo, Ensaio De Metapsicologia E Outros Textos (1914-1916). Tradução Paulo César De Souza. (pp 10-37). Rio de Janeiro: Companhia das letras.
- Freud, S. (2011). *Contribuição à pré-história da técnica psicanalítica*. In: Obras completas de Sigmund Freud: Psicologia das massas e análise do eu e outros textos, Vol 15 (1920-1923). (pp. 196- 198) Imago editora. (Obra original publicada em 1920-1923).
- Freud, S. (2011). *O eu e o Id (1923)*. In: Sigmund Freud Obras Completas Volume 16, O eu e o id, “Autobiografia” e outros textos (1923-1925). Tradução Paulo César De Souza. (pp 11-64). Rio de Janeiro: Companhia das letras.
- Freud, S. (2019) *A análise finita e infinita (1937)*. In: Sigmund, F. Obras incompletas de Sigmund Freud: fundamentos da clínica psicanalítica. (1a ed., pp. 315-365). Belo Horizonte: Autêntica editora. (Obra original publicada em 1937).

- Freud, S. (2019) *A feminilidade (1933)* (conferência XXXIII) In: Sigmund, F. Obras incompletas de Sigmund Freud: Amor, sexualidade e feminilidade. (1a ed., pp. 313-349). Belo Horizonte: Autêntica editora. (Obra original publicada em 1933).
- Freud, S. (2019) *As pulsões e seus destinos*. In: Sigmund, F. Obras incompletas de Sigmund Freud: as pulsões e seus destinos. (1a ed., pp. 13-73) Belo Horizonte: Autêntica editora. (Obra original publicada em 1915).
- Freud, S. (2019) *Sobre a sexualidade feminina (1931)*. In: Sigmund, F. Obras incompletas de Sigmund Freud: Amor, sexualidade e feminilidade. (1a ed., pp. 285-311). Belo Horizonte: Autêntica editora. (Obra original publicada em 1931).
- Freud, S. (2019). *A questão da análise leiga: posfácio*. In: Sigmund F. Obras incompletas de Sigmund Freud: Fundamentos da clínica psicanalítica. (1a ed., pp. 205-315). Belo Horizonte: Autêntica editora. (Obra originalmente publicada em 1927).
- Freud, S. (2019). *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925)*. In: Sigmund, F. Obras incompletas de Sigmund Freud: Amor, sexualidade e feminilidade. (1a ed., pp. 259-27). Belo Horizonte: Autêntica editora. (Obra original publicada em 1925).
- Freud, S. (2019). *Recomendações ao médico para o tratamento psicanalítico 1912*. In: Sigmund F. Obras incompletas de Sigmund Freud: Fundamentos da clínica psicanalítica. (1a ed., pp. 93-107). Belo Horizonte: Autêntica editora. (Obra originalmente publicada em 1912).
- Freud, S. (2020) *O mal-estar na cultura (1930)*. In: Sigmund, F. Obras incompletas de Sigmund Freud: Cultura, sociedade, religião: o mal-estar na cultura e outros escritos. (1a ed., pp. 305-411). Belo Horizonte: Autêntica editora. (Obra original publicada em 1930).
- Fuentes, M. J. S (2009) *As mulheres e seus nomes: Lacan e o feminino*. (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Fuentes, M. J. S. (2012) *Nota preliminar ao tema do gozo feminino no século XXI*. In: Mulheres de hoje: figuras do feminino no discurso analítico. (pp. 193-195). Petrópolis: KBR.
- Garcia-Roza, L. A. (2001) *O sujeito e o eu*. In: Garcia-Roza, Luiz Alfredo. Freud e o inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- Gerbase, J. (2020). *Prefácio*. In: Seminários: homens, mulheres. (2a ed., pp. 5-19). São Paulo: Aller.
- Giddens, A. (1993) *A transformação da Intimidade*. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora Unesp.
- Gurgel, T. (2010, agosto). Fazendo Gênero Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. *Feminismo e luta de classe: história, movimento e Desafios teórico-políticos do feminismo na Contemporaneidade*. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.
- Hooks, B. (2010). *Vivendo de amor*. O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe, 2, 188-198.
- Iaconelli, V. (2012) *Mal-estar na maternidade: do infanticídio à função materna*. (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Iannini, G & Tavares, P. H. (2019) *Sobre amor, sexualidade e feminilidade*. In: Sigmund F. Obras incompletas de Sigmund Freud: amor, sexualidade e feminilidade. (1a ed., pp. 7-35). Belo Horizonte: Autêntica editora.
- Iannini, G. (2019). *Epistemologia da pulsão: fantasia, ciência, mito*. In: Sigmund F. Obras incompletas de Sigmund Freud: As pulsões e seus destinos. (1a ed., pp. 91-135). Belo Horizonte: Autêntica editora.
- Kehl, M. R. (2008). *Deslocamentos do feminino*. (2a ed). Rio de Janeiro: Imago.
- Kehl, M. R. (2017). *Três motivos (pelo menos) para se ler Freud hoje*. In: Por que Freud hoje? (1a. Ed., pp 17-25). São Paulo: Zagodoni Editora.
- Kehl, M.R. (2004). *A impostura do macho*. Revista da associação psicanalítica de Porto Alegre. 27. 90-103.
- Lacan, J. (1985). *Jacques Lacan o Seminário: livro II: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Editor. (Obra original publicada em 1964).
- Lacan, J. (1992). *Jacques Lacan o Seminário: livro VII: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Editor. (Obra original publicada em 1969-1970).

- Lacan, J. (1995). *Jacques Lacan o Seminário: livro4 A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Zahar Editor. (Obra original publicada em 1956-1957).
- Lacan, J. (1998). *A significação do falo*. In: Jacques L. Escritos. (pp. 692-704). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor (Obra original publicada em 1958).
- Lacan, J. (1998). *Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina*. In: Jacques L. Escritos. (pp. 734-749). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor (Obra original publicada em 1960).
- Lacan, J. (1998). *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*. In: Escritos. (pp. 238-325). Rio de Janeiro: Zahar editor. (Obra originalmente publicada em 1953).
- Lacan, J. (1999). *Jacques Lacan o Seminário: livro5 As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar Editor. (Obra original publicada em 1957-1958).
- Lacan, J. (2001). *radiofonia*. In: Jacques L. Outros Escritos. (pp.400-448). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor (Obra original publicada em 1970).
- Lacan, J. (2001). *Televisão*. In: Jacques L. Outros Escritos. (pp.508-544). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor (Obra original publicada em 1974).
- Lacan, J. (2008). *Jacques Lacan O seminário: livro 16: De um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1968-1969).
- Lacan, J. (2008). *Jacques Lacan o Seminário: livro20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar Editor. (Obra original publicada em 1972-1973).
- Lacan, J. (2008). *Jacques Lacan o Seminário: livro7: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Editor. (Obra original publicada em 1959-1960).
- Lacan, J. (2009). *Jacques Lacan o Seminário: livro18: De um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Zahar Editor. (Obra original publicada em 1971).
- Lacan, J. (2012). *Jacques Lacan o Seminário: livro19: ...ou pior*. Rio de Janeiro: Zahar Editor. (Obra original publicada em 1971-1972).
- Laurent, E. (2007). *A sociedade do sintoma*. Rio de Janeiro: Contra Capa.

- Laurent, E. (2013). *Falar com seu sintoma, falar com seu corpo*. Textos do VI ENAPOL. VI Encontro Americano de Psicanálise de Orientação Lacaniana. Falar com o Corpo. A Crise das Normas e a Agitação do Real. Buenos Aires. Recuperado de:
<http://enapol.com/vi/pt/portfolio-items/falar-com-seu-sintoma-falar-com-seu-corpo/>
- Leão, M. T. M. (2018). *“Amiga Leitora”*: Expressões Do Feminino E Sua Relação Com O Discurso. (Tese de doutorado). Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE, Brasil.
- Leguil, C. (2016). *O ser e o gênero: homem/mulher depois de Lacan*. Belo Horizonte: EBP editora.
- Lima, N. L. (2009). *A escrita na adolescência: os blogs como um tratamento do real da puberdade, analisados a partir da função do romance*. (tese de doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG, Brasil.
- Lima, V. M. (2022). *O Gênero (de)Preciado: a Psicanálise e a Necrobiopolítica das Transidentidades*. Estudos e pesquisas em psicologia. 22, 1643-1662.
- Machado, O. (2023). *Implicações da criminalização do aborto a partir da psicanálise*. Instituto de psicanálise e saúde mental de Minas Gerais. 18 (30).
- Miller, J. A. (2014). *A criança entre a mulher e a mãe*. Opção lacaniana online nova série, 5 (15).
- Miller, J-A. (2004). *Uma fantasia*. Opção lacaniana - Revista Internacional de Psicanálise, 42, 7.
- Miller, J-A. (2006). *O inconsciente real*. Opção lacaniana online. 9, 1-10.
- Moreira, M. M. (2021). *O feminismo é feminino? A inexistência da mulher e subversão da identidade*. Belo Horizonte: Scriptum.
- Neves, A. S. A. (2007). *As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: a caminho do “amor confluyente” ou o retorno ao mito do “amor romântico”?* Estudos Feministas, Florianópolis, 15(3), 609-627.
- Pachá, A & Piedade, V. (2021). *sobre feminismos*. Rio de Janeiro: Agir.
- Pasinato, W. (2015). *Oito anos de lei maria da penha. Entre avanços, obstáculos e desafios*. Estudos feminista. 23 (2).

- Preciado, P. B. (2018). *Testo Junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. n-1 edições. (obra originalmente publicada em 2008).
- Preciado, P. B. (2022). *Eu sou o monstro que vos fala: Relatório para uma academia de psicanalistas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Quinet, A. (2009). *Psicose e laço social: esquizofrenia, paranoia e melancolia*. (2a. ed). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Ramalho, R.M. (2005). *O que elas falam deles*. Revista da associação psicanalítica de Porto Alegre. 28. 23-31.
- Reis, V. A. W & Silva, F. L. (2020). *Uma análise do caso Dora à luz dos quatro discursos lacanianos*. *Ágora*. 23(2).
- Ribeiro, C. N. G. (2008). *O que são blogs?* In: *Ana (orexia): uma imagem obscena*. (dissertação de mestrado). (pp. 8-14). Universidade Católica do Pernambuco, Recife, PE, Brasil.
- Riguini, R. D & Marcos, C. M. (2018). *Cinco notas sobre o feminicídio a partir da psicanálise*. *Subjetividades*. (ed. Especial). 1-12.
- Riviére, J. (2005). *A feminilidade como máscara*. *Psychê*. IX (16), 13-24. (Artigo originalmente publicado em 1929).
- Rolnik S. (1997). *Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização*. *Cultura e subjetividade: saberes nômades*. Campinas: Papirus, 19-24.
- Rostagnol, S. (2005). *Autonomia y subordinacion en el transito de las mujeres por el aborto clandestino*. *Otras Miradas*, 5(2).
- Santiago, J (1996). *Aspecto atual da histeria na civilização da ciência*. In: *Pesquisa em psicanálise*. (pp. 33-42). (Coletâneas da Anpepp n. 16). Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia.
- Sarmiento, R. (2015). *Feminismo, reconhecimento e mulheres trans: expressões online de tensões*. *Pensamento Plural*. 17, 129-150.
- Scavone, L. (2008) *Políticas feministas do aborto*. *Estudos Feministas*, 16(2), 675-680.

- Serge, A. (1986). *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Silva Júnior, J. R & Besset, V. L. (2010). *Violência e sintoma: o que a psicanálise tem a dizer?* Revista de Psicologia. 22 (2). 323-336.
- Silva, F.C.F. & Macedo, M.M.K. (2012). *A escuta do masculino na clínica psicanalítica contemporânea: singularidades de um padecer.* Psicologia: Teoria e Pesquisa. 28 (2), 205-217.
- Silva, J. A. P. (2017). *A psicanálise e o mal-estar na contemporaneidade.* Estudos de psicanálise. 48, 99-106.
- Soares, S. S. D & Stengel, M. (2021). *Netnografia e a pesquisa científica na internet.* Psicologia USP. 32 (66). 1-11.
- Soler, C. (1998). *A literatura como sintoma.* In: A psicanálise na civilização. (pp. 13-21). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- Soler, C. (2006). *O que Lacan dizia das mulheres.* (2a edição). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Soler, C. (2016). *O um totalmente só e seus laços.* Stylus Revista de Psicanálise. 33, 31-44.
- Soler, C. (2020). *Introdução.* In: Seminários: homens, mulheres. (2a ed., pp. 19-31). São Paulo: Aller.
- Tendlarz, S. E. (2014). *A lei de identidade de gênero.* Lacan Quotidien. 392.
- Veras, M. (2015). *Heterossexualidades.* Instituto da Psicanálise Lacaniana. Recuperado de: <https://ipla.com.br/conteudos/artigos/heterossexualidades/>
- Veras, M. (2022). *2023, um ano mais trans.* Metro1. Recuperado de: <https://www.metro1.com.br/artigos/166,2023-um-ano-mais-trans>
- Vieira, M. A & Barros, R. R. (2015). *As mães.* Editora: Subversos.
- Vieira, M. A. (2019). *Falo, paranoia e bricolagem (segunda parte) – ou Notas de psicanálise, sexo e política, segunda parte.* Blog de la asociación mundial de psicoanálisis. Recuperado de: <https://uqbarwapol.com/falo-paranoia-e-bricolagem-marcus-andre-vieira-ebp/>

- Vieira, M. A. (2021). *El analista y las nuevas sexualidades*. Conferência proferida em atividade online realizada pela NEL-Cali. Recuperado de:
https://causaclinica.com.ar/cursos_2022/doc/analista_y_nuevas_sexualidades.pdf
- Vilela, Y. (2012). *O erro comum e a paixão transexual*. Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais. Recuperado de: <http://institutopsicanalise-mg.com.br/index.php/o-erro-comum-e-a-paixao-transexual>
- Vorcaro, A. (2020). *Do método em psicanálise*. In: Queiroz, E. F. & Zanotti, S. V. (orgs). Metodologia de pesquisa em psicanálise. (1a ed, pp. 7-17). Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Xavier, K. R. (2022). *Os discursos em Lacan e a práxis feminista: Lélia Gonzalez para seguir adiante*. (tese de doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Zalberg, M. (2003). *A relação mãe-filha*. Rio de Janeiro: Campus.